

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Francisca Niédja Barros Teixeira

**IMPOSIÇÃO DE MÃOS:
Um estudo de religiões comparadas**

Recife
2009



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Francisca Niédja Barros Teixeira

IMPOSIÇÃO DE MÃOS:
Um estudo de religiões comparadas

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Religião, Linha de Pesquisa Tradição Judaico-Cristã Cultura e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Orientação: Professor Doutor Gilbraz de Souza Aragão.

Recife
2009

T266i Teixeira, Francisca Niédja Barros
Imposição de mãos : um estudo de religiões comparadas /
Francisca Niédja Barros Teixeira ; orientador Gilbraz de Souza
Aragão, 2009.
95 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião,
2009.

1. Religiões. 2. Fenomenologia. 3. Imposição das mãos. I. Título.

CDU 29

FRANCISCA NIÉDJA BARROS TEIXEIRA

IMPOSIÇÃO DE MÃOS:
UM ESTUDO DE RELIGIÕES COMPARADAS

Dissertação de Mestrado, submetida à Banca Examinadora, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovação _____

Recife, 23 de março de 2009.

^

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Prof. Dr. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros

Muito obrigada senhor, pelo que me deste, pelo que me dás!
Muito obrigada senhor pelas minhas mãos!
Mãos que curam que semeiam que agasalham.
Mãos de amor, mãos de caridade e solidariedade.
Mãos que apertam as mãos. Mãos de poesia,
de cirurgia, de sintonia, de sinfonia, de psicografias...
Mãos que acalentam a velhice, a dor e o desamor!
Obrigada senhor, porque nasci.
Pelo teu amor, obrigada senhor!

À memória dos meus pais.

“Se pegarem um copo de vinho do Porto e o interrogarem, podem ter a certeza de que nesse vinho do Porto, há partículas que se formaram nos primeiros segundos do Universo, ou seja, há cerca de sete a quinze milhões de anos; há também o hidrogênio, um dos primeiros elementos a ser formado no Universo, e produtos do átomo do carbono, formado quando da existência do sol anterior ao nosso. No copo de vinho do Porto, há a conjugação de macromoléculas que se juntaram na terra para dar origem à vida e há ainda a evolução do mundo vegetal, a evolução animal, até o homem, e a evolução técnica que permitiu ao ser humano extrair o sumo da uva e transformá-lo (...) Dito de outra maneira, num copo de vinho do Porto, temos toda a história do Cosmos e, simultaneamente, a originalidade de uma bebida encontrada apenas na região do Douro. Somos filhos da natureza viva da terra e estrangeiros a nós próprios. Esta reflexão leva-nos a abandonar a ideia que considerava o ser humano como centro do mundo, Mestre e Dominador da natureza”.

Edgar Morin

AGRADECIMENTO

Ao tradicional espaço de agradecimento dedicado às pessoas e instituições que colaboraram na consecução desse trabalho. A minha sincera gratidão a todos, e minhas sinceras desculpas aqueles, involuntariamente, eu possa ter esquecido de mencionar. Aos meus filhos pelo incentivo e ao Professor Doutor Gilbraz de Souza Aragão, agradeço, pela orientação e compreensão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

Capítulo 1 - Espiritismo e a imposição de mão

1.1 - As origens Espiritismo.....	15
1.2 - O kardecismo francês.....	18
1.3 - A dimensão religiosa do Espiritismo.....	20
1.4 - Contribuições do Mesmerismo para o Espiritismo e o seu esquecimento.....	21
1.5 - O passe espírita.....	24
1.6 - A imposição de mãos.....	26

Capítulos 2 - Messiânicos e a imposição de mãos

2.1 - Imigração japonesa no Brasil.....	28
2.2 - A Igreja Messiânica Mundial do Brasil (Sekai Kyusseikyo).....	29
2.3 - Valorização da Arte como filosofia de vida.....	32
2.4 - Existência de vários deuses.....	33
2.5 - A trilogia dos órgãos internos e o johrei	35
2.6 - Atuação do johrei.....	36

Capítulo 3 – A Imposição de Mãos no Reiki

3.1 - Origens do Reiki.....	40
3.2 – Energia do Reiki.....	43
3.3 - Iniciação - rei - ju.....	45
3.4 - Níveis do reiki.....	46

Capítulo 4 – Apresentação comparativa da imposição de mãos nas três

Instituições a partir das entrevistas

4.1 - Uma visão metodológica.....	54
4.2 – Transcrição das entrevistas das entrevistas.....	56
4.3 - Interpretação das entrevistas.....	57
4.4 – Síntese das entrevistas.....	63
4.5 – Comparação da imposição de mãos nas três instituições.....	66
4.6 – Tabela comparada das religiões.....	72

Capítulo 5 – Interpretação da cura pelas mãos à luz das Ciências da Religião

5.1 - Fé e Razão.....	74
5.2 - Ciência e Religião.....	76
5.3 – Saúde e Salvação.....	79

Considerações Finais.....	85
----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas.....	92
--	-----------

RESUMO

Este estudo tem como objetivo realizar uma análise comparativa da técnica terapêutico-religiosa da bênção através da Imposição das Mãos em três entidades filosófico-religiosas, procurando descobrir as suas distinções contextuais e as possíveis estruturas desse fenômeno. Utilizam-se como fontes, além da bibliografia atinente, também entrevistas com os adeptos das tradições que vivenciam tal modo de prece. Serão situadas historicamente e contextualizadas dentro da comum tradição oriental inculturada em suas derivações brasileiras, as práticas do passe no Espiritismo, do johrei na Igreja Messiânica e do Reiki no movimento de mesmo nome. Em seguida, pela análise comparativa dos depoimentos dos praticantes, será esboçada uma morfologia do sagrado que transparece nessas vivências terapêuticas da Imposição das Mãos, que realizam variações em torno da binomia saúde e salvação.

PALAVRAS CHAVE – Ciências da Religião, Religiões Comparadas, Fenomenologia da Religião.

ABSTRACT

This study aims to make a comparative analysis of the blessing therapeutic-religious technique, by hands imposition in three philosophical – religious entities, trying to discover their contextual distinction and the possible structures of this phenomenon. They have been used as sources, besides the regarded bibliography, as well as interviews of those who adapt the tradition that they have been using as a prayer. Historically, they are situated and contextualized in the common oriental tradition present in Brazilian derivation, the practice of *Passé* in the Spiritism, *Johrei* of Messianic Church and *Reiki* in the movement using the same name. Soon after, by the comparative analysis of the testimonies of the participants, it will be outlined a morphology of the secret that is showed in the therapeutic experiences of Hands Imposition, which make variations between health and salvation.

KEY WORDS - Science of Religion, Compared Religions, Phenomenology of Religion.

INTRODUÇÃO

As mãos humanas comportam diversos sentidos, de acordo com os vários sistemas de conhecimento e de religião. Além disso, ao longo da história das sociedades, os gestos manuais sempre tiveram um papel importante, tanto na vida cotidiana como na religiosa. A variedade de sentidos conferidos aos gestos manuais expressa, pois, mais que sistemas de conhecimentos, a riqueza de valores religiosos que o humano encontra para suas culturas.

Sobre os gestos sagrados, Ramm-Bonwitt (1997, p. 258) ensina: "Assim como os gestos de cada povo são diferentes, as religiões também se destacam pela valorização diferenciada que atribuem aos gestos". Dos inúmeros sentidos religiosos conferidos aos gestos manuais, o gesto curador, pela sua ampla presença em diversas culturas, permite estudos comparativos entre expressões religiosas diferentes. Através dele é possível ter acesso às concepções de corpo e de humano, que explicam a saúde e a doença, os males e as curas, a vida e a morte, o prazer e a dor.

Entre nós, o espiritismo, seus fundamentos hinduístas e crença baseada na imortalidade do espírito, e as tradições japonesas da prática de reiki e da nova Igreja Messiânica Mundial do Brasil são exemplos relevantes do uso das mãos na cura e/ou terapêutica religiosa.

Sobre a concepção antropológica que preside a cura religiosa pelas mãos, na aplicação do reiki, no passe espírita e no johrei messiânico, como explica Rodrigues (1980, p.90), "as doenças, suas causas, as práticas curativas e os diagnósticos, portanto, são partes integrantes dos universos sociais e, por isso, são partes indissociáveis das concepções mágicas, das cosmologias e das religiões". Nesse sentido, como as medicinas, as curas religiosas comportam concepções dos males, dos processos de cura, do poder do curador e dos procedimentos adequados, que expressam concepções do corpo humano. Além disso, tais concepções, por sua vez, traduzem, através de linguagem própria, conteúdos culturais e relações sociais.

No caso das expressões religiosas escolhidas para este estudo, o uso das mãos é prática curativa central para o alívio dos males físicos e mentais. São elas, porém, soluções sacrais com trajetórias históricas próprias, tanto nos seus contextos de origem como na sociedade brasileira. Além disso, suas doutrinas, teodicéias, rituais e cosmologias conferem às mãos atributos específicos, que devem ser levados em conta na descrição dos seus poderes curativos.

Com a descrição comparativa, que vamos realizar nesta dissertação, da cura pelas mãos através da aplicação do reiki, do passe espírita e do johrei messiânico, espera-se identificar concepções do humano e da sua busca de saúde - e salvação - próprias a cada expressão religiosa.

O espiritismo sincretiza elementos vindos da tradição hinduísta com princípios cristãos conforme a obra do francês Allan Kardec (1803-1869). Ele acreditava na progressão espiritual pela reencarnação, através de uma lei kármica de causa e efeito, tendo como cenário antropológico uma tensão entre espírito e matéria. A mediunidade é exercida como caridade através da ligação com o mundo dos espíritos, e a aplicação de passes insere-se nesse contexto, num ritual de limpeza que substitui fluidos negativos por positivos.

A Igreja Messiânica Mundial chegou ao Brasil em 1955. Seus adeptos construíram, em São Paulo, o protótipo do paraíso terrestre. Entre suas práticas, encontra-se a cura por meio do johrei. Afirmam seus integrantes haver comprovações científicas para sua eficácia e é no ato sagrado do johrei que Deus estabeleceria com o homem um especial estado de união.

O reiki é uma técnica que, segundo os seus adeptos, supostamente, capta a energia vinda do Cosmo e a transmite ao reikiano para que haja um reequilíbrio energético que leva ao pleno estado de saúde, harmonia e paz interior. O sistema reiki serve, em primeiro lugar, para o reikiano ajudar a si próprio a reequilibrar-se, desenvolver a intuição e a capacidade de adaptação e aceitação; e, em segundo lugar, para que o reikiano possa ajudar o outro. O reiki como conhecemos hoje é uma terapia holística natural redescoberta por Mikao Usui, no início do século XX.

Queremos, pela análise comparativa, através da pesquisa de documentos das tradições religioso-filosóficas e também de depoimentos dos praticantes, compreender as variações e as constantes que caracterizam tais técnicas, juntamente com as concepções antropológicas que as fundamentam. Esperamos favorecer, com isso, a tolerância e diálogo entre as religiões, como também promover o diálogo entre dois campos do saber que se separaram no Ocidente: a ciência e a religião.

A religião cria um sistema de linguagem inteiramente diferente da ciência. No entanto, os dois sistemas descrevem e interpretam níveis diferentes do universo humano. Como parte da linguagem religiosa, o ritual sagrado, como é o da Imposição das Mãos, em busca de saúde e/ou salvação, nasce não só de expressões psicosociais de comunicação, mas também imprime e transforma os sentimentos pessoais e grupais com os símbolos do divino. Nossa perspectiva é de que a religião, mais do que expressão da sociedade ou da psiquê, é um

sistema de linguagem e práticas que organiza o mundo em torno do que é considerado sagrado.

Utilizamos como método o estudo comparado da religião, cujas partes podem então ser vistas em relação ao todo, variações em relação a temas, e inovações em relação a padrões históricos globais. Assim, não se pode entender completamente um rito sem compreender toda a gama de ritos que se entrecruzam em determinado contexto.

O típico representante desta nossa metodologia em Ciências da Religião é Mircea Eliade (1907-1986). Eliade defende a tese de que a ciência da religião é uma disciplina autônoma e tem como objeto a análise dos elementos essenciais das diversas religiões. Como a manifestação do espaço sagrado, que permite ao homem um referencial para a sua existência, enquanto o espaço profano não se constitui como realidade ou orientação para a vida; ou o tempo sagrado, que, envolvido em preces e orações, serve como baliza para a organização dos ritmos da vida, como suspensão da existência ordinária e mergulho em uma experiência de absoluto, que pode restaurar a vida – e a saúde.

Mircea Eliade, ao demonstrar a sacralidade do mundo e da natureza, dá como exemplos simbólicos: o céu (símbolos celestes), a água (símbolos aquáticos), a terra (símbolo da Terra Mater), a mulher (a terra e a fecundidade), a árvore (símbolos da vegetação) e outras hierofanias cósmicas¹ (pedra, lua, sol, tecelagem, trevas), símbolos primordiais que aparecem numa análise da natureza como natureza sagrada. O céu se revela por seu próprio modo de ser: a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso. A água resgata o símbolo da criação, porque ela existia antes da terra e conserva a função de purificar; "a mãe humana não faz mais do que imitar a repetir este ato primordial da aparição da vida no seio da terra" (ELIADE, 1999, p.119). Como tais símbolos são invocados na imposição das mãos?!

Pretendemos servir-nos dessas reflexões de Mircea Eliade para compreender as razões pelas quais, em um mundo científico e pós-moderno, muitas pessoas continuam buscando algo tão antigo como a oração de Imposição das Mãos. Pretendemos retomar e desenvolver as concepções eliadianas de linguagem religiosa, em torno do sagrado, para verificar como diversas tradições religiosas criam “sons diferentes, para sonhos iguais”, estabelecendo, por meio de gestos e palavras, uma maneira não só de explicar o mundo – a ciência também faz isso – mas um modo, para os seus adeptos, de habitar o mundo, de mapear e fundamentar a realidade.

¹ Manifestação do sagrado em qualquer coisa de absolutamente diferente do profano.

Em nosso estudo do fenômeno da Imposição de Mãos, seguindo a metodologia da comparação religiosa estabelecida por Mircea Eliade, faremos um levantamento prévio da bibliografia explicativa da cura pelas mãos das tradições do passe, do johrei e do reiki, bem como uma contextualização antropológico-social de tais interpretações. Depois, buscaremos confrontar tais teorias com as práticas de cinco administradores da cura pelas mãos em cada uma das três tradições que elegemos, através de entrevistas.

Dividimos nosso trabalho, então, em cinco capítulos. No primeiro, o **Espiritismo e a imposição de mãos**, apresenta-se um histórico dessas manifestações, as descobertas espíritas sobre a mediunidade e o meio de comunicação entre este mundo material e o mundo espiritual. O segundo capítulo, **Messiânicos e a imposição de mãos**, é um histórico da imigração japonesa ao Brasil e com ela o surgir de um novo movimento religioso, que, segundo afirmativa dos seus adeptos, tem como missão a concretização do mundo ideal, erradicando a doença, a pobreza e o conflito. O terceiro capítulo, **A imposição de mãos no Reiki**, é um histórico do seu redescobridor, dos símbolos secretos utilizados na energia curativa e de suas ramificações budistas, adaptadas e acomodadas aos padrões Ocidentais.

No quarto capítulo, **a apresentação comparativa da imposição de mãos nas três instituições a partir das entrevistas**, faremos um aprofundamento da nossa visão metodológica e as análises das entrevistas nas quais procuramos entender o significado e as motivações dos ritos e símbolos nos depoimentos dos praticantes. E, finalmente, no quinto capítulo, **interpretação da cura pelas mãos à luz das Ciências da Religião**, a partir de referenciais histórico-fenomenológicos, partiremos em busca de uma maior compreensão da manifestação do sagrado nessa prática religiosa da imposição das mãos.

Imaginamos que este nosso estudo da Imposição de Mãos, pela interação de similaridade e diferença de um modo de prece, em algumas tradições religiosas do nosso contexto, acabará demonstrando que as religiões têm uma alma comum, uma voz que, apesar de modulações diferentes, expressa os mesmos sentimentos, dirige-se ao absoluto com invocações análogas, reconhece um “Senhor” e invoca o seu poder para refazer saúde e vida. Em outras palavras, há uma sinceridade na oração que deveria vencer as contestações entre as religiões: se as doutrinas podem dividir os homens, a oração os une sempre, pois, na oração, uma experiência está sendo vivida, com base em motivações locais, mas em ideais humanos universais.

Essa maneira de rezar, de atrair e distribuir bênçãos sagradas subsiste em diversas tradições religiosas e queremos descortinar esse fenômeno em seus sentidos mais universais,

sobretudo considerando o potencial de identidade que ele pode criar para o diálogo entre as religiões.

Além disso, o fenômeno da Imposição das Mãos também pode facilitar a reaproximação entre dois campos do conhecimento humano: a ciência e a tradição religiosa. Hipócrates afirmou, aproximadamente 500 anos antes de Cristo. “Médicos experientes podem confirmar que o calor que flui das mãos, quando aplicado em doentes, é altamente salutar. Enquanto deixo minhas mãos sobre meus pacientes, sinto como se uma força puxasse para fora as dores dos locais afetados, assim como diversas impurezas” (HIPÓCRATES, apud, De’CARLI, 1998, p. 55).

Com o desenvolvimento das ciências, os antigos xamãs, curandeiros, adivinhos e outros foram cedendo lugar aos médicos, psicólogos e sociólogos. Mas o fenômeno humano é vasto e não cabe somente nos parâmetros da ciência. Tanto no mundo dos espíritos, como no que se refere ao inconsciente, o ideal seria a atuação de um profissional dialogando e respeitando a experiência religiosa das crenças e dos valores do seu cliente, em vista dos seus conteúdos religiosos próprios e nos limites da prática psicológica recomendada.

A compreensão da Imposição das Mãos não só abre interfaces no diálogo entre religião e terapêutica psicológica, mas também com a física e as ciências da natureza. O físico moderno experimenta o mundo através da mente racional; o místico, através de sua mente intuitiva. Duas abordagens diferentes, que envolvem muito mais que uma determinada visão de mundo físico. Entretanto, por serem complementares, nenhuma pode ser compreendida sem a outra, e uma não pode ser reduzida a outra. Ambas são necessárias, completam-se para uma abrangente compreensão do mundo.

A experiência profunda da mística é necessária para a compreensão da natureza mais profunda das coisas, e a ciência é essencial para a vida moderna. Necessitamos, na verdade, não de uma síntese, mas de uma interação dinâmica entre intuição mística e a análise científica (CAPRA, 1995, p. 228).

Com o avanço da ciência quântica e a bioenergética, muitos milagres estão sendo reinterpretados como energia manipulada: “imposição das mãos, cura pela fé ou cura espiritual. Não se trata, de maneira alguma, de um processo misterioso: trata-se, pelo contrário, de um processo muito direto, se bem que, não raro, muito complicado. Um processo que envolve a reequilibração do campo de energia” (BRENNAN, 1987, p. 23). Nossos corpos são compostos de energia e informação, não apenas de matéria sólida. Essa energia e

informação são manifestações dos infinitos campos de energia e informações que alcançam todo o universo. Corpo e mente são inseparáveis.

Em nosso trabalho não há a pretensão de julgar ou analisar a eficácia dessas práticas como técnica de cura, mas apenas situá-las dentro do contexto das práticas terapêutico-religiosas, descortinando-lhes um outro nível de sentido e compreensão. E esperamos que essa abordagem hermenêutica abra caminhos para relações de diálogo e compreensões cada vez mais dialógicas entre as religiões.

Capítulo 1

Espiritismo e imposição das mãos

1.1 As origens do Espiritismo

A pré-história do Espiritismo remonta a relatos de comunicação com espíritos² na Antiguidade e na Idade Média. Atualmente, o movimento encontra-se organizado, o que facilita ao pesquisador das Ciências da Religião detectar melhor o que não era possível em época remota.

É impossível fixar uma data provável às primeiras aparições do Espiritismo. Numerosos foram os precursores que enunciaram a suposta comunicação entre os vivos e os mortos. Em fins de 1852, desembarcavam no norte da Escócia alguns médiuns³ americanos que traziam em suas bagagens o Espiritismo Moderno⁴.

A comunicação dos espíritos se deu então através das mesas girantes, batizadas pelos ingleses de “table-moving”, cuja técnica consistia nos médiuns ficarem sentados em volta de uma mesa de acaju com as mãos sobrepostas e, ao toque dos dedos, dava-se o fenômeno: uma presumida “energia magnética” fazia com que a mesa girasse lentamente e em velocidade crescente, sempre na direção norte. Os que estavam presentes poderiam acompanhar o girar da mesa ou até o seu “dançar”.

O Diário de Pernambuco do dia 02 de Julho de 1853 atraiu a curiosidade dos recifenses, por exemplo, com a seguinte notícia procedente de Paris: “não se pode pôr pé em um salão, sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda, tendo cada um o dedo mínimo apoiado no do vizinho, e esperando todos em silêncio que a tábua queira voltar” (WANTUIL, 1958, p. 127). Essa energia desconhecida pelos apreciadores do referido fenômeno foi nomeada de força inteligente e o movimento circular das mesas parecia ser independente das pessoas.

² Os espíritas entendem que “espíritos” são seres invisíveis dotados de inteligência.

³ Médiun é como o Espiritismo chama toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade.

⁴ A Federação Espírita Brasileira, órgão oficial do Espiritismo considera o espiritismo moderno brasileiro o que segue a escola francesa, e não a inglesa. E tem como marco as irmãs Fox.

As mesas girantes, que serviram de divertimento e zombarias nos salões, chamaram a atenção de Luigi Galvani⁵, a cujas experiências se devem tantas aplicações da eletricidade. O fenômeno foi associado por ele a uma teoria que desenvolvera, chamada de “dança das rãs”, de onde havia tirado o princípio fundamental da eletricidade e do magnetismo (WANTUIL, 1958, p.183).

Um vidente chamado Emmanuel Swedenborg, nascido em Estocolmo, no dia 29 de janeiro de 1688, filho de pais luteranos, professor de Teologia na Universidade Uppsala, no ano de 1745, encontrava-se sozinho, à noite, quando algo estranho surgiu a sua frente, anunciando uma Nova Revelação. Surpreso com o acontecido, assim se expressou após a experiência:

Devo, pois, de antemão manifestar que pela divina misericórdia do Senhor, foi-me permitido, desde há muitos anos, estar constantemente em companhia de anjos e espíritos, ouvi-los falar e falar com eles. Deste modo foi-me permitido ver e ouvir coisas maravilhosas na outra vida, as quais nunca antes chegaram a conhecimento de homem algum, nem nunca passaram pela mente humana. Fui informado a respeito de diferentes classes de espíritos, os estados da alma após a morte; o inferno, ou seja, o estado lamentável dos infiéis; o céu, ou seja, o estado bem-aventurado dos fiéis, e, especialmente, a respeito da doutrina da fé universalmente reconhecida no céu, de cujas coisas, mediante a Divina Misericórdia do Senhor, mais se dirá no que se segue (SWEDENBORG, 1989, p. 13).

Swedenborg era possuidor de mediunidade⁶, consagrou o Espiritismo como uma “nova religião psíquica”, podendo, ainda, devido a sua contribuição aos fenômenos mediúnicos, particularmente no que diz respeito ao transe, ser reconhecido como o Revelador dos fenômenos supranormais⁷. Entretanto, ele não foi o único a levantar essa hipótese de comunicação entre as almas vivas e as almas mortas: Kaspar Lavater (1741-1801), um pastor calvinista de Zurique, juntamente com Swedenborg, fizeram parte de um movimento através do qual o contato com as forças pertencentes ao além túmulo ganhou uma forte aceitação. Para Lavater, o mundo invisível apresenta-se da seguinte forma:

⁵ Luigi Galvani (1737-1798) defendia a existência de uma eletricidade própria oriunda dos corpos dos animais. Após quase dez anos de pesquisa com rã dissecada, suas experiências foram descritas na monografia *De Viribus Electricitatis in Motu Musculari* (“Sobre as forças de eletricidade nos movimentos musculares”). Onde expôs sua conclusão, a eletricidade detectada tinha origem animal. Utilizando fluidos animais mais alguns discos metálicos separados por papelão umedecido com solução salina, notou então, que as tensões elétricas se somavam; estava inventada a pilha elétrica a que então chamamos graças ao seu inventor de “pilhas galvanizadas”.

⁶ Segundo o Espiritismo, mediunidade é a aptidão especial para os mais variados fenômenos. E são divididos em várias espécies de manifestações. As principais são: de efeitos físicos, sensitivos ou impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos. As classificações em linhas gerais sofrem algumas alterações sob a influência dos costumes e alguns nomes se modificam entre nós, como por exemplo: os auditivos são chamados audientes.

⁷ “Fenômenos supranormais”, para o Espiritismo, representam a força que está de fora do nosso mundo. Força anormal, não aos fenômenos contrários às leis da natureza, mas sim, o inexplicável.

Penso que o mundo visível deve ser perfeitamente penetrável para a alma separada do corpo, assim como o é durante o sono, ou por outra, o mundo em que a alma estava durante sua existência corpórea, deve aparecer-lhe sob outro aspecto, quando ela se desmaterializa. Se, durante algum tempo, a alma pudesse estar sem corpo, o mundo material não existiria para ela. Se, porém, imediatamente depois de haver deixado o corpo, ela se reveste de um corpo espiritual, extraído do seu corpo material, o novo corpo dar-lhe-á, forçosamente, uma diferente percepção das coisas (LAVATER, apud, DENIS, 2006, p.78).

Oficialmente, o dia 31 de março de 1848 foi um marco dessa nova religião, graças à coragem das irmãs Fox em desafiar forças ocultas e temidas pela grande maioria das pessoas. Na família Fox, em Hydesville, Estado de New York (EUA), que deu grande visibilidade ao Espiritismo, havia duas filhas: Margareth, de catorze anos e Kate, de onze. A casa onde eles moravam gozava de má reputação: várias famílias residiram lá, o que levou a casa a ter fama de mal assombrada.

A família Fox passou a ouvir ruídos que eram também notados pelos antigos inquilinos, ruídos semelhantes aos que haviam ocorrido em vários outros locais do mundo. Na noite de 31 de março de 1848, as irmãs Fox desafiaram a força invisível a repetir as batidas que elas davam com os dedos: para cada pergunta cuja resposta fosse sim, correspondia a uma batida, caso contrário, seriam duas batidas. Um jogo de perguntas e respostas levou aquela família a obter a informação de que um mascate havia sido assassinado naquela casa por antigos moradores com o intuito de roubar, e seu corpo havia sido enterrado na adega. O achado dos ossos praticamente corrobora a declaração feita sob juramento por Margaret Fox, em 11 de abril de 1848.⁸

O escritor da língua neolatina Victor Hugo interessou-se em estudar os fenômenos do vultear das mesas, observando aí a confirmação de suas ideias filosóficas e religiosas. É nessa convicção que escreve em 19 de setembro de 1854:

Os seres que povoam o Invisível e que vêem os nossos pensamentos sabem que há vinco cinco anos me ocupo dos assuntos que a mesa suscita e aprofunda. Mas de uma vez a mesa me tem falado desse trabalho; a Sombra do Sepulcro incitou-me a terminá-lo. Nesse trabalho, evidentemente conhecido no Além, nesse trabalho se vinte cinco anos eu encontrara, apenas pela meditação, muitos resultados que compõem hoje a revelação da

⁸ “A descoberta foi feita por meninos de escola, que brincavam na adega da casa de Hydesville, conhecida como a casa assombrada, onde as irmãs Fox tinham ouvido as batidas. Willian H. Hyde, respeitável cidadão de Clyde, e dono daquela casa fizeram investigações e encontrou um esqueleto humano quase completo entre a terra e os escombros das paredes da adega, sem dúvida pertencente àquele mascate que, segundo se dizia, tinha sido assassinado no quarto de leste da casa e cujo corpo tinha sido enterrado na adega. Mr. Hyde avisou aos parentes das Irmãs Fox e a notícia da descoberta será mandada à Ordem Nacional dos Espíritas, muitos dos quais se lembram de ter feito peregrinações à 'Casa Encantada', como é chamada geralmente (DOYLE, 2005,p. 83).

mesa; vira distintamente confirmado algum desses resultados sublimes; entrevira outros que viviam no meu espírito num estado de embrião confuso. Os seres misteriosos e grandes que me escutam vêm, quando querem, no meu pensamento, como se vê numa gruta com um archote: conhecem a minha consciência e sabem quanto tudo o que acabo de dizer é rigorosamente exato. E isto é tão exato, que fiquei por momentos contrariado, no meu miserável amor-próprio humano, com as revelações atuais, que veio lançar à volta da minha lâmpadazinha de mineiro o clarão dum raio ou dum meteoro. Hoje, tudo o que eu vira, é de todo confirmado pela mesa: e as meias revelações à mesa as completam. Neste estado de alma, escrevi: "O ser que se chama Sombra do Sepulcro aconselhou-me a terminar a obra começada; o ser que se chama Ideia foi mais longe ainda e "ordenou-me" que fizesse versos atraindo a piedade para os seres cativos e punidos, que compõem o que parece aos não videntes a Natureza morta. Obedeci. Fiz versos que Ideia me impôs (KARDEC, 1993, p. 326 e 327).

1.2 O kardecismo francês

O Espiritismo na França e nos países de origem latina concentra-se em torno do Professor Hippolyte Leon Denizard Rivail, que nasceu em Lyon, em 03 de outubro de 1804, onde seu pai era juiz. Em 1855, os fenômenos que estavam abalando a Europa causaram um enorme interesse ao Pesquisador, foi quando iniciou estudos sobre o magnetismo animal e o sonambulismo, levando-o a frequentar as reuniões mediúnicas onde aplicava passes. Foi Hippolyte Leon Denizard Rivail, com o auxílio de médiuns previamente selecionados, quem escreveu um Pentateuco teórico de natureza filosófico-científica.

Segundo afirmação de Rivail, ele ficou incumbido pelos espíritos, em uma sessão, de organizar e codificar a doutrina espiritual que deveria revolucionar os pensamentos filosófico, religiosos e científicos, apoiados nas comunicações entre os mortos e os vivos, os encarnados e os desencarnados (KARDEC, 1968, p. 148). Adotou pseudônimo de origem celta Allan Kardec, nome recebido, segundo ele, de uma encarnação passada, onde fora um feiticeiro da época dos druidas.

O Livro dos Espíritos veio à luz em 1857 e tornou-se o livro básico da religião espírita na França. O livro foi assim chamado, segundo Allan Kardec, por exigência dos espíritos, pois teriam sido eles, os próprios espíritos, os autores para as respostas formuladas pelo Codificador. As perguntas cuidadosamente elaboradas por Kardec foram questões relacionadas com fatos que afetam diretamente a humanidade e submetidas ao crivo racional, lógico e científico do Codificador.

Em seguida, outros livros foram publicados em 1861: O livro dos médiuns, em 1864; O evangelho segundo o espiritismo, em 1865; O céu e o inferno, em 1867; A gênese; além de publicações de trabalhos sob o título, O que é o espiritismo.

Assim, o Espiritismo só apareceu no mundo como doutrina no dia 18 de abril de 1857, data da publicação de “O livro dos espíritos”, cuja revelação não foi por intermédio de um Messias, ou por um profeta, mas uma revelação trazida, segundo se compreende no Espiritismo, pelos próprios espíritos, com o auxílio de médiuns escolhidos por Rivail. Essa revelação dos espíritos, para os crentes espíritas, tornou-se um divisor de fronteiras que separavam os vivos dos mortos e o que une os dois mundos, o espiritual e o material.

Desde que o homem existe sobre a Terra, existem os Espíritos, e, desde então, também, os Espíritos se manifestaram aos homens. A história e a tradição formigam de provas a esse respeito; mas seja porque uns não compreendessem os fenômenos dessas manifestações, seja por que outros não ousassem divulgá-las, de medo da prisão ou da fogueira, seja que estes fatos fossem levados à conta de superstição ou charlatanismo pelas pessoas muito prevenidas, ou que tinham interesse em que não se fizesse à luz, seja, enfim, porque fossem levados à conta do demônio por uma outra classe de interesses, é certo que, até estes últimos tempos, esses fenômenos, embora bem constatados, não tinham sido explicados de modo satisfatório, ou que, pelo menos, a verdadeira teoria, não tinha penetrado no domínio público, provavelmente porque a Humanidade ainda não estava madura para isto, como para muitas coisas maravilhosas que se cumprem em nossos dias. Estava reservado a nossa época ver eclodir, no mesmo meio século, o vapor, a eletricidade, o magnetismo animal, que eu entendo pelo menos, como ciências aplicadas e, enfim, o Espiritismo, o mais maravilhoso de todos, quer dizer, não só a constatação material da nossa existência imaterial e da nossa imortalidade, mas ainda o estabelecimento de relações materiais, por assim dizer, constante entre o mundo invisível e nós (KARDEC, 1993, p.15).

A perseguição religiosa⁹ e a política exercidas pela Igreja contra os espíritas e, principalmente, contra os médiuns, foi tanta que, pouco a pouco, o Espiritismo foi sendo abandonado pelos fiéis, ou os que resistiram à pressão reuniram-se às ocultas. “Esforços para diferenciar o Espiritismo das práticas afro-brasileiras foram constantes, essa tentativa é o resultado de preconceito que se introduziu no espiritismo brasileiro” (BASTIDE, 1971, p.483).

Mas a nova religião tornou-se popular; a mudança de comportamento dos fiéis católicos abriram portas para o surgimento de um sincretismo religioso entre os praticantes do

⁹ Nas décadas de 1930 e 1940 as práticas espíritas foram coibidas, pois representavam um atraso para o país. O código penal de 1942 e uma portaria policial condenavam a prática de curandeirismo. Um artigo publicado no Globo afirma que Izabel Pimentel de Castro fora presa em julho de 1949 porque estava aplicando passes em sua casa, o que era considerado curandeirismo (REFORMADOR, 1943, p.219).

espiritismo, fatos não aceitos pela ortodoxia da Igreja Católica transformam o Espiritismo em uma religião ritualística. Uma das principais razões para o aumento da procura de pessoas pela nova religião, foi a promessa de possibilidade em saber notícias dos seus entes queridos, através dos meios mediúnicos, exercidos por pessoas dotadas de faculdade especial, capazes de sentir as manifestações espirituais e se comunicarem com o além.¹⁰

1.3 A dimensão religiosa do Espiritismo

O pensamento no qual está baseada a codificação espírita pretende se conciliar com qualquer religião. O Espiritismo não vem negar a penalidade futura, em outra vida. O que ele destrói é o inferno localizado. Não nega o purgatório, uma vez que nele estamos. Não rejeita a prece pelos mortos: quem a faz, faz por caridade. O inferno está por toda parte onde haja sofrimento, o céu onde haja felicidade. O Espiritismo baseia sua crença numa vida após a morte e na existência de mundos invisíveis e na transmigração das almas.

Assim, a nova revelação, na maioria de seus pontos essenciais, não se apresenta como destruidora das velhas crenças. Ela, pois, seria recebida pelos fieis, realmente fervorosos, de todos os credos, antes como aliada poderosa, do que como um perigoso inimigo engendrado pelo diabo (DOYLE, 1918, p. 57).

Os seguidores da doutrina espírita são orientados por um código ético-moral que se assemelha ao seguido pelos antigos cristãos. Os primeiros cristãos, segundo os espíritas, sabiam que a morte não era o fim e sim um recomeço, que deveria ser chamada propriamente de nascimento. As inscrições nas catacumbas dos cristãos primitivos de Roma falavam da morte como se os mortos estivessem vivos, diferente dos pagãos¹¹, que se referiam à morte como coisa final, irrevogável.

As catacumbas dos primeiros séculos e nos milhares de dispositivos nada se encontram de um sacrifício cruento nem de um nascimento de virgem. Encontrar-se-á o Bom Pastor, a da esperança, a palma do martírio, e o peixe que era o anagrama do nome Jesus (DOYLE, 2005, p. 453).

Segundo o Espiritismo, não eram os Profetas ou Messias que estavam desvendando os segredos do mundo espiritual, mas os espíritos que vinham falar da imortalidade, trazer

¹⁰ Para o espiritismo, “Além” significa o “outro” lado da vida, o mundo dos mortos ou o mundo dos espíritos.

¹¹ O termo pagão remota teologicamente ao AT. É um termo de relação, sendo utilizado, para fins de diferenciação, pelo povo da promessa para referir-se às pessoas fora do povo da salvação. Assim, pode-se continuar falando, abstratamente, de “paganismo”, mas a pessoa concreta, quer seja hindu, budista ou muçulmano, etc., está sempre sob o chamado de Deus e a atuação da graça de Cristo (KÖNIG, 1988, p. 415).

notícias do além-túmulo, lançar suas mensagens consoladoras para os que estavam necessitando de um alento.

O Espiritismo traz à tona a crença na pluralidade das existências admitida na Antiguidade, tendo o Cristianismo repellido tal teoria. O Espiritismo pretende reinterpretar o conceito das religiões orientais à luz das leis da ciência ocidental, como uma lei natural e imutável, segundo a qual toda ação corresponde a uma reação, como forma de evoluir: "As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do progresso depende dos esforços que fazemos para chegar à perfeição" (KARDEC, 1968, p. 175). Nas sucessivas encarnações, uma oportunidade de redimir as faltas do passado, revelando assim a face de Deus em sua dimensão consoladora para toda a humanidade.

A codificação de Allan Kardec, que é a base do Espiritismo na França, repousa os seus princípios doutrinários na reencarnação. Nos países de origem latina, onde predominava a Igreja Católica, os espíritas foram excluídos. Fato que marcou publicamente essa exclusão ocorreu em 9 de outubro de 1861, em Barcelona, quando livros espíritas e a efígie de Kardec foram queimados em praça pública.

A nova religião foi considerada uma ameaça aos princípios doutrinários da Igreja Católica. Entretanto, nos países saxônicos, onde predominava o Protestantismo, formaram-se verdadeiras alianças: o apoio das Igrejas Evangélicas levou à combinação dos estudos baseados nos evangelhos a um acompanhamento das comunicações mediúnicas. "Assim, as práticas espíritas foram recebidas como uma prova da sobrevivência da alma e uma confirmação dos textos bíblicos" (OZAKI, 1999, p. 206).

A visão da Igreja Católica não mudou muito com relação ao espiritismo, como nos mostra essa afirmativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

Os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno, como no foro externo, como verdadeiros hereges e autores de heresias, e não podem ser admitidos à recepção dos sacramentos, sem que antes reparem os escândalos dados, abjurem o espiritismo e façam a profissão de fé (KLOPENBURG, 1953, p. 157).

1.4 Contribuições do Mesmerismo para o Espiritismo e o seu esquecimento

O século XVIII é um marco na difusão da medicina magnética. Anton Franz Mesmer¹² revolucionou a Europa¹³ ao comunicar sua descoberta sobre o Magnetismo Animal¹⁴, obra publicada em 1778, onde expõe a tese da existência de um fluido ultrafino que penetra e cerca todos os corpos. A importância dada à descoberta sobrepujou não só ao maior tratado político da época¹⁵, como também outras descobertas que atendiam a todos os públicos, como, por exemplo, a primeira vez em que o homem subiu aos ares em um balão no ano 1783. Tomando como base os noticiários na imprensa francesa, verificamos que:

O magnetismo ocupa todas as mentes. As pessoas estão aturdidas com seus prodígios, e se se permite ainda duvidar dos efeitos [...] não se ousa mais negar pelo menos sua existência. “O grande objeto das conversas da capital é sempre o magnetismo animal”, dizia o *Courier de l’Europe*, e o *Journal de Bruxelles* informou: “As pessoas só se ocupam com o magnetismo animal [...]. O mesmerismo era discutido nas academias, salões e cafés. Era investigado pela polícia, protegido pela rainha, várias vezes ridicularizado no palco, satirizado em canções populares, versos burlescos e caricaturas, praticado numa rede de sociedades secretas semelhantes à maçonaria, e divulgado por uma enxurrada de livros e folhetos (DARTON, 2007, p.43).

Mesmer curava com a imposição de mãos, como faziam no cristianismo primitivo e como fazem os espíritas na atualidade: era assim que se transmitia o magnetismo animal para os seus pacientes. Preocupado com os enfermos, procurou transferir o magnetismo para objetos “mesmerizados”, para que os enfermos o tomassem dali, sem a necessidade de que ele estivesse presente. Assim receberiam os benefícios trazidos pelo magnetismo, sem que fosse necessária a

¹² “Mesmer nasceu na aldeia de Iznang, perto de Constança, em 1734. Estudou medicina em Viena, onde a faculdade de medicina aceitou a mistura de astrologia e newtonismo que Mesmer apresentou como sua tese de doutorado, *De planetarum influxu* [Sobre a influência dos planetas, 1766]. Ele sustentava que a doença resultava de um “obstáculo” ao fluxo do fluido através do corpo, o qual se assemelhava ao ímã. As pessoas poderiam controlar e fortalecer a ação do fluido “mesmerizado” ou massageando os “pólos” do corpo, e com isso superar o obstáculo, induzir, uma “crise”, muitas vezes sob a forma de convulsões, e restaurar a saúde ou a “harmonia” do homem com a natureza” (DARTON, 2007, p.14).

¹³ “O mesmerismo suscitou um enorme interesse durante a década pré-revolucionária: embora originalmente não tivesse qualquer relevância para a política, ele se tornou, nas mãos de mesmeristas radicais, como Nicolas Bergasse e Jacques-Pierre, Brissot, uma teoria política camuflada, muito semelhante à de Rousseau. O movimento mesmerista, portanto, serve como exemplo de emaranhamento, em nível vulgar, entre política e modas passageiras, proporcionando aos escritores radicais uma causa que poderia prender a atenção dos seus leitores sem atrair a da censura. Para explicar o tom radical do mesmerismo é preciso examinar a teoria de Mesmer em relação aos outros interesses da época, acompanhar o curso do movimento mesmerista e avaliar o caráter das sociedades mesmeristas. A partir daí, seria possível ter uma visão inesperada da mentalidade radical pré-revolucionária, desembaraçada da proliferação de folhetos e dissertações chralatanescas e tratados científicos mortos que a encobrem” (DARTON, 2007, p.13).

¹⁴ Em sua teoria Mesmer acredita ser possível distinguir pólos igualmente diferentes e opostos nos seres humanos, e com propriedades análogas ao do ímã.

¹⁵ Contrato Social de Rousseau.

sua presença. Desenvolveu um receptor de energias magnéticas, o qual nomeou de "baquet" tal feito entrou para a história como a "tina das convulsões". Consistia em um grande tanque com "duas garrafas cheias de água magnetizada que correm convergentes para uma barra provida de pontas condutoras móveis, das quais os pacientes podem aplicar algumas nas regiões doentes" (ZWEIG, 1956, p.37). Mesmer sustentava que não só o magnetismo, como também, a música, têm grande efeito sobre as curas:

Em seguida, influenciados pelos eflúvios magnéticos que supostamente deviam sair do aparelho, alguns pacientes caíam em convulsões muitas vezes acompanhados de penetrantes gritos, prantos e gargalhadas, seguidas de um estado de prostração que quase sempre terminava em estupor. No momento culminante, podia aparecer o próprio Mesmer envolto numa longa capa e com enérgicos gestos lançava seus fluídos magnéticos sobre cada paciente. Eram estas crises nervosas causadas pelo peculiar modo de proceder de Mesmer, que permitiam as curas que, à luz dos acontecimentos atuais, foram explicadas associando-se ao fenômeno hipnótico. Mesmer, não obstante, as atribuía à influência dos astros, sua simpatia e suas atrações (FANTONI, 1981, p. 210).

A descoberta parecia algo miraculoso. Paris transforma-se no centro do ocultismo europeu, obras foram reeditadas: Nostradamus, Paracelso, Agripa. Mesmer consegue unir a corte e a plebe em um só pensamento, todos eram beneficiados pelo poder do magnetismo. Uma das maiores divulgadoras do mesmerismo foi Maria Antonieta ao declarar-se curada de uma enxaqueca, utilizando-se da cuba das convulsões.

Às vésperas da Revolução, o movimento desviou a visão dos franceses cultos da década de 1780. Laplace levantava sua voz contra os cétricos, dizendo-lhes: "É falta de espírito negar a existência dos fenômenos magnéticos só porque, no estado atual dos nossos conhecimentos, são eles inexplicáveis" (WANTUIL, 1958, p.284).

O Magnetismo animal popularizou-se e passou a ter grande importância no processo de terapêutica nas moléstias. As curas provenientes do fluido cósmico atravessaram fronteiras e foi notícia no Jornal do Commercio de 04 de outubro de 1853, dando destaque às curas de doentes na rua de São José nº 56, no Recife (WANTUIL, 1994, p.284). Embora o mesmerismo não tivesse qualquer relevância para a política durante a década pré-revolucionária, uma conspiração silenciou Mesmer e o magnetismo animal foi expulso da categoria de Ciência.

O mesmerismo é um fato renegado pelo movimento espírita. Alguns por desconhecimento das reais circunstâncias de seu surgimento, outros por puro preconceito, por ter sido o mesmerismo associado ao charlatanismo e até mesmo as ciências do sobrenatural e

da magia. O magnetismo nos dias atuais é considerado uma teoria que pertenceu ao passado e deve ser repudiado completamente, entretanto, para o codificador da doutrina espírita:

O Magnetismo preparou os caminhos do Espiritismo, e os rápidos progressos dessa última doutrina são, incontestavelmente, devidos à vulgarização das ideias da primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase, às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se devêssemos ficar fora da ciência magnética, nosso quadro estaria incompleto, e se poderia nos comparar a um professor de física que se abstinhasse de falar da luz. Todavia, como o Magnetismo já tem entre nós órgãos especiais, justamente autorizados, tornar-se-ia supérfluo cair sobre um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência; dele não falaremos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na realidade, não fazem senão uma (KARDEC, 1858).

Foi baseado no mesmerismo que o Espiritismo passou a utilizar os passes como terapia de cura. Os fenômenos mediúnicos ao lado do magnetismo formam a base científica da Doutrina Espírita. Mesmo indo de encontro à opinião defendida pelo então Codificador a respeito do magnetismo para as casas espíritas, Mesmer e sua descoberta pertencem a um passado que, “diante da ausência de ortodoxia, possam ser esquecidas no mesmo limbo científico em que jazem os trabalhos de Reichenbach e Eeman” (MANN, 1989, p.110).

A codificação da doutrina espírita já conta com 152 anos. O passe ou a imposição de mãos encontra-se dentro das casas espíritas e não recebeu o nome utilizado anteriormente, "magnetismo", que foi batizado com o nome de hipnotismo.

1.5 O passe espírita

Entende-se por passes todos os movimentos feitos com as mãos. Segundo os praticantes, constitui-se um ato de amor e é uma atitude eminentemente fraternal. Para tornar-se um passista, não existe a necessidade de nenhum tipo de iniciação, mas atitudes comportamentais como, por exemplo: a prece, a meditação e o apelo aos bons Espíritos como auxílio. Todos podem ser agentes curadores dentro dos centros espíritas, partindo do princípio doutrinário de que todos somos médiuns.

O passe constitui-se uma transfusão de energias psíquicas e espirituais, sem a necessidade de tocar o corpo do enfermo, devolvendo o equilíbrio do corpo físico e do espiritual. “O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante

emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido” (KARDEC, 1999, p. 258). O passe é hoje uma das práticas mais utilizadas no centro espírita: pelo mecanismo do passe, percebe-se qual é o seu significado e como cada qual pode atuar.

O passe tem funcionado, nas práticas espíritas, apenas como um ajudante terapêutico: é o que afirmam seus adeptos. Não deve, de maneira nenhuma, ser considerado como um remédio capaz de curar as doenças:

Os efeitos da ação fluídica sobre as enfermidades são extremamente variados, segundo as circunstâncias; esta ação, algumas vezes, é lenta e reclama um tratamento continuado, como no magnetismo comum; de outras vezes, ela é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de uma força tal que elas operam, sobre certos enfermos, curas instantâneas pela só imposição das mãos, ou mesmo só por um ato de vontade. Entre os dois pólos extremos desta faculdade, há nuanças ao infinito. Todas as curas deste gênero são variedades do magnetismo e não diferem senão pelo poder e a rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujos efeitos estão subordinados à sua qualidade e às circunstâncias especiais (KARDEC, 1999, p.257).

Encontramos vários tipos de passes nas casas espíritas: o passe espiritual¹⁶, o misto¹⁷ e o magnético¹⁸. No passe espiritual, uma maior quantidade de fluido mais fino e puro é trazida dos planos superiores pelos espíritos. No misto, os fluidos do médium com os do espírito misturam-se, constituindo, assim, um passe puramente magnético. Se o passista goza de boa saúde física e espiritual, não sendo portador de vícios, a energia que irá fluir será de forma salutar, e a eficácia do passe não é apenas do passista, mas também do espírito que o assiste:

A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração (moral e ética), a fim de não alterar os fluidos saltares que estão encarregados de transmitir. Estas condições não poderiam ser executadas sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é o mais fácil, e o segundo é o mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são sentimentos difíceis de extirpar, e porque várias causas contribuem para super excitar nos médiuns (KARDEC, 1866, p. 52).

Na aplicação dos passes, o elemento material e os fluidos universais são intermediários entre o espírito e a matéria, “e o médium é o reflexo de toda a humanidade. E

¹⁶No passe espiritual são utilizados os fluidos dos espíritos, que do mundo invisível agem sobre os indivíduos.

¹⁷No passe misto, existem os dois tipos de fluidos, o humano e o espiritual, sendo largamente utilizado nos centros espíritas na cura das doenças físicas e psíquicas.

¹⁸O passe magnético é aquele da qual a energia utilizada provém apenas do encarnado, ou seja, é utilizado o magnetismo humano.

dessa maneira, se não encontra as inspirações ao seu redor, vai procurá-las fora da cidade, do país, do mundo inteiro e até mesmo em outras esferas” (KARDEC, 2000, p. 48).

Não existe uma uniformidade de opinião quanto à aplicação dos passes. Alguns dirigentes de casas espíritas defendem que o passe necessariamente deve ser de forma estática. Só a imposição de mãos sobre a cabeça do enfermo já é o suficiente; outros defendem que o passe deve ser aplicado movimentando as mãos para que a energia circule mais livremente. Diz o Codificador aos médiuns que “apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela forma. Às vezes, mesmo a isto, misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve emprestar o valor que merecem” (KARDEC, 2003, p. 135).

O passe é completamente gratuito e é acessível aos que dele necessitam: os espíritas respeitam a máxima do Cristo “de graça recebeste, de graça dai” (Mt, 10: 8). Nos dicionários, as palavras existentes são em relação ao passe (no singular), o que na realidade é a utilizada dentro das casas espíritas e não aos passes (no plural). Vale salientar que o termo passe tem significados distintos. “Inicialmente era apenas o nome dado ao gesto, (ou ao conjunto destes), com fins de se movimentar ‘eflúvios’¹⁹. Depois, entendido como atividade de cura generalizou-se como a própria política da cura” (MELO, 2005, p. 10).

Para Bezerra de Menezes²⁰, é “visitando enfermos, socorrendo necessitados, aplicando passes, ou bioenergia, como se modernizou o labor, enfim, a caridade é um esporte da alma, pouco utilizado pelos candidatos à musculação moral e inteireza espiritual” (MENEZES, apud, FRANCO, 2003, p. 297). O passe é para seus adeptos, um elemento fundamental, um caminho para melhorar suas práticas doutrinárias quanto o desejo é de servir e auxiliar ao próximo.

¹⁹ Eflúvio: s.m. Espécie de emanção que se exala do corpo do homem e dos animais, e, em geral, dos corpos organizados: eflúvios odorantes. / Emanção, exalação. / Poético Aroma, perfume. // Eflúvio elétrico, descarga elétrica obscura ou fracamente luminosa, sem aquecimento nem efeitos mecânicos (BUARQUE, 1998, p.280).

²⁰ Bezerra de Menezes é considerado no meio espírita como o médico dos pobres. Exercia a profissão como verdadeiro sacerdócio por isso, dizia: Um médico não tem o direito de terminar uma refeição, nem de escolher hora, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito qualquer lhe bate a porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro o que, sobretudo, pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem chora a porta que procure outro, esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura.

1.6 A imposição de mãos

Ao dom de curar pela imposição de mãos, Kardec sempre se referiu nominando-o, genericamente de “magnetismo”. No entendimento espírita, a mão deve estar deitada sobre as partes que se deseja exercer a ação. A imposição de mãos relaxa e é calmante e sedativa atua sobre a circulação, podendo tornar-se excitante em uma ação prolongada. Pode ser aplicada pelo contato simples, ou por meio das duas mãos, que devem ser consideradas simples condutores da ação magnética.

A mediunidade curadora é “uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização” (KARDEC, 1867, p.203).

De forma combinados pode-se utilizar as imposições e os passes nas ações a distância, podendo existir ou não o contato físico. Nas imposições a distancia, o passe se executa com as mãos empalmadas para baixo, variando a distância entre 5 a 10 centímetros de distância entre as mãos do agente de cura e o corpo do receptor de energia. Enquanto a imposição representa a fixidez da ação, o passe é uma imposição em movimento. As imposições e os passes podem ser simples ou duplos, e os passes podem ser longitudinais²¹ ou rotatórios²². Nessa ação, a mão do magnetizador derrama o fluído sobre o corpo do paciente.

Aí a magnetização está definida como uma verdadeira forma de tratamento. “Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se soubessem cuidar do assunto convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e às vezes a possuem sem jamais terem ouvido falar em magnetismo” (KARDEC, 1999, p.149).

Sob a evocação de uma prece, o médium é um intermediário entre os espíritos e os homens. Seria uma suposição errônea afirmar que a força magnética pertence exclusivamente ao homem, a ação dos espíritos é que dá eficácia curadora ao magnetismo humano. Há, porém alguns magnetizadores que não acreditam no auxílio da espiritualidade, mas “todo homem que aspira ao bem os chama (aos espíritos), sem o perceber, da mesma maneira que, pelo desejo do mal e pelas más intenções chamará os maus” (KARDEC, 1999, p.149). Os fenômenos, dos quais o mundo invisível é a fonte, são efeitos produzidos em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos deles faz menção.

²¹Passe longitudinal é aquele feito ao longo do corpo, de cima para baixo, os passes longitudinais movimentam os fluidos e os distribuem para as extremidades (pés e mãos).

²² É a técnica que usa de movimentos circulares.

Capítulo 2

Messiânicos e imposição das mãos

2.1 Imigração japonesa no Brasil

Com a migração japonesa ao Brasil, principalmente a partir de 1908, um novo cenário se fez presente dentro do campo religioso brasileiro. Diante de tantos credos diferentes, a Igreja Católica no Brasil, “através do episcopado brasileiro, solicitou ao Japão o envio de um missionário japonês para atender não só aos católicos japoneses, mas também para exercer o apostolado entre os não-cristãos, no sentido de convertê-los à fé católica” (OZAKI, 1990, p.15). Várias religiões acompanharam esses migrantes orientais, tais como: Oomoto, Tenrikyô, Seicho-no-ie.

Para os migrantes japoneses, o Brasil não passava de uma terra próspera onde eles iriam fazer fortuna e, em seguida, voltar para sua terra. Essa não era bem a realidade que os esperava. Mas eles não tiveram interesse em aprender a língua portuguesa, como também no que diz respeito ao aspecto religioso local.

Com o passar dos anos, a Escola Budista “Jodoshinshu”, uma das mais influentes no Japão, propôs ao governo Brasileiro enviar missionários para dar assistência religiosa aos migrantes. A proposta foi negada: quem iria custear a vida desses missionários no Brasil? Mesmo assim “em 1924, no entanto, a Escola Budista “Jodoshinshu” enviou ao Brasil, como um simples observador, um bonzo²³ (OZAKI,1990, p.3). A Constatação foi a de que não era possível realizar uma assistência religiosa, pelo fato de os migrantes encontrarem-se espalhados por todo o País.

Sem a perspectiva de um enriquecimento rápido, o sonho japonês logo se torna um pesadelo, o trabalho pesado nos cafezais leva os japoneses a abandonarem as fazendas em que trabalhavam e formarem pequenos grupos de trabalho na agricultura, no cultivo do bicho da seda, e outras várias atividades, de acordo com a competência de cada um.

²³ O bonzo é possuidor de uma cultura geral; serve de conselheiro, psicólogo, curandeiro de males físicos e espirituais, em um funeral japonês é chamado para a leitura dos sutras (textos sagrados). Caso o (a) falecido (a) não tenha sido iniciado no budismo em vida, o bonzo procederá à iniciação póstuma.

Assim, seus filhos foram crescendo e estudando nas escolas estaduais, onde o ensino religioso era obrigatório, a língua portuguesa e a cultura brasileira passaram a fazer parte na vida dos nisseis. Mas o sentimento patriótico dos japoneses obrigava o aprendizado da cultura e da língua dos seus pais nas escolas que eram mantidas nas colônias.

Com o passar do tempo, começaram a surgir casos de malária e acidentes de trabalho, várias vidas foram ceifadas. Com a morte presente no seio das colônias, sentiram a necessidade de um apoio religioso, de modo especial para as encomendações fúnebres: os “bonzos leigos” foi à solução encontrada.

A derrota sofrida durante a II Guerra Mundial ocasionou uma série de mudanças político - religiosas no Japão e, com essas mudanças, o Brasil passou a ser atingido por uma “verdadeira onda de emigração das novas religiões japonesas para o Brasil. As dezenas de religiões com seus deuses, respectivamente, eram os novos imigrantes que o Brasil acolhia” (OZAKI, 1990, p.19). Ocorreram mudanças nas religiões tradicionais e hoje se contam mais de 700 grupos religiosos diferentes uns dos outros:

Várias seitas nasceram nos séculos XVII e XVIII; no século XIX e XX investigações sobre o folclore e as lendas, a arqueologia e o culto primitivo voltaram a dar interesse ao xintoísmo, que se tornou, com a era Meiji, a religião nacional; movimento político, mais político que religioso, impunha um xintó de Estado patriótico com culto cívico, preces rituais nos santuários, festas, procissões com música e danças sacerdotes e raparigas sacerdotisas (YAMASHIRO, 1982, p. 46).

As novas religiões surgiram como uma resposta às religiões reconhecidas oficialmente, o xintoísmo. O Xintó tornou-se importante para a história japonesa não só como crença popular, mas também como forma de religião oficial do Estado. Para alguns estudiosos, o xintoísmo não se caracteriza como uma religião. Para isso, faltava um fundador específico, Escrituras Sagradas, dogmas, não pertenciam a uma religião confessional e não havia nenhuma preocupação com a salvação da vida de além-túmulo, apenas noções vagas da vida após a morte. As religiões até então, reprimidas pelo imperialismo xintoísta, os novos movimentos surgiram abertamente em 3 de novembro de 1946, quando foi assegurada ao povo Japonês total liberdade religiosa.

2.2 A Igreja Messiânica Mundial do Brasil (Sekai Kyusseikyo)

Entre as novas religiões que migraram, encontramos a Igreja Messiânica Mundial. Aqui iniciou suas atividades em junho de 1954. Em novembro de 1995, foi construído seu santuário ou "Solo Sagrado", o primeiro fora do Japão, localizado em Guarapiranga, na cidade de São Paulo. Foram construídos no santuário três altares: o central, que é dedicado a Deus; o da direita, dedicado a Meishu-Sama ou "Senhor da Luz"; e o da esquerda, dedicado aos antepassados.

O objetivo de Deus ao criar o homem, segundo Mokiti Okada²⁴, é a construção de um Mundo Ideal, um Paraíso Terrestre; o Mundo do Belo, que pode ser compreendido como o mundo dos felizes, isentos de pobreza, da doença e da violência, uma vivência de eterna paz e absoluta verdade. Mokite Okada, ao idealizar o paraíso terrestre, acredita ter encontrado a solução para a realização divina na religião messiânica, "as religiões antigas são fracas demais, e as novas, em sua maioria, são supersticiosas e falsas" (MEISHU-SAMA, 1952, p.48).²⁵

O jardim de Atami, ensaiado no Solo Sagrado, é comparado a um enorme Jardim do Éden: "Portanto, devemos dizer que a Igreja Messiânica Mundial é a primeira religião à qual Deus atribuiu a qualificação para o estabelecimento do Mundo do Belo. Concretizá-lo é questão de tempo" (MEISHU-SAMA, 1950, p.50).

Mokiti Okada nasceu no Japão, na cidade de Tóquio, no dia 23 de dezembro de 1882, portador de uma saúde física bastante delicada. Após vários infortúnios, e uma viuvez precoce, buscou conforto na nova religião Oomoto. Mostrando-se incrédulo, frequentou vários templos, quando, em 1926, afirmou ter revelações e visões sobre a história da humanidade. Faleceu no dia 10 de fevereiro de 1955, em Atami, sendo sepultado em Hakone. Deixou para a humanidade três Solos Sagrados e dois museus de arte.

A religião Messiânica traz em suas raízes o pensamento de duas das principais religiões do povo japonês, que são o Budismo e o Xintoísmo. Com ela, os traços comuns em todas essas novas religiões: os textos sagrados inspirados na divindade do seu fundador ou fundadora. Em muitos casos, esses salvadores de almas deixam transparecer que levaram vidas infelizes, viveram na pobreza ou foram acometidos por graves doenças, alguns até

²⁴ Mokiti Okada, fundador da Igreja Messiânica, atua como mediador entre Deus e o ministrante do johrei.

²⁵ Para as ciências da religião, contudo, "Não há (...), no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferente, a determinadas condições da vida humana" (DURKHEIM, 1989, p.31).

trazem sintomas de problemas nervosos, mas o certo é que, se acredita que, por trás de todas essas adversidades, exista uma força divina inspirando-lhes as ideias em uma missão salvadora. É o que afirma Rochedieu:

Alguns se consideram os salvadores do tempo presente, outros se igualam a Moisés, a Cristo, a Buda, a Confúcio ou a determinado imperador japonês. Há ainda os que reivindicam para si mesmos o uso exclusivo de tal ou tal epíteto, pelo qual querem ser chamados: o Grande Deus, o Deus Vivo, o Salvador da Espécie Humana, o Homem-Deus Esperado pelo Mundo, o Santuário de Deus, a Mediadora entre Deus e os Homens, o Buda Vivo, o Senhor iluminado (ROCHEDIEU, 1982, p.196).

Como fator característico de toda religião, a Igreja Messiânica toma de empréstimos rituais e cerimônias orientais, utiliza também a Bíblia cristã como uma fonte de inspiração, e o culto aos ancestrais remete igualmente à crença na reencarnação, faz referência a Nossa Senhora e inclui, em suas orações, o Pai-Nosso cristão, o que possibilitou maior aceitabilidade da nova religião em solo brasileiro. O Credo messiânico condensa a doutrina fundamental da Igreja:

Nós cremos em Deus, criador do universo. Deus objetivou estabelecer o Paraíso da Terra e tem atuado continuamente para essa finalidade. Com propósito Deus fez do ser humano o seu instrumento e para servir ao bem-estar da humanidade, condicionou todas as demais criaturas e coisas. cremos, portanto que a história humana do passado são estágios preparatórios e degraus para se alcançar o Paraíso da terra. Para cada época Deus envia seu mensageiro e as religiões necessárias, cada qual com sua missão a cumprir. No presente, quando o mundo vagueia em tão caótica situação, cremos que Deus enviou o Mestre Meishu-Sama, fundador da Igreja Messiânica Mundial, com a suprema missão de realizar a sua sagrada vontade de salvar a humanidade. Por conseguinte empenhamo-nos em fazer sempre o melhor, objetivando a concretização do mundo ideal de eterna paz, perfeitamente consubstanciado na Verdade-Bem-Belo, erradicado a doença, a pobreza e o conflito, as três grandes desgraças da humanidade (OZAKI, 1999, p.59).

Assim sendo, o que atrai os fiéis são as semelhanças da doutrina messiânica com alguns dos conceitos doutrinários da tradição popular e o contexto sócioeconômico brasileiro, suscitando uma esperança de encontrar, no Paraíso Terrestre, a solução para os seus problemas; sejam materiais, espirituais ou da cura pela fé – pois, o johrei palavra de origem japonesa, composta por JOH, que significa purificar e REI que significa espírito ou corpo espiritual se apresenta como primordial dentro do alicerce da nova religião.

A "Cidade da Nova Era", que irá ser construída pela Igreja Messiânica no Estado do Paraná, será considerada uma apologia à Arca de Noé do século XXI. Acreditam os membros que será uma "nova civilização global".

A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um ‘mundo divino’, ter uma casa semelhante à ‘casa dos deuses’, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador (ELIADE, 1999, p.61).

Semelhante a Moisés, Mokiti Okada recebeu, no alto do monte Nokoguiiri, a revelação da transformação da Era da Noite para a Era da Luz ou do Dia. Por essa razão, Meishu – Sama é considerado ao mesmo tempo um ser humano e um ser divino. A filosofia Messiânica é considerada por seus adeptos não apenas uma religião, mas uma ultrarreligião, devido às várias atividades em que estão envolvidos e nos mais diversos campos. A Igreja Messiânica Mundial prefere a divulgação não através da mídia, mas pelos convites boca a boca dos seus membros.

2.3 Valorização da Arte como filosofia de vida

A nova religião Messiânica incorporou-se às formas da expressão da arte e do culto à natureza, nas quais os orientais retratam valores da sua cultura. Afirma Okada (1994, p.53), que a arte é a representação do Belo, cuja missão é enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer-lhe a vida. A Ikebana é uma arte milenar que busca trazer a harmonia por meio da composição de flores, e está inserida no conceito do Belo assim como a pintura, a poesia e a música.

Promover a arte e o progresso da cultura são formas de auxiliar o Plano Cósmico na harmonização do planeta, para isso o homem não pode desviar-se da verdade: as pessoas pouco espiritualizadas “não se preocupam em saber se é verdadeira, raciocinam com o sentimento, detestam a clareza e a precisão lógicas, e não ligam importância nenhuma ao princípio da não contradição” (OFFNER, 1963, p.13).

Ao desviar-se da “verdade prática”, a pessoa adquire máculas espirituais que são repassadas de geração para geração, a deficiência moral e as substâncias artificiais introduzidas no corpo são fortes aliados no aumento das máculas e trazem como consequência o sofrimento.

Defende o fundador da Messiânica que profetas, ao divulgarem as suas doutrinas, levando vidas paupérrimas, cumprindo penitências, andando por caminhos tortuosos de sofrimento e dor, desenvolvem atitudes de quem ainda está na Era da Noite. Na transição que

acontecerá da Noite para o Dia, pessoas doentes são inúteis na construção da Obra Divina e isso constitui prejuízo para os planos de Deus, que consiste em transformar a terra em paraíso.

Ao contrariar a Lei de Identidade Espírito-Matéria, o homem jamais gozará de perfeita saúde, toda desgraça tem o caráter de purificação, já que, nessa encarnação, responde pelos pecados dos pais ou dos seus antepassados.

Os pecados de furto, peculato, prejuízo ao próximo, luxo excessivo e outros, são redimidos com a perda de dinheiro e de bens materiais. O farrista que esbanja a herança familiar está redimindo as máculas de seus pais e de seus antepassados. O espírito de um antepassado escolheu um descendente para que, por seu intermédio, se processe a purificação e a preservação do sangue da família, a fim de que ela venha a progredir no futuro (MEISHU-SAMA, 1953, p. 12).

O aperfeiçoamento da arte é essencial para percorrer um caminho pleno da Verdade - Bem-Belo, o que não passa simplesmente de uma utopia. As máculas adquiridas materialmente sevem como forma de punição das leis eternas. “Como Deus é absoluto, se a pessoa escapar habilmente a essas penalidades, o castigo se refletirá na matéria através de sofrimentos maiores” (MEISHU-SAMA, 1952, p.86). A ausência da Arte traz consequências graves em vários campos da atividade humana, a arte proporciona a elevação dos sentimentos e da sensibilidade, contribuindo para uma vida de paz tranquilidade e felicidade. A religião e a arte caminham juntas: “deleitando-se com a arte, o homem purifica o seu corpo e sua alma” (OKADA, 1994, p. 55).

A Igreja Messiânica aceita, em seu corpo doutrinário, a ideia reencarnacionista²⁶, o “Paraíso Terrestre” é compreendido como o mundo dos felizes, contrariando a possibilidade de reparação das máculas em encarnações futuras, Meishu – Sama, em sua doutrina, não garante a imortalidade da alma e muito menos o seu destino após a morte, pois a felicidade Messiânica é a do mundo atual, a felicidade terrena.

²⁶ Para o hinduísmo, a reencarnação está relacionada ao karma (lei de causa e efeito); a necessidade de encontrar uma explicação para a desigualdade vigente entre os homens. No Budismo, a reencarnação se baseia na análise do sofrimento e ali então expressa tanto o sofrimento como representa a chance de superá-lo. A ideia de reencarnação “foi introduzida no Ocidente a partir da fundação, em 1875, da Sociedade Teosófica e, atualmente, pelo menos enquanto ideias têm penetrado o pensamento do mundo” (HANSON, 1997, p. 59).

2.4 Existência de vários deuses

Os escritos do fundador da religião messiânica trazem, em seu corpo doutrinário, uma trilogia na qual se conciliam o monoteísmo, o politeísmo e o panteísmo. Há existência de vários deuses: para designar o princípio do equilíbrio de toda natureza, Meishu - Sama adotou o nome de um dos deuses do panteão xintoísta, Izunome ou Ookami, que representa a atuação do Fogo e da Água.

Para explicar situações antagônicas, que, do ponto de vista da condição humana, seriam normais, as religiões orientais foram buscar, no pensamento chinês, os conceitos de origem budista de Daijo (fé universal) que ilustram o princípio horizontal, e Shojo (fé restrita), o princípio vertical. Os três elementos, o Fogo, Água e a Terra representam a força do Universo, a sua soma produz a energia divina. Mircea Eliade, ao demonstrar a sacralidade do Mundo e da Natureza, ajuda a compreender esse recurso simbólico:

O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações (ELIADE, 2002, p.177).

Mokite Okada afirma ter realizado estudos e pesquisado um grande número de espíritos desencarnados através de médiuns. Eliminou o que ele entende por não ser verdadeiro e afirma que não há erros nas suas deduções.

Ao entrar no Mundo Espiritual, a maioria dos espíritos é conduzida para o local que dou o nome de Plano Intermediário. No xintoísmo, chamam-no de “Yatimata” (encruzilhada de oito direções); no Budismo, “Rokudo no Tsuli” (esquina de seis caminhos), e no cristianismo, Purgatório. Entretanto, desejo chamar a atenção para um fato: o Mundo Espiritual do Oriente é mais verticalizado que o do Ocidente, e o Mundo Espiritual do Japão é o que se apresenta mais vertical. Por isso é que a sociedade japonesa é particularmente constituída de muitos níveis hierárquicos, e a sociedade ocidental, menos hierarquizada, mais propensa à igualdade. O objeto de minhas pesquisas foi o Mundo Espiritual do Japão: espero que não esqueçam esse fator, ao lerem minhas palavras (MEISHU-SAMA, 1947, p.71).

A humanidade, ao alcançar o mais alto nível de cultura, estará entrando na fase da Nova Era em que a guerra e a pobreza terão fim: o johrei é o prenuncio disso. O homem deve conscientizar-se da chegada no Mundo da Divina Luz, ou seja, um mundo isento de doenças. Ao mesmo tempo em que anuncia a chegada de uma Nova Era, questiona Okada: “Se Deus criou o homem, por que o faz sofrer tanto, ao invés de determinar que no mundo reine a

felicidade?” Se Deus é amor e Piedade, como deixou que o homem errasse, para depois levá-lo ao Juízo Final? (MEISHU-SAMA, 1952, p. 44).

Entre os grandes religiosos como Cristo e Buda, afirma Okada que, na História da Humanidade, até agora, ainda não apareceu o Salvador do Mundo. “É chegado o tempo e Deus está manifestando o Poder Absoluto, fazendo surgir surpreendentes milagres através da nossa Igreja, para despertar a humanidade da ilusão em que ela se encontra: por isso, por mais incrédulo que alguém seja não poderá deixar de crer” (MEISHU-SAMA, 1953, p. 23).

A Lei Divina da Messiânica Mundial, jamais poderá ser infringida. Todo homem que possui fé é um “Ser amado por Deus” ou “Está no agrado de Deus”. A fé só tem realmente valor quando se alcança a felicidade. É quando se tem sorte, cujo segredo está em evitar o mal. Nada regride dentro da natureza: a elevação gradual do espírito também elevará a personalidade, e os messiânicos devem tomar como exemplo a natureza.

Progredir só materialmente é semelhante a uma planta sem raiz. Segundo Okada, a Igreja Messiânica visa a corrigir uma civilização errônea e construir um mundo ideal aqui e agora. A felicidade é aqui, no plano terreno. Os fiéis precisam ficar atentos à modernidade, sempre acompanhando a lei do progresso e em sintonia com o século XXI, antenados ao mundo, para serem homens e mulheres do presente.

2.5 A trilogia dos órgãos internos e o johrei

Meishu - Sama associa os órgãos internos, como o coração, pulmões e o estômago, à trilogia associada aos elementos fogo-água-terra. Segundo ele, o johrei constitui então uma extraordinária força de purificação: é uma Luz que atravessa o corpo dissolvendo as toxinas solidificadas, necessitando, para isso, do calor do sol e do frio da lua. A trilogia desenvolvida pelo fundador da Messiânica assemelha-se à teoria dos humores, desenvolvida por Hipócrates²⁷, quando afirma que o desequilíbrio do corpo é a manifestação da doença.

Os humores da natureza são quatro: o sangue, o fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra; esses humores, por sua vez, correspondem a quatro qualidades fundamentais da natureza: o frio, em relação ao fleuma; o calor, em relação ao sangue; o seco, em relação à bÍlis amarela; o úmido, em relação à bÍlis negra. Esses humores encontram correspondência natural e ainda maior com as estações: o sangue com a primavera, o fleuma com o inverno, a bÍlis amarela com o verão, a bÍlis negra com o outono. Uma ulterior correspondência desses humores é também estabelecida com os elementos

²⁷ (HIPÓCRATES, apud, TERRIN, 1998, p.181).

fundamentais do cosmo: o sangue com a água, o fleuma com o ar, a bílis amarela com o fogo, a bílis negra com a terra (TERRIN, 1998, p.181).

Esse poder purificador, Meishu - Sama o experimentou e apregou ao mundo: é luz divina, que vem ao homem sob a forma de johrei. “O johrei é um dos princípios básicos da nossa Igreja e o ato que caracteriza a nossa tarefa religiosa. É essencialmente importante nos serviços religiosos que realizamos” (MEISHU-SAMA, 1947, p. 24). Para os messiânicos, o johrei é um grande acontecimento na história da humanidade, que irá construir um mundo livre de doença, pobreza e conflito.

O Médico Samuel Hahnemann²⁸ que marcou época na história da medicina, também admitia a existência de uma energia curativa, teoria muito antiga, cuja cura se encontrava em si próprio:

No homem com saúde normal, a força vital espiritual (autocracia), - o dinamismo que ativa o corpo material (organismo), - domina de forma absoluta, e conserva todas as partes do organismo num funcionamento vital, admirável e harmonioso, no que diz respeito, tanto a sensações e quanto a funções, de tal forma que nossa mente racional pode usar livremente este instrumento de vida e saúde para alcançar os mais altos objetivos de nossa existência (CODDINGTON, 1978, p.90).

O johrei é o sustentáculo da Igreja Messiânica Mundial. Purificar as máculas do espírito é a verdadeira Medicina e, além do johrei, todos os outros tratamentos são considerados uma antimedicina.

O aparecimento do JOHREI é um grande acontecimento, inédito na História. A afirmação, feita por nossa Igreja, de que irá construir um “mundo livre de doença, pobreza e conflito” não seria possível se ela não estivesse absolutamente convicta do que esta dizendo. Se não tivesse competência para isso, ela estaria enganando o mundo e cometendo um delito imperdoável (MEISHU-SAMA, 1949, p.119).

Aparentemente, a finalidade do johrei é a cura das doenças. Purificação do corpo espiritual através da cura das enfermidades físicas e eliminação da pobreza representam para o “Senhor da Luz”, o princípio da felicidade. É nessas afirmativas que os adeptos asseguram a sua fé messiânica.

²⁸ Samuel Hahnemann (1755 – 1843). Conhecido como o fundador da homeopatia, reconhecia uma energia de cura a que se referia algumas vezes como força vital, e outras, como dinâmica. Quando esta energia é perturbada, dizia ele, “ocorre um desvio da saúde natural, que resulta em um sintoma de doença. Para restaurar essa força vital, que poderia ter sido bloqueada por um desequilíbrio do corpo, mente ou espírito, defendia remédios preparados de fontes naturais tais como plantas, minerais e animais. Quando a força vital retornava ao seu equilíbrio natural, acreditava ele que a saúde era restabelecida. Os remédios homeopáticos são baseados na lei dos similares – semelhante cura semelhante e, são prescritos para tratar a pessoa como um todo – corpo, mente e alma” (HAHNEMANN, 1995, p.120).

2.6 Atuação do johrei

A Igreja Messiânica Mundial distribui a promessa de uma boa saúde física e espiritual, conseguida através de um processo purificador, realizado pela imposição de mãos, denominado johrei, cujo princípio está baseado em uma suposta luz invisível que emana do corpo humano e traz o fogo como o seu elemento principal, como afirma Meishu-Sama “Para explicar o princípio do johrei, eu tive de avançar até o destino do mundo. Todavia, era sumamente importante que o fizesse, pois tanto a descoberta dos erros da Medicina como o princípio do johrei, apoiam-se, fundamentalmente, neste ponto: a Transição da Noite para o Dia” (MEISHU-SAMA, 1947, p.107).

O johrei é considerado pelo fundador da Igreja Messiânica Mundial um verdadeiro tratamento científico, não só na cura das máculas²⁹ mas também como um método eficaz para criar felicidade, eliminando do espírito o sofrimento humano; “crer em Deus Absoluto, adorá-Lo, compreender e praticar a Sua Vontade, somar méritos e purificar o espírito de modo que o seu habitat espiritual se eleve ao Céu. Não há outro processo para alcançarmos a felicidade, e nisso reside o profundo significado do johrei” (MEISHU-SAMA, 1952, p.184).

A salvação do espírito não se constitui um fator relevante dentro da doutrina, o bem-estar do corpo físico passa a ser visto como resultado de uma busca pela relação e aproximação direta com a divindade. A doença se for analisada pelo lado espiritual, deixa de pertencer a um estado da matéria corpórea e passa a ser vista como uma forma de punição, podendo ser herdada dos antepassados, trazida de encarnações passadas, originárias dos pensamentos, palavras e atos de maldade adquirida na encarnação atual. “Na matéria, as máculas correspondem à acumulação de toxinas. Entretanto, a enfermidade de origem espiritual, ocasionada pelo pecado, é difícil de curar e exige muito tempo” (MEISHU-SAMA, 2002, p.29).

Meishu-Sama fala pouco a respeito de Deus, muito menos dos seus atributos. Suas esperanças são inspiradas nos milagres do johrei. A fé em si mesmo parece ser mais requerida do que a fé em Deus. Se entrelaçadas, as atitudes confundem-se: “Quem sou eu? Não sou humano, sendo humano; não sou Deus, sendo Deus. Eu crio o homem que salva o homem...” (MEISHU-SAMA, 1954, p.127). O paraíso terrestre e o seu conceito de divindade diferem das grandes religiões em que a saúde e a salvação se encontram atrelados:

²⁹ “Quando as máculas do espírito se refletem no corpo, o sangue se suja; reciprocamente, quando isso se reflete no espírito, torna-se mácula” (MEISHU - SAMA, 1952, p. 86).

Que a saúde tenha sido uma preocupação própria das religiões está claro a partir da pesquisa histórica e baseia-se no fato de que a história comparada das religiões não encontra em nenhum canto da terra um mundo religioso que não tenha também uma “função terapêutica”. Parece assim que não é possível desatrelar a saúde física daquela espiritual, assim como também não é possível trabalhar para a salvação da alma sem ao mesmo tempo empenhar-se na saúde total da pessoa do fiel (TERRIN, 1998, p.151).

Um desejo de desfrutar de um paraíso terrestre difere de algumas doutrinas, cuja promessa de paraíso não está no aqui e agora, mas um paraíso celestial ou alguma coisa a que se assemelhe. As revelações do fundador apresentam uma constante preocupação com a situação em que se encontra a humanidade: agricultura sem uso de agrotóxico químico ou adubos, medicina natural como alternativa para adquirir uma saúde integral e, por fim, o extermínio da miséria, todos esses problemas irão ser solucionados segundo suas profecias.

Acreditam seus adeptos que o poder espiritual outorgado aos messiânicos é incomparavelmente maior do que em outras religiões, graças ao seu poder terapêutico: “o homem interpreta mal os sofrimentos e as dores da purificação e, para cortá-los, inventou os tratamentos médicos” (MEISHU-SAMA, 1953, p. 95), mas estes são insuficientes e o johrei desponta como solução.

Para tornar-se um ministrante do johrei, é necessário a participação em um curso com a duração de aproximadamente três meses, que é oferecido aos adeptos em unidades do johrei center. Ao término do curso, o ministrante recebe uma prece materializada através do ohikari³⁰, uma medalha à qual é atribuído o poder de afastar eflúvios nocivos ou máculas, produz uma força capaz de gerar milagres. Essa força é transmitida através do corpo, do braço e da palma da mão do fiel que ministra o johrei.

A medalha é de propriedade exclusiva daquele que fez o curso, e, portanto, não pode ser transferida ou emprestada a terceiros, em hipótese alguma. Ao tirá-la ou colocá-la, o devoto deve segurá-la com reverência, numa atitude de prece. É para ser usada sobre o peito e pendurada ao pescoço e dela o ministrante não deve separar-se enquanto estiver ministrando o johrei.

Ao iniciar uma sessão, o ministrante pede permissão a Meishu - Sama para receber essa luz e transmiti-la através das mãos: em oração, estabelece um elo espiritual entre Deus e Meishu - Sama. Cada sessão dura aproximadamente uns 15 minutos. A imposição de mãos pelo johrei pode ser feita em qualquer lugar, não sendo necessário concentrar-se ou

³⁰ Luz Divina.

permanecer parado, pode-se receber ou ministrar um johrei em qualquer lugar, inclusive a distância.

Uma das técnicas mais comuns consiste no doador e receptor, sentados frente a frente; em seguida aplica-se um johrei frontal, outro nas costas; faz-se o revezamento e, por fim, encerra-se o ritual com uma breve oração de agradecimento a Meishu - Sama.

O johrei é ministrado de forma gratuita e não requer nenhum contato físico, sua atuação é capaz de trazer o reequilíbrio porque atua no corpo espiritual³¹ do receptor, dissolvendo, gradativamente, o acúmulo de mácula espiritual que se materializa no corpo físico, sob a forma de doenças. A cura do paciente depende da força espiritual e da profundidade da fé do ministrante do johrei: quanto maior é a fé, mais o ministrante adquire Tieshokaku.³²

Devemos tratar todos os doentes, até mesmo os entes mais queridos, sem ansiedade e sem qualquer envolvimento emocional. Para isto é melhor pensar que estamos ministrando johrei a um mero inseto. Porque quando pensamos: "este doente é uma pessoa importante e por isso precisa ser salvo", o nosso poder espiritual diminui (MEISHU - SAMA, 1947, p.138).

Afirma Meishu - Sama que não é necessária a utilização da energia humana e nem a emanção de fluidos; toda energia utilizada nas sessões de cura pelo johrei é atribuída ao espírito do Sol.

³¹ "O corpo espiritual do homem possui a mesma forma do corpo carnal; a única diferença é que no corpo espiritual existe aquilo que denominamos aura" (MEISHU-SAMA, 1947, p. 61).

³²Sabedoria.

Capítulo 3

A Imposição de Mãos no Reiki

3.1 Origens do Reiki

O reiki é uma das ramificações budistas do Qigong chinês e possui também influência do xintoísmo japonês. Foi redescoberto e divulgado por Mikao Usui no final do século XIX. Lendas e misticismos envolvem as origens do reiki surgindo várias versões; algumas são consideradas pelos seus discípulos como sendo verdadeiras, outras adaptadas para acomodarem-se aos padrões Ocidentais. Afirmam os Mestres em reiki que várias informações foram perdidas durante a Segunda Guerra Mundial, a verdadeira história das suas origens nunca foi traduzida para nenhuma língua.

Em 1991, pedi a Laoreal para “canalisar” informações sobre a origem do Reiki. Ela desenvolveu como sendo originária do planeta que também enviou muitos deuses e deusas armados para a Terra, a cultura-raiz do que mais tarde se tornou a Índia pré-patriarcal. O deus hindu, que hoje conhecemos como Shiva, e que era feminino naquele tempo, foi quem trouxe o Reiki para cá e ela (e) quer ser lembrada(o) Por essa dádiva. Quando o corpo humano foi projetado para este planeta, o Reiki foi incorporado no código genético como um direito de nascimento para todos (STEIN, 1995, p.25).

Mikao Usui, o redescobridor do método reiki, nasceu no Japão, em 15 de agosto de 1865 e morreu em 09 de março de 1926, em Fukuyama. A afirmativa de que foi Reitor da Universidade e padre católico é duvidosa, Usui não era cristão. Sabe-se que foi casado com Sadako Suzuki e que tivera três filhos. “William Rand, Mestre em Reiki, não encontrou registros de Mikao Usui na Universidade de Doshisha, como diretor, professor ou aluno. Além disso, não existem registros de sua presença na Universidade de Chicago, nem de ter recebido qualquer diploma” (STEIN, 1995, p.28).

Entre as lendas contadas, uma é a de que, certo dia, Usui sentiu-se desafiado por alguns alunos, enquanto ministrava aulas sobre os milagres: “Se Jesus curava tantos doentes, por que isso não está acontecendo na Igreja hoje?”. Desconhecendo a resposta, pediu

demissão da Universidade e saiu percorrendo o mundo à procura dessa resposta. Outra é que, ao tocar sua mão em uma enfermidade, conseguiu curar ou estancar o sangue.

Afirmam, ainda, como sendo verdade, que Usui viajou por todo o Japão, China e Europa em busca de conhecimento nas áreas da medicina, psicologia, religião e desenvolvimento espiritual. Após vários anos de procura, encontrou algumas anotações de um discípulo de Buda com os símbolos secretos do método reiki e as descrições de como o Grande Mestre Siddhattha Gautama³³ curava doenças físicas pela imposição das mãos, porém, ao longo dos séculos, o budismo concentrou-se apenas na cura do espírito³⁴.

Mikao Usui, ao ler o Sutas do Lótus³⁵, encontrou a fórmula que tanto procurava. Ficou fascinado com a descoberta e tomou uma importante decisão: iniciou um retiro de 21 dias nos quais jejuou, orou e meditou. Nesse momento, teve a sua experiência de Satori³⁶, quando recebeu, automaticamente, um Rei-ju³⁷ e ficou sabendo de que forma iria utilizar a energia. Como afirma o próprio Usui em entrevista datada entre 1922 e 1926:

Enquanto jejuava, entrei em contato com uma energia intensa e, de um modo misterioso, fui inspirado. Tornou-se claro para mim que eu recebera a arte espiritual da cura. Embora eu seja ao fundador deste método, acho difícil explicar isto de uma forma mais precisa. Médicos e estudiosos fazem pesquisas apaixonadas (neste campo), mas tem sido difícil (até agora) chegar a uma conclusão baseada na ciência médica. Vai chegar a hora em que o Reiki se encontrará com a ciência (PETER, 2002, p.22).

Ao redescobrir a arte da cura através da Energia Universal da Vida, aplicou então em si próprio, nos seus familiares e outras pessoas que procuravam ajuda. Sentindo que suas mãos curavam, chamou essa prática de reiki³⁸, um sistema natural de harmonização e reposição energética, no qual REI se refere à essência cósmica, e KI à energia vital individual, que está em todos os organismos vivos, e o REIKI é o encontro das duas energias.

A energia do Reiki não é positiva nem negativa. Ela é a maior vibração de energia vital à disposição de um ser humano. Essa vibração tem uma qualidade divina e por isso nada exclui. Ela nos permite entrar em contato

³³ O fundador do Budismo, Siddhartha, aquele que cumpriu sua tarefa. Gautama é o nome do seu clã. Estima-se que tenha vivido de 560 a 480 a.C. aproximadamente.

³⁴ O budismo também fazia uso da medicina Budista Tibetana. Com os princípios Budistas, uniram-se a Medicina Hindu e a Chinesa, muito conhecida aqui no Ocidente. O princípio fundamental é do caminho do meio, que é o equilíbrio, pois o desequilíbrio gera doença. Sendo assim, a doença nasce da cabeça do ser humano.

³⁵ Texto tibetano de inspiração Tântrica escrito no século I ou II a.C.

³⁶ Iluminação: experiência existencial em que o ser humano chega ao conhecimento perfeito de si mesmo e do mundo em que vive e “vê” as coisas como elas são. Embora Iluminação acuse diferenças nas diversas correntes do budismo.

³⁷ Iniciação.

³⁸ A palavra japonesa reiki pode ter vários significados diferentes. Consistem em dois Kanjis, (caracteres japoneses) rei e ki. Rei pode significar espírito, alma ou fantasma. Ki pode significar energia, atmosfera, mente coração, alma, sentimento ou humor.

com os impulsos vivos do mundo, levando assim o sentido de “unicidade”. Todos os problemas e distúrbios físicos humanos em última instância se devem à ilusão de “separação” com relação ao mundo (LÜBECK, 1997, p.19).

Popularizar o método era a proposta de Mikao Usui. Baseado nos princípios budistas, o reiki prega a compaixão por todos os seres vivos, a não violência inclusive aos animais, o amor sem apego e ajuda ao próximo. Para Usui, era de fundamental importância que a energia curadora em nome do amor e da humildade fosse levada a várias pessoas para que aprendessem o método e se tornassem agentes multiplicadores.

Após a iniciação, Usui instalou-se em um bairro pobre de Kyoto e, durante anos, ministrou sessões de cura aos mendigos da cidade. Depois de os curar, pediu-lhes para começarem uma vida nova, foi em vão, muitos ficaram zangados porque, tendo sido curados, já não podiam ganhar a vida como antes, mendigando, e tinham de trabalhar. Revoltado com esse comportamento passou a cobrar pelos seus métodos de cura.

A falha de Usui pode ser devida, não ao fato de os mendigos não terem pago, mas ao fato de ele ter curado apenas o corpo deles, e não sua mente e espírito. A doutrina budista não enfatiza a cura do corpo, mas a espiritual, e afirma que esta depende de se entrar no Caminho da Iluminação. Uma vez alcançada a Iluminação, a pessoa não precisa mais encarnar, e essa é a maneira de terminar o sofrimento. Os budistas apontam o Caminho da Iluminação como o único método de cura verdadeiro e válido (STEIN, 1995, p.32).

Após o seu “desencarne” , em fevereiro de 1927, foi construído, em Tóquio, um memorial em sua homenagem, pela Usui Reiki Ryoho Gakkai, organização dedicada à prática e ensino do reiki no Japão. Inscrições no memorial dizem pouco sobre sua vida: seu método de cura e sua experiência dos 21 dias no Monte Kurama, são as únicas informações sobre a vida de Mikao Usui que não foram contestadas até o momento.

Sensei³⁹ Mikao Usui tornou-se conhecido ao utilizar a técnica do reiki durante um terremoto que atingiu Tóquio, em setembro de 1923, aliviando as dores dos sobreviventes. Outra versão é a de que Usui se tornou um peregrino, andando pelo Japão, carregando uma tocha e dando aulas. Originais de uma apostila contendo informações vêm mostrar que o método reiki não teve tradição exclusiva na transmissão oral de seus conhecimentos: “recebi das mãos do Sensei Aoki uma cópia dos originais destas duas apostilas. Entrego a todos que realizam o Shinpiden⁴⁰, aqui em nosso Instituto, na versão Gendai-Reiki de Kyoto” (De’CARLI, 2005, p.33). Mikao Usui adotou no Sistema Usui de Cura Natural as cinco regras

³⁹ Professor em japonês.

⁴⁰ Título para quem atinge o grau de Mestre em reiki.

de vida do Imperador Meiji⁴¹. Acreditava Usui que corpo sadio traz como consequência a mente sadia:

Apenas hoje (Kyo dake wa)

1. Não se zangue hoje. (Okoru-na)
2. Não se preocupe hoje. (Shimpai suna)
3. Demonstre apreço. (Kansha shite)
4. Trabalhe com afinco. (sobre si mesmo) (Goo hage ne)
5. Seja bondoso. (Hito ni shinsetsu ni)

Compreender os cinco princípios para se alcançar a felicidade, eis o segredo da tranquilidade mental dos sábios da Antiguidade. Afirma ainda Usui no seu legado: "Hoje precisamos melhorar e reestruturar nossa vida de modo a podermos libertar nossos semelhantes da doença e do sofrimento emocional. É esta a razão pela qual ousou ensinar livremente este método em público" (PETER, 2002, p.18).

O reiki chegou ao Ocidente através de Hawayo Takata (1900-1980), depois de curada de um câncer. Passou alguns anos no Japão para aprender a técnica Chujiro Hayashi, um dos discípulos diretos de Usui. Em 1925, com 47 anos, Chujiro Hayashi, afastando-se da escola Usui Reiki Ryoho Gakkai, criada por Mikao Usui, iniciou o seu próprio Método de Cura Natural. Hayashi Chujiro faleceu em maio de 1941, com 63 anos.

3.2 Energia do REIKI

Reiki é a Energia Universal, um sistema natural de cura e harmonização que mantém e permeia todas as coisas e se manifesta em toda a criação. Arte milenar que alia a simplicidade e o amor. "A energia reiki é multidimensional, atua na 4ª dimensão, na qual o fator tempo/espaço deixa de ser um atributo fundamental" (De' CARLI, 2006, p.20). O reiki amplia

⁴¹ Imperador Meiji foi descrito como tendo sido um clarividente e curador.

o campo áureo⁴², equilibrando a energia de todo o corpo, mente e espírito, no indivíduo, utilizando uma técnica holística⁴³ de cura e de autocura, que, através dos séculos, adquiriu vários nomes:

Hipócrates a chamava de *vis medicatrix naturae*. Paracelso a denominava *archaeus*; Anton Mesmer, magnetismo animal. Era a força ódica do Barão Karl Von Reichenbach e a força vital de Samuel Hahnemann. Wilhelm Reich batizou-a de energia orgônica D.D. Palmer denominou-a Inata. É a *ki* dos Japoneses, a *prana* dos hindus, a *mana* dos polinésios e a *orenda* dos índios norte-americanos. Contudo, a despeito de ter muitos nomes, esta força indefinível, mas universal sempre aparece com as mesmas propriedades (CODDINGTON, 1978, p.15).

A Energia do reiki atua diretamente nos chakras:⁴⁴ desfazem-se os “nós” nos canais elétricos do sistema imunológico, assim, todo o corpo é harmonizado. Segundo os preceitos do reiki, nós somos o que fazemos com o nosso corpo, decidimos entre a saúde e a doença. A prevenção e a cura são possíveis, acontecem quando é identificado o que está errado dentro do campo mental: “Os pensamentos negativos, assegurava Paracelso, podiam bloquear o fluxo da *archaeus* e fazer surgir a doença” (CODDINGTON, 1978, p.68); o pensar e o viver bem expulsam o lixo mental que se acumula no dia – a - dia. Pitágoras fundou uma academia em Crotona, 529 a.C e seus alunos iniciavam o dia com uma meditação e muitos exercícios para a purificação da mente.

A energia do reiki pode ser utilizada em qualquer ser, animal, vegetal ou mineral: quando aplicado na água, seus cristais ficam com raríssima beleza e harmonia, podendo ser diretamente ou a distância. A energia do reiki é apolar, ou seja, nem positiva nem negativa, podendo assumir a polaridade que o paciente necessita, destruindo os bloqueios energéticos que impedem a livre circulação de energia no corpo. Atuando em todos os tipos de doenças, é um método para libertar o corpo e a mente. E em caso de impossibilidade de cura, o reiki age minimizando o sofrimento.

A medicina tradicional corrige os sintomas e não as causas, gerando as doenças iatrogênicas⁴⁵, “a medicina do corpo e da mente deixa muitos médicos extremamente intranquilos. Consideram-na mais um conceito do que um campo verdadeiro. Se puder

⁴² São as camadas de energia existentes no corpo. Elas mostram nossos desejos, virtudes e dificuldades e mostram até como anda a saúde.

⁴³ A cura holística “vê” o ser humano como um todo, não apenas o corpo físico, mas também todas as partes energéticas. Um terapeuta holístico vai preocupar-se com o que ele come, pensa, faz e sente. O meio em que vive e a sua visão perante a vida.

⁴⁴ São centros de energia sutil no ser humano, é de origem indiana, ou precisamente sânscrita, e significa círculo ou roda.

⁴⁵ São as doenças (causadas pelo médico) devido ao uso de determinadas drogas.

escolher entre a nova ideia e a química familiar, um médico dará preferência à segunda” (CHOPRA, 1989, p.33). A abordagem holística da saúde e dos métodos de cura é, no entanto, compatível com as modernas teorias científicas:

A medicina hipocrática emergiu de uma antiga tradição grega de cura cujas raízes remontam aos tempos pré-helênicos. Durante toda a Antiguidade grega, o processo de cura era considerado, essencialmente, o fenômeno espiritual. Estava associado a muitas deidades. Hipócrates reconheceu as forças curativas inerentes aos organismos vivos, forças a que chamou o “poder curativo da natureza”. O papel do médico consistia em ajudar essas forças naturais mediante a criação de condições mais favoráveis para o processo de cura (CAPRA, 1998, p. 305).

A terapia energética é uma das formas mais antigas das artes médicas. No passado, a aplicação dessas forças foi considerada a intervenção das forças divinas para uns, e demoníacas para outros; atualmente é considerada um recurso extraído da natureza, energia inata, a chamada Força vital. A terapia energética pode ser aplicada em qualquer lugar sem provocar efeitos colaterais. Acreditam os reikianos, que o poder de cura pela imposição de mãos faz parte do desabrochar de novo homem como filho e co-criador do Universo.

3.3 Iniciação – Rei-Ju

Só é possível tornar-se um reikiano submetendo-se ao ritual de iniciação, momento em que os canais são abertos para poder entrar em sintonia com a Energia Universal e transformar-se em um agente de cura. Ao aplicar o reiki, a energia que vem do Cosmo, transmitida através das mãos, afirmam os reikianos que não estão trabalhando com uma energia pessoal e sim com uma energia extraída do Universo: “não é uma religião nem está filiado a nenhuma religião. Essa energia vital é a fonte da vida em si, um conceito e um fato muito mais antigo do que qualquer filosofia religiosa” (STEIN, 1995, p. 38).

Todo ser humano tem uma capacidade inata de impor as mãos, porém, no sistema reiki, o desbloqueio presidido por um mestre em reiki e treinado de acordo com os processos tradicionais, aumentando a ligação do receptor com a fonte. O iniciante só necessita ligar - se ao Ki de cura e colocar as mãos sobre si mesmo ou sobre outra pessoa, sem nunca esgotá-la. A iniciação não é uma sessão de cura, mas cria o agente de cura. O processo de iniciação é o que diferencia o reiki das demais imposições de mãos.

Eu não tenho certeza se o nosso intelecto pode realmente compreender o amor e pode abrir-se a ele em todos os níveis, mas se eu me abrir a um

contato maior com os outros, o reiki poderá me pôr em contato com a verdade do amor que está além da razão (LÜBECK, 1997, p.18).

O reiki é considerado uma “energia curativa que existe desde o princípio da civilização, deve ser explorada e não ignorada, mesmo quando parecem se aventurar no domínio dos fenômenos psíquicos” (CODDINGTON, 1978, p.21). Partindo desse princípio, cada indivíduo, no ato de recebimento dessa energia vital, escolhe, no nível do subconsciente, a quantidade de energia que irá receber e se realmente está receptivo. A energia nunca é imposta ou forçada, ela é “puxada” pelo receptor através da força da mente, direcionando a energia curativa para onde haja mais necessidade.

O uso constante relaxa e harmoniza, desintoxica e aumenta a frequência vibratória do corpo. Como não tem vínculo algum com dogmas ou com regras, é o que torna o reiki acessível a pessoas de todos os credos.

Existe uma centelha divina dentro de cada ser humano. Essa centelha de energia divina ou amorosa ressoa perfeitamente com o reiki, que pertence à mesma fonte e ajuda o indivíduo a experimentar o amor incondicional. Deus ama cada ser humano como ele é, o criminoso não menos que o santo. (LÜBECK, 1997, p. 35).

A iniciação acontece em três níveis: o nível I constitui-se, praticamente, de autocura, podendo o iniciado aplicar também em outras pessoas; o nível II aumenta o potencial de energia de cura no emocional, mental e kármico⁴⁶ do recebedor; o nível III é o grau de Mestre/Instrutor, sua capacidade de curar atinge níveis mais altos.

A energia do reiki nunca pode fazer o mal e nem com ela se cometer enganos. Deve-se demonstrar gratidão pela vida e respeitar as leis naturais. A Imposição de Mãos, em sinal de respeito pela energia Crística⁴⁷ com o único objetivo de curar ou aliviar a dor do semelhante significa o mesmo que seguir em busca de um verdadeiro caminho para a Luz, para Deus, ou para si próprio.

⁴⁶ Kármico é a Lei de Causa e efeito. Tal como o homem semeia, assim colherá.

⁴⁷ "Ama a ti mesmo e ao próximo, e a Deus sobre todas as coisas". Esta é a verdadeira manifestação da energia Crística.

3.4 Níveis do reiki

Quando ocorre o desbloqueio dos canais de energia⁴⁸, recupera-se a capacidade perdida existente em todo indivíduo ao longo de sua evolução humana. Nesse momento, ele não só recebe o aumento de sua energia vital, como também está ligado à fonte do Ki ou Ch'i⁴⁹ do Universo: inicia-se um processo de autocura das suas doenças físicas, o que eles chamam de Shoden.

Uma cura acontece somente se nos colocarmos de lado, deixando que o Reiki passe livremente, simplesmente escorrendo dentro de nós, atravessando-nos, passando através de nossas mãos, chegando ao outro ser que necessite dessa energia chamada luz ou energia criativa, ou ainda, energia cósmica. Assim, a passagem energética se torna muito simples, muito concentrada, direta e eficaz (RAMOS, 1995, p.33).

A que ocorre com a abertura dos chakras dura aproximadamente de duas a três semanas, momento em que o iniciado passa por um processo de desintoxicação, podendo ocorrer vários sintomas, desde uma simples coriza a diarreia e vômitos. É um sinal de que a sua aura⁵⁰ e seus chakras estão sendo limpos, este estado deve durar de vinte e um a trinta dias. No nível I, o iniciado precisa aprender a colocação das mãos, que deverão estar de palmas para baixo primariamente, onde os chakras estão localizados no duplo etérico⁵¹ de energia do corpo físico. Eles são “os transformadores” de energia que trazem o Ki da Terra e do Céu para o corpo humano ou animal” (STEIN, 1995, p.63).

Após a iniciação, o indivíduo é considerado um reikiano: ele torna-se um conhecedor das suas infinitas possibilidades e potencialidades: conseguirá desenvolver uma nova

⁴⁸ São as energias naturais do ser humano, quando bloqueadas acarretam um excesso de emoções reprimidas, ansiedades e tensões, desestabilizado o equilíbrio natural.”Reich chegou à formulação desses conceitos através de seu extenso trabalho com a psicanálise, por meio do qual observou que, no início da terapia, não há um relacionamento positivo com o médico, mesmo que o paciente se comporte de modo positivo. Isso, segundo o postulado reichiano, é devido à tendência do paciente de evitar a percepção de experiências dolorosas. O paciente consegue essa esquivia desenvolvendo bloqueios físicos e emocionais inconscientes, com a finalidade de deter o caminho da sensação, ou do sentimento” (MANN, 1973, p.14).

⁴⁹ Ch'i é como os chineses chamam a energia vital.

⁵⁰ A aura é o campo eletromagnético que reveste a superfície de todo corpo material, teve sua existência comprovada pelos cientistas russos Semyon e Valentina Kirlian. Nos anos 30, eles criaram uma máquina capaz de fotografar a aura. A foto kirlian.

⁵¹ O duplo etérico é um corpo fluídico que se apresenta como uma duplicata energética do indivíduo emite continuamente emanções de energia partindo de todas as partes do corpo. ”Colocando-se uma pessoa contra um fundo escuro, no crepúsculo, era vista uma névoa delicadamente luminosa, de forma oval, em torno de seu corpo. Essa névoa tinha três regiões distintas. A primeira, de meio centímetro de largura, era escura e angulosa, rodeando o corpo; chamou-se duplo etérico. Em torno dela, localizava-se a aura interior, densa e perpendicularmente listrada; sua largura variava entre 3 e 8 cm. Por fim, vinha a aura exterior, sem contorno definido” (MANN, 1989, p.135).

consciência de si mesmo. Nesse nível, há um melhor controle de sua própria vida, alcançando uma libertação da dor e das doenças, através do toque, em si ou nos outros. Não existe forma errada de ministrar a autocura:

Faça a imposição das mãos e a energia fluirá para onde é necessária. Mantenha as mãos em posição até o fluxo de energia mude e você seja levado a passar para a próxima posição. Se você for incapaz de adotar com as mãos uma posição ou se não se sentir a vontade quanto a passar para a seguinte adote aquela em que não tem dificuldade. Se não puder dobrar os braços e o corpo para transmitir a energia às costas, cuide apenas da parte da frente do corpo. Não cruze os braços nem as pernas durante as posições. A instrução básica para o Reiki é colocar as mãos sobre a região que apresenta dor. Quando possível. Faça uma sessão completa de cura. Quando não for possível faça o que estiver ao seu alcance (STEIN, 1995, p.68).

O nível I possibilita aos agentes a participação da cura em grupo, que pode ter de dois a nove agentes atuando em um único paciente, que, ao receber um forte fluxo de energia, obtém um benefício completo e rápido. Se o espaço onde estiver trabalhando a terapia em grupo for pequeno, os agentes ficam uns atrás dos outros, e cada um oferece a energia colocando as mãos no ombro do que está na frente. “Todos combinam de antemão qual posição cada um vai assumir. Com todos a postos, o líder acena e os curadores colocam as mãos no corpo da pessoa, simultaneamente. Os membros da equipe observam o líder à medida que ele realiza suas posições” (STEIN, 1995, p.95).

O nível II se concentra nas curas emocionais, mentais e kármicas, a capacidade de atuação é aumentada nesse nível, é quando o indivíduo toma conhecimento de três mantras (sons) e três yantras (símbolos), adquirindo, assim, conhecimento para poder enviar o reiki a distância, esse nível é também chamado de okuden. Tradicionalmente, o iniciado no nível II, ao receber os símbolos sagrados, não deve copiá-los, mas guardá-los na mente. No passado, havia trezentos símbolos do reiki, 22 eram utilizados. Hoje restam cinco nos níveis do reiki II e III.

Por muito tempo, a transmissão do símbolo era feita oralmente do mestre para os seus discípulos, sendo preservado o seu conhecimento por estranhos, o que resultou, com o passar do tempo, não só sua variação, mas também o seu desaparecimento. Após a iniciação do reiki II, há um processo final. Emoções antigas afloram, situações do passado que não foram resolvidas, há uma espécie de regressão para que sejam curados. Todo esse processo dura em média seis meses. O reiki II também possibilita ao iniciado uma cura a distância, cujos símbolos são introduzidos na aura do iniciado: se produzimos efeitos a distância, isso significa que o essencial não é a imposição de mãos, muito menos a posição das mãos e seu

movimento. O essencial é a ação mental. Em suas palestras Frei Hugolino não se cansa de repetir:

A energia que cura, a energia que mumifica, é uma energia do ser humano, do cérebro humano. E é uma energia tão poderosa que viaja a distâncias incríveis e atravessa paredes de aço e de concreto. Não conhece barreiras nem limites. Só não consegue penetrar mentes bloqueadas. Mente bloqueada está bloqueada pelo mesmo tipo de energia. Só a energia da mente pode resistir à energia de outra mente. Por isso, quem não tem confiança, quem duvida quem não acredita quem sofre de ansiedade ou preocupação tem a mente bloqueada. Essa energia não atinge e não pode beneficiar tais pessoas. Por isso é normal que nem todas sejam beneficiadas por essa energia. A colaboração, a abertura mental, o espírito desarmado, a atitude de receptividade por parte da pessoa que busca ajuda é tão indispensável (GRISA; BACK, 1987, p.77).

No nível II, a energia emitida pela força do iniciado já pode ser direcionada. A cada iniciação, aumenta consideravelmente sua capacidade de canalizar o ki, e pode ser acompanhada por um ritual ou pode ser apenas uma simples cerimônia, na qual, cada iniciado sente uma sensação diferente, cada experiência é própria, algumas pessoas percebem cores, vêem desenhos, outros chegam até a lembrar vidas passadas⁵².

A iniciação não acrescenta nada de novo à iniciante; ela abre e alinha o que já era parte dela. O processo assemelha-se ao modo de colocar uma lâmpada numa casa onde a fiação elétrica já existia; quando o agente de cura impõe as mãos com a intenção de curar, ela acende a luz (STEIN, 1995, p.38).

O simbolismo está presente em todos os lugares do pensamento, os símbolos são a essência e a fórmula do reiki. Eles são a chave para usar e transmitir esse sistema de cura. “Todas as coisas profundas, que afirmam a vida, são simples, e o reiki é um método extremamente simples, composto essencialmente de símbolos” (STEIN, 1995, p.104). São as fórmulas que Mikao Usui⁵³ encontrou nos Sutras e são reconhecidas pelo Budismo e consideradas sagradas e secretas: “a função de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento: a coincidência dos opostos, por exemplo, tão abundante e simplesmente expressada pelos símbolos, não é visível em nenhum lugar do Cosmos e não é acessível à experiência imediata do homem” (ELIADE, 1991, p.177).

Para acrescentá-los às sessões de cura, é necessário apenas visualizá-los ou desenhá-los no ar com as mãos e eles entram logo em atividade. Os símbolos sagrados do reiki “são

⁵² A Terapia de vidas passadas, aplicada de forma séria e criteriosa, auxilia na cura de determinadas doenças. Passando a sua abordagem pela Psicologia Transpessoal, um ramo mais recente da Psicologia que considera o componente espiritual como uma das dimensões do ser humano. As doutrinas que pregam a reencarnação afirmam que o espírito necessita renascer quantas vezes forem necessárias para atingir a perfeição espiritual.

⁵³ Mikao Usui foi o monge redescobridor da energia reiki.

utilizados durante as iniciações, mas só um é usado para a cura. Os ensinamentos em reiki III visam à iniciação, e os símbolos fazem parte desse processo” (STEIN, 1995, p.169).

Os símbolos utilizados são os seguintes:



Cho-Ku-Rei - Origem Taoísta, é o Símbolo da Força, potencializa a energia, é usado para invocar e atrair toda a energia do Universo de Deus para a cura. Concentra-se na cura do corpo físico.



Sei-he-ki - Origem Budista. Significa: Deus e a Humanidade são uma só pessoa. Destinado para a cura das emoções, pode ser usado para a proteção e purificação e anular as energias negativas. Concentra a energia reiki no campo emocional.



Hom-sha-ze-sho-nen - Origem no Kanji Japonês. Símbolo da conexão a distância. A luz em mim se estende para a luz em você a fim de promover iluminação e Paz. A maioria dos agentes de cura utiliza esse símbolo para o tratamento a distância. Por ele ser bastante difícil de desenhar, sofre muitas alterações. Seu uso mais importante é na cura kármica.



Dai-ko-myo – Não tradicional. Símbolo da sintonização espiritual com o universo é a cura da alma. Amplificador dos outros três símbolos, a partir deste momento, o canal reikiano⁵⁴ faz o seu tempo. Esse estágio é a preparação para o nível de Mestre.

⁵⁴ A partir do momento que se recebe a iniciação do reiki, o iniciado se torna um canal reikiano. Recebe e distribui energia.

大光明

Dai-ko-myō tradicional. O ideograma pode ter várias leituras: além de reiki, pode significar “chuva milagrosa de energia vital”, ou “chuva milagrosa que dá vida”.



Os cinco símbolos do reiki correspondem aos cinco níveis da mente que levam à iluminação. Eles são conhecidos entre os budistas como o próprio Caminho da Iluminação. Também representam os cinco elementos, as cinco cores e as cinco formas representadas frequentemente na arte tântrica.⁵⁵ Os cinco elementos são: terra, água, fogo, vento (ar) e Vazio (Espírito). As cinco cores são: o amarelo, o branco, o vermelho, o preto e o azul. As cinco formas são: o quadrado o círculo, o triângulo, o semicírculo e o cintamâni “que compõe a Stupa, Elas podem ser comparadas aos cinco pontos do Pentáculo em Wicca, em que o Vazio é o Espírito ou Éter. Os cinco elementos também estão associados aos

chakras” (STEIN, 1995, p.225).

A cura a distância constitui-se a mais importante para os agentes de cura, ou seja, curar alguém que não está presente fisicamente, alguém em quem você não pode fazer a imposição das mãos. A cura ocorre no nível do campo mental, um processo de visualização em estado de meditação. ”Transmitir energia, amor, luz e cores, orações, pensamentos positivos e visualizar bem uma pessoa são técnicas de cura a distância” (STEIN, 1995, p.121).

Quatro são as formas de utilizar o método de cura a distância:

- 1.Imaginar-se junto à pessoa, ministrando uma sessão de cura.
- 2.Imaginar a pessoa escolhida: pegue-a na palma das mãos para curá-la.

⁵⁵ Prática anímico-espiritual, busca a consciência de felicidade através da vivência intensificada do amor e do prazer em todas as suas formas, é um modo de ser natural, uma forma de experimentar a vida. Existem vários tipos de Tantra. Temos ainda as influências exercidas pelo Tantra sobre outras filosofias, artes, sistemas e religiões, como é o caso do Budismo Tântrico, Taoísmo Tântrico, Arte Tântrica, Magia Tântrica, Yôga Tântrico, etc.

3. Usar o joelho e a coxa lado esquerdo para representar a parte da frente do corpo da pessoa, o joelho e a coxa lado direito para representar a parte de trás e ministrar a cura pela imposição de mãos.

4. Usar um objeto ou uma foto como substituto da pessoa.

O nível III recebe mais um mantra, (som) e um yantra (símbolo sagrado), adquire a capacidade da cura existencial: é o símbolo da sintonização espiritual com o Universo, amplifica a capacidade dos outros três símbolos anteriores. Neste nível, o canal reikiano recebe a preparação para o mestrado, também chamado de Shinpiden e Okudenkoukl.

Nível IV, Sensei ou Shihan. “O Mestrado” receberá mais dois mantras e mais dois yantras. Ficando o indivíduo capacitado a iniciar novos reikianos e a transmitir seus conhecimentos dentro do Sistema Usui⁵⁶.

Aprender a perceber a energia a nosso modo é certamente útil; desde que não nos esqueçamos de que mesmo a energia que flui através de nós e ao nosso redor é apenas um fenômeno. Tenho observado que o fluxo de energia interior, assim como o do mundo exterior, recebe atenção demasiada em círculos da Nova Era (PETTER, 2002, p.102).

A energia reiki afeta todos os chakras da coroa.⁵⁷ “é o local de percepção dos guias espirituais; é o local da capacidade de canalização. A cor do chakras da testa é o índigo, o azul-escuro do céu noturno. É o centro do poder feminino e representa a criação das realidades pessoais” (STEIN, 1995, p.63). Existem diferentes sistemas no método reiki. O ensinado no Ocidente é uma variação criada por Chujiro Hayashi. Da mesma maneira como ocorreram fragmentações dentro do Budismo, Cristianismo e outras religiões, com o método reiki não foi diferente; vários iniciados dizem estar com o verdadeiro método de cura.

A energia do reiki não tem dono, está no Universo e pertence a todos. Atualmente, encontramos vários níveis e opiniões divergentes sobre o assunto. Mikao Usui ensinou a prática do reiki sem dividi-lo em graus. A senhora Hawayo Takata dividiu o sistema reiki em graus e valeu-se do sistema de pagamento usado atualmente nos Estados Unidos. No Brasil, os consultórios obedecem às mesmas regras seguidas por Hawayo Takata.

⁵⁶ Mikao Usui era o chefe da Usui Reiki Gakkai (a organização de reiki que ele próprio criou). Após a sua morte, a direção passou para os seus amigos mais íntimos entre eles o Sr. Ushida. Vários outros assumiram a associação, assim o trabalho passou por diversas mudanças, vários aspectos importantes do reiki foram removidos do sistema tradicional por Chujiro Hayashi.

⁵⁷ Corresponde ao 7º chakra que nos conecta com a energia divina. Está localizada no topo da cabeça.

Capítulo 4

Apresentação comparativa da Imposição de Mãos nas três Instituições a partir das entrevistas.

4.1 Uma visão metodológica

Ao tomar a decisão de pesquisar a Imposição de Mãos como terapêutica para cura de enfermidades. Tínhamos um questionamento sobre a capacidade humana de ativar forças que nos ultrapassam. Ainda assim, “esta presença e esta força, entretanto, não emergem de um lugar absolutamente estranho e exterior ao homem; ela nos é esquisitamente familiar, habita em nossa intimidade, e se não nos é conhecida, ao menos é reconhecida ou pressentida” (CASTELO BRANCO, 1995, p.15). Foi essa desconfiança, entretanto, um dos primeiros impulsos motivadores para a realização desse trabalho. “Ir às próprias coisas”, ou, em outras palavras, ir ao próprio fenômeno para desvendá-lo, tal como “se mostra em si mesmo” (FORGHIERI, 1993, p.11).

Pretendemos aqui facilitar, pois, a compreensão dos objetivos e da metodologia escolhida. Em seguida, faremos uma análise de entrevistas conseguidas de adeptos das três Instituições escolhidas, procurando entender as razões pelas quais essas práticas orientais em busca da cura e da saúde pela Imposição das Mãos encontram tanta aceitação em nossa sociedade. “Temos que reconhecer que estamos recebendo meramente o retrato que o informante tem de seu mundo, cabendo a nós, pesquisadores, avaliar o grau de correspondência de suas afirmações com a realidade objetiva, ou factual” (HAGUETTE, 2003, p.88).

Esta pesquisa teve como objetivo geral um estudo de religiões comparadas, cujas premissas residem na ideia de que a religião é uma forma universal de cultura que precisa ser entendida antes de ser explicada. Entendê-la significa conhecer seus padrões e variedades transculturais em uma perspectiva equilibrada. Procuramos entender o significado (motivações, símbolos, vivências) da imposição das mãos para praticantes de três tradições filosófico-religiosas: o Espiritismo, a Igreja Messiânica Mundial e o Reiki.

É pela análise comparativa, obtida através da pesquisa de documentos das tradições religioso-filosóficas e também nos depoimentos dos praticantes, que vamos compreender as

variações e as constantes que caracterizam tais técnicas, juntamente com as concepções antropológicas que as fundamentam.

É de fundamental importância refletir não apenas sobre a fala em si, mas sobre os gestos, os silêncios e ainda sobre o não-dito, de quem informa sobre um credo e sobre uma religiosidade e prática religiosa.

1.A amostra constou de quinze (15) sujeitos com idade entre trinta e dois anos (32) e quarenta e nove anos (49), que se declararam pertencerem a uma das três Instituições escolhidas. Nesta pesquisa, os sujeitos da amostra foram selecionados considerando como fator fundamental estarem envolvidos diretamente como agentes de cura e dispostos a falar de modo pessoal e subjetivo sobre suas experiências e vivências com a prática curativa utilizando a imposição das mãos.

2.Foram entrevistados em horário e ambiente escolhidos por eles próprios, que apresentavam as condições mínimas necessárias para que a entrevista acontecesse de um modo adequado, sem interrupção e sem a presença de terceiros. Na ocasião, foi solicitada a leitura do termo de consentimento bem como a permissão para que as entrevistas fossem gravadas.

3.A coleta dos dados foi feita através de entrevistas com tempo livre, sendo utilizados, aproximadamente, entre quarenta (40) a sessenta (60) minutos, gravadas em um ambiente tranquilo e privativo, sendo depois transcritas e digitadas. Foi utilizado um questionário com perguntas e respostas livres, gerando, no entrevistando, liberdade, espontaneidade e confiança.

4.Para a análise dos dados, foram realizadas as transcrições, tentando-se delimitar e descrever fenomenologicamente o conteúdo das entrevistas, separadas em blocos por tratar-se de entidades institucionais distintas. Os dados da entrevista foram submetidos a uma sistematização de análise comparada, obedecendo aos seguintes critérios:

a) Fizemos uma primeira apreensão do sentido mais global dos significados pessoais, íntimos, vividos e demonstrados nas entrevistas, referentes ao tema central da pesquisa.

b) Consideramos separadamente trechos das entrevistas que revelam cada um dos diferentes momentos ou temas da experiência vivenciada.

c) Trechos de entrevistas, expressões recorrentes e significativas, constituem traços, elementos que irão produzir “resultados” e explicações.

d) Utilizando a "pesquisa qualitativa" cujo objetivo é descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados e sentidos dos fenômenos do mundo social. Os métodos utilizados se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos que empregamos no nosso dia-a-dia. “Trata-se de dados simbólicos, situados em determinado contexto; revelam parte da realidade ao mesmo tempo em que escondem outra parte (MAANEN, 1979, p.521). Nessa combinação de métodos utilizamos a” triangulação simultânea “, ou seja, o uso ao mesmo tempo de métodos quantitativos e qualitativos”, na fase de coleta de dados, a interação entre os dois métodos é reduzida, mas, na fase de conclusão, eles se complementam (MORSE, 1991, p.120).

g) Para finalizar, uma análise comparada da Imposição de Mãos nas três Instituições previamente selecionadas para participarem dessa Dissertação de Mestrado.

4.2 Transcrição e sistematização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas na tentativa de verificar e problematizar os conceitos advindos das fontes bibliográficas escolhidas. A análise dos depoimentos foi realizada através de sínteses em que tentamos captar e descrever o significado da vivência dos participantes da pesquisa, selecionando partes das descrições que consideramos essenciais para que o fenômeno se revelasse. Em seguida, foram comparadas as partes selecionadas, procurando o que existe de comum e o que existe de próprio em cada depoimento.

Depois de reunidas, as informações teóricas disponíveis sobre o assunto a ser abordado, formulamos, com a ajuda das entrevistas, uma estrutura do vivido, construindo um quadro compreensivo e sistemático das questões que afloram. Apuradas as situações vivenciadas pelos adeptos nas três instituições escolhidas, foram selecionadas as perguntas, cujas respostas ajudaram a construir informações novas e relevantes sem fugir dos objetivos da investigação, trazendo uma nova visão para a análise.

O método utilizado na entrevista foi especialmente amparado na análise do sentido que os entrevistados dão às suas práticas e problemas específicos, partindo de experiências ou acontecimentos vividos. Nossa abordagem vai numa perspectiva qualitativa, observando a frequência de determinados termos, construções e referências, sua importância no que se refere ao conteúdo, sobretudo à forma metódica com que tratam as informações que apresentam algum grau de profundidade e complexidade.

As análises temáticas, que passamos a realizar, revelam as representações sociais sobre o sagrado em torno da imposição de mãos: as análises formais incidem principalmente sobre as formas e encadeamento de discurso; e, as análises estruturais põem em evidência os elementos da mensagem como estão dispostos e tentam revelar aspectos subjacentes e implícitos.

Interpretação das entrevistas

As razões que levam as pessoas a procurarem uma religião são as mais diversas possíveis; as de natureza mais material e aquelas outras de natureza mais espiritual. Variam de acordo com a crença de cada um e de cada grupo. Observamos nas respostas dos nativos que 50% da procura por uma religião se devem aos problemas de ordem pessoal, como, por exemplo, desemprego, vícios e até mesmo desavença familiares. O restante dos fieis ficou dividido entre ajuda para as dores físicas e da alma, perturbação de ordem espiritual. Poucos foram em busca de uma espiritualidade ou à procura de Deus.

O desejo de livrar-se do Inferno e tornar-se limpo dos pecados praticados no dia - a - dia, conseguir um melhor lugar ao céu ou no mundo espiritual, sempre é um bom motivo; receber privilégios de um santo protetor e conseguir vantagens no que diz respeito à saúde e ao conforto constitui motivo também. 100% dos entrevistados acreditam na possibilidade de uma segunda vinda à Terra. Sentir-se protegido e amparado por seres superiores já é uma boa garantia de existência com menos sofrimento.

O elenco de interesses é variado e, quando um “fiel”, movido por qualquer tipo de interesse, deixa de ser atendido em suas pretensões, sua fé sofre um abalo, espera que alguma coisa mude em sua vida para poder sentir a manifestação de Deus. Nas três instituições pesquisadas, quase 100% dos seus membros já passaram por outras religiões, (católica, protestante, umbanda, etc), até chegarem à que estão atualmente, ou seja, espírita, messiânica ou reiki. Alegam seus adeptos que as religiões em que estavam anteriormente não forneceram respostas para suas aflições, sendo essa a razão da troca. Há ainda membros entre os adeptos não só do reiki, como também dos espíritas, que seguem a tradição de seus familiares: afirmaram que nasceram numa religião e nela permaneceram sem se darem a oportunidade de conhecer outras. Pois é assim que tem que ser! E sentem-se satisfeitos por essa decisão.

Se pensarmos a questão religiosa com mais liberdade e considerarmos a complexidade social produzida pela globalização e a liberdade individual que ela produz, podemos concluir que o futuro das religiões está na religiosidade e não nos formatos religiosos. Para muitos grupos urbanizados, o doente necessita de hospitais e não de religião para curar-se: no máximo a aplicação da energia curativa vai aliviar um pouco suas dores. A prática religiosa utilizando a imposição de mãos significa, então, para os adeptos entrevistados, uma prática terapêutica normal, podendo ser vivenciada em várias religiões, sem que haja o prejuízo para essa ou aquela instituição em particular.

Para os espíritas, 40% atribuem a prática religiosa aos ensinamentos do evangelho na visão do Cristo, 40% às palestras e apenas 10 % atribuem aos rituais da imposição de mãos. Na Messiânica, 60% afirmam que todos os rituais são de ordem religiosa, 20% acham os cultos mensais e 20% acham o johrei. Enquanto para o reiki, afirmam seus adeptos, que 100% de seus praticantes pautam suas vidas em uma filosofia de vida combinada com as terapias holísticas e nada no reiki encontra-se o com o que podemos considerar uma prática religiosa.

O pensamento voltado para o alto e as boas intenções é de especial importância no ritual de impor as mãos, afirmam os entrevistados. O que nos leva a questionar que não seria possível essa prática aos impuros de pensamentos e ações. Mesmo assim, independente das suas variações, se reiki, johrei ou passe, o que importa mesmo é que o adepto se encontre com as energias equilibradas para praticar tal ato. Como se isso fosse possível em sua totalidade, pois, no início das entrevistas, 100 % dos mesmos depoentes responderam ser a falta de equilíbrio energético que os fez procurar a prática da imposição de mãos nas três instituições.

É pelas mãos, afirmam 100% dos adeptos, que a luz divina é levada para os necessitados. No entanto, os pés, por exemplo, poderiam ser utilizados para o toque com

efeitos terapêuticos. É o que alegam os praticantes dessa terapia, podendo também estimular o fluxo de energia, limpando o corpo de toxinas e ajudando pessoas a relaxarem temporariamente. Isso indica que não é apenas o uso das mãos a alternativa capaz de manipular a energia e trazer esse alívio tão desejado e esperado pelos seus praticantes.

Assim, entre os adeptos messiânicos e espíritas, de 10% a 50% recebem de duas a três vezes por semana imposição de mãos. Já no reiki, 100% dos seus agentes de cura responderam receber e doar diariamente, pois o reiki é um instrumento de trabalho. Afirmaram ainda, adeptos das três instituições pesquisadas, que vêem como normal essa prática por outras instituições.

A energia utilizada na imposição das mãos, por ser uma energia neutra, pode ser utilizada para a prática do bem como também para a prática do mal? 70% dos praticantes espíritas afirmaram que sim, 100% da Messiânica e do reiki afirmaram que não. A intenção dos agentes de cura é para a prática do bem. Se utilizada de forma equivocada fica a encargo de cada agente de cura.

Não encontramos entre as afirmativas dos depoentes, qualquer praticante que objetivasse o uso maléfico da imposição de mãos, como também, não encontramos qualquer tipo de interpretação miraculosa do ato de impor as mãos: o que, para uns, é à força da fé; para outros, é a força da mente. Aparentemente, os pacientes bem sucedidos aprenderam a motivar a própria cura, na relação com quem lhes impôs as mãos.

Outro fator relevante ao procurar por uma religião é o de tentar uma aproximação de Deus e uma busca por ele. Ao estudar as religiões, objeto de nossa pesquisa, questionamos se qualquer outra religião não iria satisfazer aos seus adeptos.

Ao associar a ideia de Deus com a idéia da criação e da co-criação, admitem os entrevistados a existência de um Ser Superior capaz de mudar a realidade da vida. Para os espíritas a idéia de Deus representa, em 20%, uma fonte criadora; 40% um ser onipresente; 20% ponto de partida e, 20%, energia, amor e inteligência suprema. Para os messiânicos, 60% representa o ser supremo, 20% representa tudo e 20 % representa a paz. Para os reikianos, 50% representa a energia e 50% representa um ser superior.

Seguir o exemplo de Jesus como maior líder espiritual é o que afirmam 100% dos adeptos espíritas, sendo que muitos deles se denominam cristãos. Os cristãos crêm em um sistema doutrinal particular admitem a existência de uma Trindade e a divindade de Cristo. Acreditam na ressurreição e têm a salvação como artigo de fé. Tornando-se Jesus o maior

líder religioso de todos os tempos, de forma profética ensina aos adeptos os caminhos da salvação. E assim, Deus e Jesus são confundidos em uma mesma liderança.

O que não acontece, por exemplo, nas doutrinas orientais, cujo conceito religioso remete mais à busca interior e pessoal do autoconhecimento e não ao seguimento de um líder exterior e salvador. É o que afirmam 100% dos adeptos do reiki. Efetivamente, não é possível uma combinação simples entre a doutrina oriental e a ocidental. Buda nunca quis ser um Salvador e sim um guia para o caminho da libertação espiritual. A comunidade, a sangha⁵⁸, nunca foi uma igreja no sentido ocidental da palavra, porque nunca teve uma hierarquia sacramental: o conceito de Deus para os orientais é diferente do conceito no sentido judaico-cristão.

Então, na tradição oriental que serve de base às espiritualidades estudadas, encontra-se sempre referência a guias e gurus, mas o conceito de liderança está mais vinculado à sabedoria daqueles que despertaram e amadureceram espiritualmente, do que à tradição hierárquica. Deriva disso um modo de socialização da fé e do conhecimento religioso que é mais anárquico e imponderável: as comunidades vão aderindo àquelas lideranças que demonstram talentos e dotes de cura e orientação. Tal tendência somente é atenuada no Messianismo que estudamos, cuja Igreja parece ter assimilado mais profundamente o messianismo cristão em sua síntese sincrética: aí se verifica uma supervisão clerical nas celebrações principais e a atribuição de caráter salvífico ao fundador.

Talvez, para um avanço na teologia explicativa desses grupos religiosos, especialmente porque inspirados em filosofias orientais que apontam para um “equilíbrio energético” como fonte sustentadora da vida, falte um diálogo maior com as ciências que hoje se reorganizam em torno da física quântica, que deixam espaço para consideração de uma energia que permeia todas as coisas – e, portanto, para a compreensão de uma energia curativa, mana, ou ainda, força vital, que irradia dentro e ao redor dos nossos corpos, podendo ser ativada pela imposição de mãos para a cura.

A energia utilizada na imposição das mãos, por ser uma energia neutra, pode ser utilizada para a prática do bem como também para a prática do mal, segundo afirmam. Não encontramos, entre as afirmativas dos depoentes, qualquer praticante que objetivasse o uso maléfico da imposição de mãos, como também, não encontramos qualquer tipo de

⁵⁸ Sangha é o nome dado à comunidade budista, formada por monges, monjas, noviços e na maior parte das tradições, também pelos praticantes leigos.

interpretação miraculosa do ato de impor as mãos: o que, para uns, é a força da fé; para outros, é a força da mente.

Para os agentes de cura, o objetivo da imposição de mãos é promover o reajustamento do equilíbrio interno e externo, provocando no organismo as reações necessárias, de acordo com as leis da própria natureza. Não se trata de magia, ou algo sobrenatural. O poder da mente é imaterial, mas se desenvolveu uma forma de parceria com átomos de hidrogênio, carbono e outras partículas cerebrais, tornando-se superior à matéria, é o que demonstram as últimas descobertas da neurobiologia ⁵⁹.

A idéia de Deus é a idéia de criação e co-criação. É um fator de energia divina, mas existe também a colaboração de outros seres que ele próprio pode estar organizando; é uma organização divina. Não só Deus, mas existem também outros seres que também colaboram com essa fluidez energética, com essa vida terrena nossas. Existe a nossa própria colaboração, o nosso próprio entendimento de estar - se relacionando consigo e com as outras pessoas. Assim, enquanto seres divinos também acredito em um Pai Divino. Eu acredito que tenho dentro de mim um Ser Divino, que existe um caminho. Deus é pra mim um parceiro, é aquele que vê tudo, divide tudo, que não é manipulador e não é punidor, é algo maior e uma energia superior para qual está convergindo. Mas a gente também tem a nossa energia, para adeptos do reiki é essa a idéia de Deus.

Ao associar a ideia de Deus com a ideia da criação e da co-criação, admitem os entrevistados a existência de um Ser Superior capaz de mudar a realidade da vida. Deus e os seres espirituais estão em um plano espiritual, enquanto os seres humanos estão em um plano temporal. As duas ordens de mundo são totalmente diferentes, são afetadas por uma desigualdade.

Deus é imortal, eterno, onipotente, onipresente, onisciente e poderoso. Enquanto, os seres humanos são mortais, efêmeros e finitos. O dito sobre Deus pelos homens aponta para formas de ilusão da reversibilidade: plano humano e plano divino; ordem temporal e ordem espiritual; sujeitos e Sujeito; homem e Deus.

A ilusão ocorre na passagem de um plano para outro e pode ter duas direções: de cima para baixo, ou seja, de Deus para os homens, momento em que Ele compartilha suas

⁵⁹“Uma amputação do conceito de natureza humana com o qual a medicina trabalha... não surpreende que, de um modo geral, as conseqüências do corpo sobre a mente mereçam na medicina uma atenção secundária ou mesmo nenhuma atenção... (Ela) não percebe que aquilo que as pessoas sentem em relação ao seu estado físico é um fator principal no resultado do tratamento” (DAMÁSIO, 1998, p.287).

propriedades (bênçãos); de baixo para cima, quando o homem se alça a Deus, principalmente, através da visão, da profecia. É a visão de Deus para espíritas e messiânicos.

A palavra Deus não nasceu de uma especulação filosófica, surgiu de uma experiência mística. Etnologicamente deriva do sânscrito *div*, que significa luz, dia, esplendor, transcendência seria o conceito mais nobre. Deus indica algo distante, inalcançável, e a experiência direta encontrada no interior das religiões é uma percepção humana dada pela revelação e pela mística. A experiência indireta de Deus é, ao contrário, a experiência que passa pelos símbolos.

O limite ligado à experiência de Deus está preso ao próprio jogo do conhecimento na cultura dos povos. Se no passado essa experiência vinha do céu, da natureza, hoje, não dizem muita coisa, pois o homem manipula e transforma a natureza que não é mais a manifestação de Deus. Quando a civilização se encontrava nos seus primórdios, a religião e a ciência ainda não eram conhecidas, a natureza e os seus fenômenos naturais traziam medo e admiração ao homem primitivo. Os fenômenos naturais foram venerados e associados a espíritos ou deuses - deuses das árvores, rios, relâmpagos, tempestades, ventos, sol e todos os outros fenômenos terrestres, relacionados a cada ato da natureza.

E assim foram formando as suas próprias religiões, suas crenças e seus deuses, e com eles, suas formas diferentes de fé. Aspectos físicos foram atribuídos e atributos humanos foram dados aos deuses. Com o passar do tempo, a ideia de Deus passou a ter diversas formas: das concretas às abstratas. O deus hindu é diferente do deus cristão. O deus cristão é diferente dos deuses de outras fés. Deus não é um fato, como também não é uma teoria comprovável.

Para 50% de adeptos espíritas, Deus é uma ideia subjetiva, uma força criadora, um ser onipresente e modelo de amor; e, para outros 50% restantes, uma força criadora sem intervenção nos destinos do universo. A ideia de Deus, ensinada atualmente, é uma sublimação dessa antiga concepção dos deuses com o seu caráter antropomórfico. A ideia de Deus representa, sobretudo, a esperança, mas, perante o caos. É pelo ato da devota adoração por uns e no silêncio das meditações, para outros, que se vivencia a verdadeira experiência afirmam adeptos do reiki.

A ideia de Deus existente em cada ser humano, dos tempos mais antigos ao mundo moderno, dentro de qualquer tradição religiosa ou filosófica, fornece aos seres humanos uma maneira de compreender o mundo e tornar possível o seu relacionamento com a vida. Embora as religiões falem de uma diversidade de seres divinos, o desafio individual e social de

encontrar mais saúde e vida remete sempre a uma mesma aposta de religião com um poder a mais, salvífico.

4.3 Síntese das entrevistas

As crises do homem moderno são em grande parte religiosas, na medida em que são as tomadas de consciência de uma ausência de sentido. Desde o momento em que sentimos ter perdido a chave da existência, desde o momento em que já não sabemos qual é o significado a vida, estamos perante um problema religioso, pois a religião é precisamente uma resposta a pergunta fundamental: qual é o sentido da existência?...(ELIADE, 1987, p. 110).

O ser humano é complexo e capaz de criar na terra, o céu e o inferno. Em busca de orientação para a existência, de sentido para a vida e de alento para a doença e a morte, em suas mil faces, milhões de pessoas percorrem os salões sagrados em todo o mundo. O discurso religioso utilizado adequa-se ao momento em que é expresso, realiza uma aproximação metafórica, uma síntese capaz de guiar o comportamento individual e social, em direção à transcendência, ao desprendimento.

O homem não se encontra num mundo inerte e opaco e, por outro lado, ao decifrar linguagem no mundo, ele é confronto com um mistério. Pois a 'natureza' desvela e camufla ao mesmo tempo o sobrenatural, e é nisto que reside para o homem arcaico e o mistério fundamental e irreduzível do 'Mundo' (ELIADE, 1999, p.178).

Os relatos de milagres, as experiências míticas, as divindades, os demônios, esconderam ao longo do tempo o encantamento que se revela por traz do mundo espiritual. O sagrado existe e se renova sempre, como mistério salutar para além da busca básica de todo mundo por mais saúde. Os nativos de duas instituições que estudamos, porém, a filosofia do reiki (é assim que fazem questão de serem reconhecidos), e em parte a doutrina espírita, afirmaram categoricamente não pertencerem a nenhum credo e não se utilizam de nenhuma simbologia religiosa, muitas menos de nenhuma encenação ritualística, que justifiquem serem chamados de religião.

Mas conseguiram os nativos extirparem de suas vidas o que seria ser religioso? Como é possível isentar-se da experiência religiosa sem que se tenha vivenciado tal experiência? Seria a mesma coisa que se perguntar qual a fragrância de um determinado

perfume sem antes colocá-lo próximo às narinas? É por essa razão que Rudolf Otto aconselha aqueles que nunca tiveram qualquer experiência religiosa a não continuarem com a leitura do seu livro sobre o Sagrado. Será que ocorre justamente o oposto com esses nativos, onde experienciam o transcendente sem se darem conta? Somente nele habita o desejo de ir além de si próprio. Cada um à sua maneira, de acordo com seu nível de consciência.

Ao afirmam não serem subjugados a nenhum tipo de ritual religioso estariam sendo contraditórios em suas práticas ritualísticas pela iniciação? A utilização dos perfumes em lugares sagrados, uso dos amuletos e colares, estudos em livros sagrados, gestos e orações, seres imaginário, milagres, celebrações e festas não seriam a manifestação de fenômenos ditos religiosos? O mundo consagrado ao sagrado foi relegado a qual plano dentro dessas instituições que se afirmam arreligiosas? Mas o que seria então os rituais de iniciação, processo que acontece por meio de vários atos para se tornarem adeptos e formarem-se verdadeiros agentes de cura? Como é possível uma nova configuração do sagrado? “O homem moderno arreligioso assume uma nova situação existencial: reconhece-se unicamente como sujeito e agente da História, recusando qualquer apelo á transcendência” (ELIADE, 1998, p.172).

Os gestos curativos que encontramos nas tradições estudadas têm sua eficácia e são habitantes do nosso mundo. Foram os homens que assim o fizeram, muito antes do nosso nascimento. Os gestos tornaram-se religiosos quando assim foram batizados, marcando-nos na recuperação da saúde, sinalizando a nossa existência tanto na vida tanto quanto na morte.

O homem religioso vive em duas espécies de tempo, a mais importante das quais, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos. Este comportamento para com o tempo basta para distinguir o homem religioso do homem não-religioso: o primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, se chama o presente histórico; esforça-se para tornar a unir-se a um tempo sagrado que, de um certo ponto de vista, pode ser homologado à Eternidade (ELIADE, 1988, p. 82).

Para encerrar, questionamos qual seria a ideia de Deus existente em cada um. As entrevistas aqui analisadas apontam para vivências da experiência religiosa em diferentes instituições cujo significado flutua com as variáveis entre a filosofia e a religião. No entanto, o sentido da vida em relação ao transcendente não é desviado por caminhos diversos: todos buscam um determinado fim. As respostas não foram tão diferenciadas, o sentimento que os une com relação à ideia de Deus é basicamente a mesma, todos estão intimamente e espiritualmente unidos independente de credo, classe social ou intelectual. O auxílio divino

está presente no seu dia a dia, o caminho é o mesmo no processo de individuação, porque cada um traz um nome: Johei, Passe ou Reiki.

Afirmam os adeptos que é no exercício da oração ministrado pelo Johrei, Passe ou Reiki que são iluminados pelas luzes do alto, onde a ciência não pode penetrar. Essa mística é a que vai unir os homens a Deus. Deus está no início e no fim de tudo. Ao mesmo tempo em que eterniza o homem, o faz retornar ao início. É pelo ato da devota adoração por uns e no silêncio das meditações em uma busca totalmente solitária, por outros, que se vivencia a procura por compreender o mundo e tornar possível o seu relacionamento com a vida.

Comparação da Imposição de Mãos nas três Instituições

A Imposição de Mãos é uma prática milenar presente em diversas culturas e religiões. Essa arte milenar de cura traz alívio aos sofrimentos desde o Antigo Egito e é datado de 1552 a.C. Os egípcios empregavam a aposição de mãos, como os executamos ainda em nossos dias. Essa substância sutil chamada de energia cósmica é amplamente utilizada na atualidade pelo espiritismo, igreja messiânica e pelo reiki, tem como fator principal, afirmam seus adeptos, os benefícios trazidos na área da saúde.

Por ser um meio não evasivo, pode ser utilizada como complemento das terapias ou tratamento utilizado nos doentes, possui notáveis qualidades curativas, pode-se encontrar nos princípios do passe, do johrei e do reiki. Afirmam seus adeptos que os princípios científicos que sustentam esta terapia baseiam-se na concepção de que o ser humano possui um campo de energia abundante, ou campo áureo, e flui através das mãos dos praticantes. Poderíamos perguntar onde se encontra localizado essa arte de milenar cujo comportamento sobrevive nas mentes e nos corações de adeptos de várias culturas religiosa e sobrevivente aos dias atuais.

Sabemos hoje que certos mitos e símbolos circulam pelo mundo, propagados por certos tipos de cultura - ou seja, que esses mitos e símbolos não são descobertas espontâneas do homem arcaico, mas criações de um complexo cultural bem delimitado, elaborado e veiculado por certas sociedades humanas (ELIADE, 2002, p.30).

É útil ser bem explícito em afirmar os que os une, e o que os separa. Oriundo de uma mesma matriz é um bem pertencente não a uma religião em particular, ou sociedade, mas um recurso extraído da natureza e pertencente ao homem em qualquer um dos seus estágios dentro da história da humanidade.

São nos rituais religiosos que se resumem pelo menos, para eles os seus adeptos, a forma de se ver no mundo e a realidade de como o mundo é. Graças a esse conjunto de simbologia que faz das três instituições de cunho ritualístico e religioso e não arreligioso como afirmam ser os reikianos e parte de alguns adeptos da doutrina espírita.

Observando as três práticas não poderíamos afirmar qual delas seria a primeira a se utilizar desse método de cura, ou se estão aplicando de forma imprópria ou não a aplicação da imposição de mãos, pois, o espiritismo o reiki e a igreja messiânica trás o principio da cura sem imaginarmos quem deu início ou quem sucedeu a quem. O que na realidade para os

adeptos dessas culturas, também não faz a menor diferença quem tomou o ponto de partida, o que importa segundo as suas afirmativas é o seu objetivo final. Que é o bem estar que essa prática proporciona independe de qual seja a religião ou instituição religiosa ou não que a utiliza.

O espírito que une as três instituições em torno da imposição de mãos é uno e objetivam um único fim, servir ao próximo como forma de amor e doação. São atitudes eminentemente fraternais, quando o assunto é por as mãos para auxiliar as dores. Nesse sentido, independe de qualquer conceito pré-concebido a lealdade aos princípios humanitários fala mais alto do que qualquer dogma, qualquer princípio contrário aos que a defendem. “Temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num” sistema “, ao qual se pode chamar de” sistema do Mundo “das sociedades tradicionais” (ELIADE, 1992, p. 24).

A maioria das religiões utiliza algum tipo de cerimônia de iniciação pela qual uma pessoa se torna um membro reconhecido daquele grupo. O comportamento humano é visto como uma ação simbólica, uma conduta padronizada. O que devemos indagar é qual o valor simbólico e qual a importância dos gestuais de cura perante uma comunidade que vão sendo transmitidos os seus conhecimentos de geração para gerações por anos a fio. “Nenhuma religião é inteiramente ” nova “, nenhuma mensagem religiosa elimina completamente o passado; trata-se, antes, de reorganização, renovação, revalorização, integração de elementos – e dos mais essenciais! – de uma tradição religiosa imemorial (ELIADE, 2002, p.24).

É o que acontece nos rituais da imposição das mãos. Tais ritos indicam também a nova direção que a vida do iniciado está tomando. As tradições religiosas do reiki e da igreja messiânica realizam suas cerimônias de iniciação de forma privativa, não sendo possível a participação de adeptos além do mestre e do iniciado.

Num ponto, contudo, a maioria dos agentes de cura concorda: o poder de curador após a iniciação é passado do iniciador aos novatos. “O cargo de curandeiro não é hereditário em considerável número de populações primitivas. Isso quer dizer que no mundo todo se admite a possibilidade de obter poderes mágico-religiosos tanto de modo espontâneo quanto de modo deliberado” (ELIADE, 2002, p.36).

Muitos ainda se prendem à noção de que a iniciação se faz necessária, provavelmente, acreditando que por esse ato mágico eles receberão os segredos do universo e os poderes que acreditam serem secretos.

Quase sempre as doenças, os sonhos e os êxtases constituem em si uma iniciação, ou seja, conseguem transformar o homem profano de antes da “escolha” em um técnico do sagrado. É claro que essa experiência de ordem extática é sempre, em todos os lugares, seguida por uma instrução teórica e prática a cargo dos velhos mestres, mas não deixa por isso de ser decisiva, pois é ela que modifica radicalmente o status religioso da pessoa “escolhida” (ELIADE, 2002, p.49).

Na religião espírita, não existe ritual de iniciação. Um estudo sobre a doutrina dos espíritos o conhecimento da localização dos chacras, e o desejo de auxiliar já é suficiente para que um adepto se torne um passista. Nos passes ministrados em centros espíritas, nos johrei center e nos consultórios de reiki os agentes de cura se mantêm em estado meditativo nas três instituições. Movidos por compaixão em pleno desejo de curar o paciente, é o que torna os gestuais de cura a parte mais importante de todo o processo de cura.

Com este pensamento, o campo de energia individual é acessado e a troca de energia faz-se real entre os adeptos. As mãos podem agir como um instrumento preciso detectando onde pela sensibilidade e a intuição estão os pontos mais vulneráveis. São as sensações sentidas pela palma das mãos, que indica onde a energia do paciente apresenta em maior ou menor intensidade algum bloqueio.

É nesse ponto, que os reikianos afirmam ser a energia do reiki uma energia inteligente. De forma involuntária e independente do doador ou do receptor, essa energia curativa é distribuída ao longo do corpo do paciente, de forma inteligente e equilibrada. Não existe afirmam seus adeptos, excesso ou falta de energia em um tratamento, pois a mesma é direcionada de forma correta e desfazendo nós, distribuída de forma uniforme que ao término do tratamento, os chacras estão equilibrados energeticamente com a energia curativa que flui através das mãos.

O pensamento por parte dos agentes de cura surge de forma unânime nos adeptos das três instituições: se não conseguimos curar, pois a imposição de mãos não se trata de milagres; conseguimos aliviar as partes doloridas ou congestionadas, e assim, trazer se não a cura, mas o alívio para as dores por certo tempo.

Encontramos mediadores diferentes para rituais semelhantes: Jesus para os espíritas, Meishu-Sama para os messiânicos e uma energia criadora fonte de todo Universo para os reikianos. Estudo de sua doutrina para passistas; estudos doutrinários mais uma medalha fazem dos adeptos messiânicos detentores de poderes para o exercício da cura. Enquanto para os reikianos, não é possível sem o processo de iniciação envolvendo símbolos milenares, ditos secretos, surtem os mesmos efeitos quando aplicados a distancia.

Poderíamos afirmar a existência de uma força mental que move tais poderes para cura, inclusive as curas a distancia utilizada nas três instituições. Se não é a força da mente quem efetua essas curas a distancia? a quem poderíamos atribuir tais feitos já que as mãos não estão presentes para manipular os campos energéticos de seus pacientes?

As formas de aplicação são as mais variadas. No espiritismo, os passes são aplicados uma vez por semana, sempre com o auxílio de entidades espirituais em cabines separadas e em silêncio absoluto. A meia luz para facilitar a concentração, onde o paciente fica sentado e o agente de pé frente a frente com as mãos paradas ou com leves movimentações de eflúvios o que é alvo de controvérsias entre os seus praticantes.

Na messiânica, o johrei pode ser aplicado em qualquer lugar em que se esteja não se faz necessário que seja na Igreja ou nos johrei Center. Pode ser aplicado até em um carro em movimento. Para os seus praticantes só o ato de impor as mãos já é o suficiente para que a energia flua. Com o reiki o ritual de aplicação de energia é completamente diferente do johrei e do passe. O reiki pode em caso de emergência ser aplicado em qualquer lugar. Diferente do passe espírita que defende a obrigatoriedade da aplicação no centro espírita. Nos consultórios onde o reiki é aplicado, o paciente fica deitado com um travesseiro em baixo dos joelhos e uma faixa vedando os olhos para facilitar a concentração de quem está recebendo os efeitos benéficos da energia, sempre a meia luz, música ao fundo e com queima de incensos. Eliade chama atenção para um aspecto realmente curioso, ele diz: “O que é paradoxal e não entendível não é o fato da manifestação do sagrado em pedras ou árvores, mas o fato que ele se manifesta e desta maneira limita e relativiza” (ELIADE, 1986, p. 56).

Outra diferenciação encontrada entre as três instituições trabalhadas e que diferentemente do passe e do johrei, o reiki é a única forma de imposição de mãos que se permite uma auto-aplicação eis uma das diferenças mais marcantes que encontramos das demais aplicações, os reikianos com auto-aplicação estão em constante autocura, e assim mantêm as suas energias em constante equilíbrio.

Acreditam os adeptos do reiki do passe e do johrei que ao aplicar em alguém a energia curativa, essa volta imediatamente como forma de retribuição pelo ato de doação e de amor, ou seja, o que existe é uma espécie de troca a energia passa a ser um benefício e para quem dá e para quem recebe. Para a utilização da energia curativa afirmam os adeptos das três religiões, basta invocarem a energia e deixar a energia simplesmente fluir.

O magnetismo do passado transformou-se em passe, johrei ou reiki. Hoje, a Ciência descobriu a Medicina Bioenergética e foram extraídas as forças divinas, ocultas e sobrenaturais dos processos de cura pela imposição de mãos.

Afirmam os agentes curadores que a constante utilização da energia curativa pouco a pouco os hábitos que não são considerados saudáveis, como alimentar-se com carne vermelha, por exemplo, aos poucos vão sendo substituído por outros elementos, isso se dá pela forma como a energia retira as toxinas do organismo deixando-os saudáveis. A utilização da energia é responsável afirmam adeptos pelas transformações na vida de seus praticantes e atua com o tempo mudando valores.

A energia curativa atua no sistema imunológico, as aplicações de energia universal são feitas diretamente nos chacras. Nos passes e no johrei não existe a necessidade de se tocar o paciente, o reiki valoriza os toques os posicionamentos das mãos se dá com o consentimento do paciente as mãos repousam suavemente sob os chacras para receber as energias.

No centro espírita aconselha-se a utilização do passe uma vez por semana. Já com johrei não existe essa determinação quanto à quantidade de recebimento a energia do reiki age em terapias compostas de sessões seguidas e pode ser aplicado em qualquer lugar até o total equilíbrio energético do paciente, assim como também o johrei já no passe espírita só deve ser utilizado dentro da instituição espírita.

Existe uma teoria dentro dos adeptos da doutrina espírita, que o local apropriado para aplicação de passes e nas casas espíritas. É lá que encontra-se a espiritualidade que irá auxiliá-los caso alguma coisa não saia certo, como também, o passe é utilizado como forma de tratamento espiritual.

Por ser uma energia pertencente ao Universo ela não vai de encontro a nenhuma religião. As três instituições antes do manipular a energia fazem uma oração inicial, e se colocam como um simples instrumento pra servirem de canal para a energia. As sessões do reiki e do johrei duram em média de dez a trinta minutos. Nos consultórios de reiki é necessário tirar os sapatos ao entrarem no ambiente, como também, existe no ritual da lavagem das mãos, a água como agente purificador antes e após aplicação do reiki. Afirmam os adeptos, que a energia ao ser manipulada, as mãos ficam impregnadas da energia deletéria do paciente atendido, e por essa razão, se faz necessário a lavagem das mãos, entre as aplicações e ao término de cada sessão de cura.

Afirmam ainda os que recebem a imposição de mãos, que a sensação é de total relaxamento e de bem estar. Nenhuma das técnicas defendeu, em hipótese alguma, o

abandono da medicina tradicional. Em todos os métodos abordados, destacam-se dois elementos principais: a fé de quem recebe, e o amor ao próximo de quem aplica, assumindo assim:

Enormes responsabilidades: por exemplo, a de colaborar na criação do Cosmos, criar seu próprio mundo, ou assegurar a vida das plantas e dos animais etc. Mas trata-se de um tipo de responsabilidade diferente daquelas que, a nossos olhos, parecem ser as únicas autênticas e válidas. Trata-se de uma responsabilidade no plano cósmico, diferente das responsabilidades de ordem moral, social ou histórica, as únicas conhecidas pelas civilizações modernas. Na perspectiva da existência profana, o homem só reconhece responsabilidade para consigo mesmo e para com a sociedade. Para ele, o Universo não constitui um Cosmos, ou seja, uma unidade viva e articulada; é simplesmente a soma das reservas materiais e de energias físicas do planeta. E a grande preocupação do homem moderno é a de não esgotar inabilmente os recursos econômicos do globo (ELIADE, 1992, p. 49).

Os ensaios dos agentes nas três instituições podem parecer um tanto quanto artificial, mas se olhado de uma forma não crítica, mas de maneira respeitosa podemos observar que os movimentos são feitos pelos seus praticantes com muito respeito e doação como ato de amor e caridade. Todo esse bailado que assumem os gestuais das mãos enquanto estão em atividade poderíamos cair em uma descrição artificial dos fatos se não desviarmos os preconceitos existentes em todo o processo.

Mas enquanto categoria cultural o reiki o johrei e o passe continuam ao longo do tempo construindo uma leitura dos significados da imposição das mãos, daqueles atos, podemos com certeza firmar que se trata de gestos elaborados, que ao longo dos anos não perderam suas formas e nem perderam a sua eficácia segundo os seus fieis e colaboradores.

Dentro das casas espíritas, das igrejas e dos consultórios a imposição de mãos não se trata apenas de uma partícula de cultura herdada dos ancestrais, muito menos apenas um gesto. E sim, uma gama de significados que continua e continuará ao longo do tempo sendo exercitado e praticado por não só fieis de qualquer religião, mas utilizados culturalmente por seres que convivem em comunidade e sentem a necessidade de um toque terapêutico para aliviar não só as dores da alma, mas também as dores físicas.

Ao elaborar a seguinte tabela comparativa entre as três religiões, o intuito é demonstrar ainda mais as semelhanças e concordâncias existentes, nas diferentes culturas. Apresentar de maneira mais clara, as diferenças e as crenças de cada uma das religiões tratadas aqui. Na realidade, identificamos uma variedade de expressões e formas diferentes de sentir o numinoso.

TABELA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Espiritismo	Igreja Messiânica Mundial	Reiki
Deus		
É o Espírito puro, incriado, eterno, causa inicial e ordenadora do universo.	É sempre associado ao nome de Meishu-Sama. Deus para os messiânicos é a luz que apaga as manchas do corpo espiritual e ilumina o homem, preparando-o para viver um mundo ideal.	Deus é amor, que envolve a todos os seres num mesmo sentimento de unidade; Inteligência cósmica impessoal.
Salvação		
Aperfeiçoamento da consciência, até o estágio máximo de iluminação, para viver liberto no plano astral (autorredenção).	Salvação é johrei. É atingir a felicidade que a humanidade tanto deseja, livres, dos problemas físicos e espirituais.	O amor ao próximo.
Mediação		
- Os ritos. -Auxílio dos espíritos dos vários mundos do plano astral. -Aperfeiçoamentos mentais, morais e espirituais pelo arbítrio individual e boas obras. - Ciclo kármico de reencarnações.	- Os ritos. - Retidão de vida. - O ciclo kármico.	- Os ritos. - Retidão de vida. - O ciclo kármico.
Oração		
Pai Nosso	Pai Nosso	Orações improvisadas
Rituais		
- Os movimentos de levantar as mãos no momento do passe. - Os gestuais no momento da fluidificação da água.	- A iniciação. - O johrei.	- A iniciação. - O reiki.
Mensagem		
Assim como Jesus, todos poderão alcançar a perfeição após muitas reencarnações. O Espiritismo é a Igreja restaurada e o Consolador prometido por Jesus.	O johrei.	O Deus que há em mim saúda o Deus que há em você! (Namastê).
Textos sacros		
Obras da codificação baseadas nos evangelhos de Jesus.	Meishu - Sama escreveu muitos livros e panfletos, e a doutrina da religião é baseada totalmente nos	Mikao Usui não deixou nada escrito, os textos utilizados são escritos

	seus escritos.	por seus discípulos.
Raízes		
Orientais	Orientais	Orientais
Ética		
<p>Existe um código de ética para os seus seguidores. Tudo é lícito; tudo é válido. Sua consciência absorve ou condena. Para tornar-se adepto da doutrina dos espíritos, não é exigida renúncia à religião ao qual o fiel esteja vinculado. Buscar em tudo o bem, praticar boas ações como o exercício do perdão, da tolerância, e da filantropia. Zelar pela moralidade pessoal e pública, e por fim, aperfeiçoar-se.</p>	<p>Não se preocupam como as demais religiões orientais, com o comportamento ético dos seus seguidores. A tese central do comportamento dos adeptos é aquela que diz que é proibido proibir. Tudo é lícito; tudo é válido e o homem deve fazer tudo o que acha que o realize, para isso, existe o livre arbítrio. Para tornar-se adepto da igreja Messiânica, não é exigida renúncia à religião ao qual o fiel esteja vinculado.</p>	<p>Obedecem a determinados princípios morais, princípios esses que não são rígidos ou punitivos. A importância do trabalho com o reiki serve para o desenvolvimento enquanto seres humanos, contribuindo com a vida no e do planeta. O praticante de reiki é um indivíduo que caminha, acima de tudo, no sentido do desenvolvimento espiritual. Para tornar-se um reikiano, não é exigida renúncia à religião ao qual o fiel esteja vinculado.</p>
Vida após a morte		
<p>Somente através das sucessivas reencarnações é possível atingir o grau mais elevado de pureza espiritual. Por meio de uma ação material, a reencarnação é necessária. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a liberdade de proceder.</p>	<p>O destino de quem morre é o plano espiritual. Dependendo do seu grau de purificação aqui na terra, o indivíduo habitará num dos três níveis: o superior, o intermediário ou o inferior. A meta é tornar-se um ser divino, no nível superior - o estado de espírito sem manchas; por isso, mesmo, estando no nível inferior, é possível recuperar-se, purgando suas falhas através da reencarnação. Meishu-Sama, em sua doutrina. Não garante a imortalidade da alma e muito menos o seu destino após a morte, pois a felicidade Messiânica é a do mundo atual: a felicidade terrena.</p>	<p>Reencarnar designa a transição da nossa Essência Eterna ou Alma de um Ser para outro Ser, servindo a morte física de conclusão de cada experiência física da alma, servindo de evolução da Consciência.</p>

Capítulo 5

Interpretação da cura pelas mãos à luz das Ciências da Religião

5.1 Fé e razão

Crer é específico do ser humano. A sociedade moderna conduz o homem a propostas ilimitadas de sentido, causando uma transformação na vida social do indivíduo. Essa transformação tem trazido graves consequências e uma ruptura da unidade simbólica, ocasionando, assim, o nascimento de um pluralismo simbólico. O processo ocorrido chamado de mundialização democratizou pelos meios de comunicação, as informações; por outro lado, não só afastou o homem de suas raízes, como provocou um deslocamento de migrantes, produzindo:

Um processo objetivo de desculturalização, de perda de sentido da identidade cultural ou da diminuição da identificação com as comunidades de origem, o que, aliás, ocorre não só por meio de migração, mas, igualmente, pela invasão cotidiana de imagens que alimentam o universo simbólico pela mediação dos meios de comunicação social. A crença no relativo, uma vez que o desenraizamento ataca as imagens estáveis do mundo, a memória coletiva e a cosmovisão. A globalização é um processo de decomposição e recomposição de identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertença (OLIVEIRA, 2000, p.14).

Diferente da sociedade arcaica ou pré-moderna, a sociedade moderna não só reduziu o universo simbólico como suas inovações. Ao romper com as suas raízes, o homem perde sua base cultural, ficando entregue a si mesmo. Nessa entrega, é comum que, ao sentir-se abandonado, procure um rumo; nessa busca, segue em caminho de uma religião, à procura de uma verdade sobre as origens do sofrimento e da dor, e, nessa procura, uma razão para o seu sofrimento da crença religiosa tradicional:

Pois, nesta, a verdade nos é dada pela fé numa revelação divina, não dependendo do trabalho de conhecimento realizado pela nossa inteligência ou pelo nosso intelecto. A razão é oposta à revelação e por isso os filósofos cristãos distinguem a luz natural - a razão - da luz sobrenatural - a revelação; ao êxtase místico, no qual o espírito mergulha nas profundezas do divino e participa dele, sem qualquer intervenção do intelecto ou da inteligência,

nem da vontade. Pelo contrário, o êxtase místico exige um estado de abandono, de rompimento com a atividade intelectual e com a vontade, um rompimento com o estado consciente, para entregar-se à fruição do abismo infinito. A razão ou consciência se opõe à inconsciência do êxtase (CHAUI, 2000, p. 192).

A fé é um acontecimento interpessoal-dialógico, sua aceitação deriva do conhecimento de um testemunho de outrem: O desejo de aceitar qualquer coisa, provocada por algo misterioso, mas sem demonstração ou prova tangível. “Seria a aceitação voluntária de uma ordem de coisas que não pode ser provada pela lógica dos sentidos. O indivíduo reconhece e aceita a superioridade do sobrenatural” (MARCONI, 2005, p.152).

A razão, enquanto capacidade humana de estar sempre buscando a verdade universal é intemporal; mas, não significa o abandono total da fé: “A fé favorece o alargamento e o aprofundamento do pensamento, creio ao pensar, ao mesmo tempo em que o pensamento humaniza a fé, penso ao crer” (SAVIAN, 2005, p. 121).

A fé e a razão são capacidades desenvolvidas na inteligência e se exigem reciprocamente, pois não há fé sem razão, nem razão sem fé. A razão assegura a humanização da fé; a fé permite a razão se desenvolver, dando sentido à vida. Creio para entender, entendo para crer. A fé, sendo um sentimento inato de cada ser, pode manifestar-se de forma racional ou dogmática, não esquecendo, portanto, que o racionalismo é coisa tipicamente humana.

No fiel, no crente, fé e razão, longe de se contradizerem, como explica João Paulo II a propósito da filosofia cristã, atuam em união vital, pois o verdadeiro clima em que a razão, por sua natureza profunda, é chamada a operar, é o clima do espírito, dado que a inteligência humana é, por natureza, chamada à visão de Deus. Assim, no crente, do ponto de vista subjetivo, fé e razão são inseparáveis (SAVIAN, 2005, p.128).

Para uns, a falta de crença está na ausência de razão ou da ciência. Para os céticos, a fé de uma pessoa está em algo destituído de razão ou mesmo contrário a ela. A fé no sentido religioso significa unir o ser humano ao ser divino, ou ainda, a relação de confiança existente entre o ser humano frente a Deus, sua onipotência e sua justiça. Tem-se como verdadeiras as revelações de Deus perante aquele que tem fé.

Ter fé é acreditar firmemente em algo ou em alguém, acreditar que esse algo ou alguém possa satisfazer as suas necessidades. Todos têm fé, nem que seja em si mesmos. A fé cristã é apoiada em revelações autorizadas, não está fundamentada em experiências particulares ou subjetivas. Já as religiões orientais, ao contrário, fundamentam-se na experiência individual. As religiões orientais não fazem distinção entre fatos e lendas. Dentro do conceito Oriental a fé é desnecessária para remeter o ser humano ao seu interior. Essa

diferente visão de mundo e experiência vivenciada de fé torna impossível qualquer associação entre as religiões orientais e o cristianismo.

Instituições sem vínculo religioso algum constituem-se verdadeiros santuários, segundo a visão oriental. Milagres ou cura pela fé? O hipnotismo, por exemplo, não requer nenhuma ramificação religiosa por parte do agente de cura e muito menos do paciente. Os que associam a religião com a cura pela fé, atribuem tais feitos como sendo atos miraculosos. “Milagre e magia são ambos, meios garantidos de se usar o poder divino ou (mais comumente) sobre-humano para atingir certos fins desejados no mundo humano” (MEIER, 1998, p. 47). Onde só os eleitos ou os iluminados por Deus seriam capazes de realizar, milagres taumaturgos utilizavam seus poderes para realizar algo misterioso e sobrenatural.

No entanto, a fé no sentido de confiança ou atitude mental positiva é a base do efeito terapêutico da cura, a expressão suprema do elemento fé na cura é, sem dúvida, motivo de grandes peregrinações às instituições dos mais diversos tipos, com fins religiosos ou não. Quem acredita de maneira inquestionável que a fé e somente a fé poderia alcançar sua cura encontra na parapsicologia casos de cura nas mais diversas denominações, desde as curas mais simples às mais complexas. O poder do pensamento é capaz de produzir energia tanto para curar como para gerar doenças: “sabemos que a mente e o corpo são universos paralelos. Tudo o que acontece no universo mental, necessariamente, deixa sinais no físico” (CHOPRA, 1989, p. 83).

São as escolhas mentais e não a fé ou a crença que determinam o bem ou mal - estar, saúde ou doença, alegria ou tristeza. Não existem fórmulas secretas, tudo está de acordo com as leis naturais do Universo. Redescobrir essa energia sutil, transmitida através das mãos, essa forma natural de cura independente da fé de quem recebe para curar as enfermidades, é o que afirmam os curadores.

5.2 Ciência e religião

O diálogo entre Ciência e Religião resume uma série de perguntas complexas, que envolve desde as tradições religiosas às questões morais. Essa relação assume grande influência não só na vida das pessoas como também no mundo. A Ciência desempenha um papel cada vez maior nas culturas, a religião concorda com a investigação científica acerca dos seus fenômenos. Trilhando por caminhos distintos, ambas procuram por suas verdades.

A ciência, no que a ela diz respeito, pretende verdades válidas uma vez por todas e para todos definitivos, partindo de verificações novas e últimas, se, de fato, como acaba por se convencer, a ciência não consegue edificar um sistema de verdades ‘absolutas’, se deve permanentemente modificar as ‘verdades’ adquiridas, obedece, todavia à ideia de verdade ‘absoluta’, de verdade científica e tende, através disso, para um horizonte infinito de aproximações que convergem todas para esta ideia. Com a ajuda destas aproximações, crê poder superar o conhecimento ingênuo e também superar-se infinitamente a si própria. Crê poder alcançá-lo do mesmo modo pelo fim que a si mesma se dá, a saber, a universalidade sistemática do conhecimento, universalidade quer num determinado domínio científico fechado, quer na unidade universal do ser em geral, deve pressupor se se trata de uma ‘filosofia’ e se deve ser possível (HUSSERL, 1993, p.22).

As tradições religiosas e culturais devem enfrentar o fato da globalização Malinowski, conceitua cultura como “o todo global consistente de implementos e bens de consumo, de cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, de ideias e ofícios humanos, de crenças e costumes” (MALINOWSKI, apud, MARCONI, 2005, p.22).

Observamos, assim, que a relação entre religião e ciência não pode ser uma questão de interesse local, o diálogo é de natureza global e constrói pontes por razões diferentes e de maneiras diferentes. “A premissa é de que diferentes tradições culturais e religiosas tratarão o diálogo entre a ciência e a religião de maneiras diferentes, embora apenas alguns explorem o efeito cumulativo dessas diferenças” (PETERS; BENNETT, 2003, p.38).

Tempo e eternidade, Deus e natureza, encontram-se como fronteira entre a ciência e a religião. Alguns teólogos apontam a temporalidade de Deus, outros introduzem questões científicas como, por exemplo, a teoria do caos e a ecologia no mesmo patamar das discussões teológicas. A grande diferença, pois, não está no objeto de análise, mas na linguagem e metodologia utilizadas para essa compreensão.

A linguagem comum é fugaz, equivocada muito pouco exigente quanto à adequação dos termos. E por isso que, exatamente onde os seus meios de expressão serão empregues, será necessário dar às significações um fundamento novo, orientá-las de maneira original para as evidências adquiridas no trabalho científico, e fixar na linguagem estas significações fundamentadas de novo (HUSSERL, 1963, p. 25).

A teologia sustenta atos da providência que aparentam não estar de acordo com os processos naturais da natureza, ou seja, os que vão de encontro à ciência. Para Deus intervir na ordem natural das coisas, ele estaria derogando as suas próprias leis. Seria o mesmo que colocar Deus contra Deus. Rever tanto a Teologia quanto o realismo científico à luz das mudanças conceituais impostas pelo pensamento pós-moderno é uma necessidade ou leva os filósofos a afirmar:

A ação divina a luz das neurociências. O pressuposto, no caso, é que, no nível da consciência, experimentamos abertura causal genuína, isto é, nossa experiência do livre arbítrio é uma experiência genuína. O desafio a essa abordagem é mostrar como Deus em níveis superiores pode ocasionar mudanças efetivas nos processos de níveis inferiores, se esses processos de níveis inferiores ainda são governados pelas físicas clássicas, deterministas (NANCEY MURPHY; PHILIP CLAYTON, apud, PETERS; BENNETT, 1972, p.87).

Podemos afirmar a suposição próxima de um conflito entre a ciência e a religião: enquanto a religião interpreta a ação indireta de Deus na natureza, a ciência não tem preocupações éticas ou espirituais, cada qual sob olhares distintos - e mesmo distintos se complementam. A Ciência tem a preocupação de entender tudo e a tudo responder, enquanto a religião procura entender a razão no sentido e seu objetivo final. A ciência pela sua própria essência racional não tem como penetrar em questões relacionadas com a fé.

Da mesma forma que é hoje absurdo afirmar que a terra tem somente 6.000 anos, é absurdo declarar que a ciência tem todas as respostas, ou mesmo que seja capaz de obtê-las. Para começar existem certas questões que estão (...) fora do âmbito científico. Mais ainda, nós nunca seremos capazes de formular todas as perguntas (...). Às vezes, confundimos o objetivo comum das ciências e da religião (ALMEIDA, 2001, p. 7).

A proximidade entre ciência e religião é motivo para discussões; as interpretações sobre a natureza, herdadas de nossos ancestrais, construíram a nossa visão de mundo. Mas o avanço da Ciência tem provocado, dia após dia, o fenômeno religioso:

Se um dos objetivos da religião é libertar a humanidade, tanto quanto possível, da servidão dos anseios, desejos e temores egocêntricos, o raciocínio científico pode ajudar a religião em mais um sentido. Embora seja verdade que a meta da ciência é descobrir regras que permitam associar e prever os fatos, essa não é sua única finalidade. Ela procura também reduzir as conexões descobertas ao menor número possível de elementos conceituais mutuamente independentes (EINSTEIN, 2005, p. 28).

Quando isoladas não há conflito, muito menos diálogo; a razão, em oposição à fé, fatos em oposição a valores. É pela linguagem científica que se descreve a maneira como as coisas são no mundo, enquanto a religião descreve nossas emoções, esperanças e crenças, questões que a ciência não consegue resolver:

Ciência e religião não podem ser unificadas sob qualquer esquema comum de explicação ou análise. A ciência tenta documentar o caráter factual do mundo natural, desenvolvendo teorias que coordenem e expliquem esses fatos. A religião, por sua vez, opera na esfera igualmente importante, mas completamente diferente, dos desígnios, significativos e valores humanos – assuntos que a esfera factual da ciência pode até esclarecer, mas nunca solucionar (GOULD, 2002, p.103).

A relação entre religião e ciência é sempre uma relação de conflito, o papel da ciência não é investigar se Deus existe ou não, mas como a mente percebe as manifestações divinas. Se de fato “a ciência não consegue edificar um sistema de verdades ‘absolutas’ (...) obedece, todavia à ideia de verdade absoluta, de verdade científica e tende, através disso, para um horizonte infinito de aproximações que convergem todas para essa ideia” (HUSSERL, 1963, p. 23).

Para a neurociência, a religiosidade está sediada no cérebro. Estudos sobre a mente humana, envolvendo interpretações religiosas, necessariamente devem estar baseados na realidade física e na espiritual que envolve os humanos, sem poder dissociar mente e espírito.

A tradição Oriental, entretanto, cujos interesses fundamentais diferem substancialmente de outras tradições teístas, exigiria novos modelos de abordagem para criar um diálogo construtivo com a ciência. Uma das diferenças fundamentais nas religiões orientais é privilegiar o funcionamento da mente em detrimento da história da salvação.

O universo, tal como é, simplesmente, sempre foi e sempre será assim. Isso, quando se trata das religiões Orientais desloca uma discussão sobre ciência e religião de áreas como a cosmologia e a biologia para a psicologia, a ciência cognitiva e a filosofia da mente. Ciência e religião não são campos irreconciliáveis. As religiões terão sempre a função de guiar os homens e mulheres no mundo e, assim, não podem ser totalmente trabalhadas com vistas ao reducionismo científico.

5.3 Saúde e salvação

Religião e medicina, magia e fé nas coisas ocultas encontram-se imbricadas, tanto nas religiões antigas como nas ditas modernas: ”as práticas e as receitas médicas estão quase sempre juntas com as esconjurações mágicas, que são concebidas somente como derivadas de uma esfera na qual os deuses e todos os tipos de entidades intermediárias provocam tudo o que for possível” (MORENZ, apud, TERRIN, 1998, p.161).

No campo do sagrado, a magia e a religião possuem elementos em comum: existiam curandeiros que, através das suas práticas mágicas e orações, prometiam a saúde. Entre a magia e a religião, encontramos os fatos sociais sobre as quais a crença exerce uma força extraordinária, sem ela não há poderes mágicos. Para Durkheim, as forças que fundam o social estão na religião; enquanto para Mauss, encontra-se na magia, seu caráter místico.

Parece assim que não é possível desatrelar a saúde física daquela espiritual, assim como também não é possível trabalhar para a salvação da alma sem ao mesmo tempo empenhar-se na saúde total da pessoa do fiel. Somente a religião cristã – mais ligada ao ‘progresso tecnológico “do Ocidente e pendente da dicotomia corpo /espírito – deixou-se levar muito cedo por outros princípios e talvez tenha negligenciado muito depressa a função terapêutica que lhe fora confiada paralelamente a sua missão de evangelizar, limitando-se a pensar na” salvação da alma “e deixando para a medicina a cura do corpo e de todas as doenças, consideradas só e apressadamente como um problema do organismo humano, do corpo, confirmando, por sua vez, como simples máquina capaz de desgastar-se (TERRIN, 1994, p.152).

É certo que a magia teve sua importância nas sociedades primitivas, até a aparição da religião, que, para Mauss, representava os reverses da magia. Os atos mágicos significaram a tentativa de integração das coisas: “a primeira procura de harmonia universal que o homem realiza; centralizando o conjunto da criação, o bem e o mal, o visível e o invisível, a vida e a morte, num todo contido num todo” (FANTONI, 1977, p. 22).

A doença é a primeira experiência da desordem cósmica. É na oração, o modo mais simples de todos os ritos, que se mostra a clareza e a relação entre a saúde e a salvação. A oração traz felicidade ao fiel, associada ao desejo de pedir a aceitação da doença pela vontade de Deus ou entendê-la e aceitá-la como um elo de purificação espiritual, serve ainda para implorar a cura, o restabelecimento da saúde pela vontade de Deus. Outros tipos de oração relacionam doença e pecado desde a Antiguidade, quando as civilizações buscaram explicar o aparecimento de doenças ao sobrenatural, entregando a responsabilidade pela saúde/doença à vontade dos deuses.

As religiões recém-fundadas estão assumindo um valor maior para a salvação mais material do que espiritual. São mais “do aqui e do agora”; mas a essência das religiões continua sendo a mesma, trabalham uma pergunta sem resposta: a sobrevivência da alma após a morte física, a existência do céu e do inferno. É na promessa de cura que as religiões da atualidade atribuem a si uma verdadeira visão terapêutica; as sessões de curas e milagres não dissociam da religião a missão de salvação: as religiões têm de salvar o homem no que se refere às partes psíquicas, físicas e espirituais.

No limiar da morte e da vida, pode-se negar o além, mas, no âmago da consciência humana, existirá sempre o anseio de saber se existe ou não vida após a vida. As respostas a essas e outras perguntas se tornam a finalidade das religiões e, conforme sua doutrina, o tipo de salvação admitida serve de pêndulo para a prática religiosa na vida terrena do fiel.

É através das religiões que os fiéis encontram os caminhos para sua salvação depois da morte. Dependendo de qual doutrina professarem, a morte pode ser entendida como uma

libertação pessoal da vida terrena, de uma situação existencial provisória e passageira, pode ser considerada como a liberação da existência individual para encontrar-se na divindade, como é o caso das religiões orientais ou cósmicas. Dessa forma, os fiéis, em uma busca incessante pela felicidade eterna, pautam suas vidas conforme ditam as normas morais pregadas por sua igreja, para, assim, conseguirem uma existência eterna.

Nas religiões orientais, a salvação é vista como uma libertação da angústia, embora exista o desejo de continuação da vida humana na morada dos deuses, onde os virtuosos e os justos gozariam da imortalidade num reino de luz, enquanto os malvados sofreriam os tomentos do inferno. Importante para a salvação, portanto, é não ou cultivar o egoísmo.

As religiões no Oriente percorrem caminhos diferentes e têm como base primordial a meditação, que conduz à consciência e à liberdade espiritual. Ser religioso significa estar calmo, longe de conflitos e de coisas materiais que ponham em risco a saúde do corpo e do espírito, é impedir que a energia externa mal conduzida ameace a paz interior que, quando rompida, abre guarda para a penetração de energias cósmicas negativas, pondo em desarmonia o espírito e o bem - estar. Ou seja, esse corpo movido pelo controle da mente e do espírito torna-se senhor de sua saúde e salvação, que são, unicamente, uma só coisa: respeito à natureza e harmonia com sua própria força vital. O bem - estar no mundo, para Kuang-tsu, significa que:

O Céu e a Terra são o pai e a mãe de todos os seres. Com sua união, formam o corpo; com sua separação, retorna-se a origem. Assim, aquele que preserva a integridade do próprio corpo e da própria vitalidade sabe adaptar-se a qualquer circunstancia mutável. Se aperfeiçoa a sua arte de adaptar-se, tornar-se-á o colaborador do céu (KUANG-TSU, apud, TERRIN,1998, p.172.).

Os fiéis de todas as doutrinas procuram a salvação nos templos, nos rios sagrados, nas romarias aos santuários das divindades mais populares, com orações, votos, na purificação das culpas, por meio de autopunições e penitências, por todos os meios pelos quais seja possível uma existência após a vida. A salvação foi e é um meio que o homem encontrou para dar continuidade a sua existência, mesmo sendo de forma espiritual, o que não deixa de ser uma continuidade da vida para os que creem. Portanto, a salvação torna-se, um ponto comum em todas as religiões, o que muda são as formas de procura: diferenciam-se umas das outras pelo modo como concebem a salvação.

A palavra salvação possui significados múltiplos. Na visão tibetana: corresponde, literalmente, a confiar naquilo com que se tem afinidade, ou seja, encontrar o elemento natural

com que se tem afinidade para evitar o lado escuro da vida. Variados são os caminhos e variadas também são as formas de salvação. Algumas religiões colocam a salvação no passado, outras no futuro.

Também não se devem desprezar os meios de salvação a que as pessoas comuns gostam de recorrer, tais como: as orações, os sacrifícios, os jejuns, as peregrinações, as oferendas simbólicas, as invocações de santos ou protetores e mediadores de graças celestiais. Este é um aspecto universal da religião como tal: por meio deles, a pessoa procura a sua própria salvação, conforme a sua intuição e espontaneidade lhe sugerirem. “Desse modo, a doença física, é sempre um desequilíbrio que acontece entre natureza e homem, entre fatores sociais e pessoais, entre a visão espiritual universal e aquela particular e pessoal” (TERRIN, 1994, p.170).

Durante o período védico, o carma e a reencarnação eram vistos como positivos. Pelo sacrifício e prática das boas ações, o indivíduo podia ter como garantia um retorno de várias vidas. Com o passar do tempo, algumas religiões, como o hinduísmo, por exemplo, passaram considerar a reencarnação como algo negativo por entender que se tornaria um ciclo interminável.

Quando partimos para uma visão comparada do fenômeno da imposição de mãos, podemos analisar da seguinte forma: a aplicação da imposição de mãos para a cura se dá pela procura de um bem - estar físico, que é a saúde, por parte do recebedor; e se dá por uma motivação altruísta e espiritual, um doar-se por parte do agente. No entanto, a afirmativa de que a saúde e a salvação se encontram atreladas a religiões, não é a realidade encontrada nos consultórios onde se aplica o reiki. Os clientes vão em busca de uma forma alternativa para obter a boa saúde, através do reequilíbrio do corpo, utilizando a energia curativa. Ao afirmarem não estar vinculados a nenhum tipo de credo, surge uma interrogação com relação à prática religiosa no processo da salvação.

A medicina antiga tinha seu ponto de apoio e de força no mundo religioso: “podemos por meio da história, chegar a reconhecer que a medicina não passa de uma especialização da religião e/ou até constitui a verdadeira praxe religiosa oriental” (TERRIN, 2000, p.197). Ocorre que não existe, na atual aplicação do reiki, uma ligação íntima entre religião e saúde/bem - estar. O que no passado era atribuído ao mundo religioso, hoje é atribuído a outros âmbitos, apesar de se compreender que nos encontramos diante de uma nova tendência, o despertar de uma nova consciência, que é a relação entre mente e corpo, entre espírito e matéria – remetendo-nos à concepção holística da saúde/doença.

Ter uma saúde equilibrada sem que seja necessária a presença religiosa explícita é o que acabamos por compreender nas técnicas utilizadas do reiki. Encontramos, entre os seus praticantes, formas de agir e pensar que não admitem a existência do fenômeno religioso. No entanto, encontramos, em suas práticas, ritos litúrgicos, espaços sagrados e orações. É o ressurgir de uma cultura tradicional com nova roupagem; cuja filosofia leva, porém, igualmente à ultrapassagem de si e a uma busca de harmonização. Harmonizar-se com a essência das coisas é encontrar a salvação dentro do corpo e da alma.

Enquanto isso, os espíritas abraçam o lema ‘fora da caridade não há salvação’. É a expressão utilizada em seus princípios básicos: dar de graça o que de graça se recebe. A faculdade de curar os doentes e expulsar os maus espíritos, muitas vezes responsabilizados por certas enfermidades, segue essa máxima. Faz-se cura para alívio dos que sofrem e para ajudar a propagação da fé. A doutrina dos espíritos matiza uma visão cristã e retoma a afirmativa de Paulo em (Coríntios: 1-7 e 13): “Se eu falar as línguas dos anjos; se tiver o dom de profecia, e penetrar todos os mistérios; se tiver toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, mas não tiver caridade, nada sou”. Coloca, assim, a caridade acima da própria fé. De acordo com o Evangelho segundo o espiritismo, a salvação acontece através da caridade, incluindo aí a prática de cura, de passe e imposição das mãos.

Para os fiéis da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, o lema sofre uma inversão quando afirmam que ‘fora do Johrei não há salvação’. Torna-se, portanto, o johrei a coluna principal, o fator principal como meio de salvação, o que é permitido apenas para os adeptos. Ou seja, fora da Igreja Messiânica Mundial não existe a salvação. A eliminação de doenças do corpo físico, a saúde integral, é uma maneira de criar a felicidade que a humanidade tanto deseja. Livres dos problemas físicos e espirituais, através da prática do johrei, alcança-se a porta aberta para a salvação.

O que verificamos é que, nas práticas utilizadas pelo reiki, johrei e o passe, existe uma preocupação concreta por parte das três instituições e de seus adeptos em manter um trabalho de equilíbrio energético para o corpo, envolvendo a saúde física a mental.

Na igreja messiânica e nos centros espíritas, encontramos essas práticas de forma gratuita, enquanto no reiki, a prática acontece em consultórios e é considerada uma forma terapêutica de cura. Em alguns centros de terapia holística, encontramos a doação gratuita do reiki uma vez por semana. Nenhuma das tradições espirituais escolhidas, porém, é indiferente ao sofrimento: apenas o interpreta sob óticas diferentes.

Acompanhando a modernidade do mundo, a salvação deixou de ser um conceito espiritualista e egoísta, deixou de ser individual, passando a ser uma salvação coletiva, deixou de ser para a alma somente, mas passa através da saúde do corpo.

Considerações finais

Existem muitas semelhanças e diferenças entre as religiões, na maioria das vezes tão sutis que quase não são percebidas. Muitas são as tradições de fé e muitos são os credos, mas há uma constante espiritual que envolve a todos nós em seu manto. Qual a razão que levaria as pessoas a procurarem por uma religião? A busca do ser humano em cada religião consiste em tentar superar o sofrimento, a dor e suas culpas; todos buscam o sentido da vida, entender os mistérios da morte e buscar a saúde e a salvação, as curas religiosas pela fé ou pelos espíritos, através da oração, existente em todas as culturas.

Sofrer em qualquer grau é algo aterrador. O problema da religião é encontrar uma resposta, uma explicação convincente para aqueles momentos de sofrimento. Explicar a existência e o significado da vida, juntamente com a origem dos sofrimentos. Através deles é que se pode alcançar a maturidade do espírito. É sofrendo que se consegue uma visão melhor da vida. É o que encontramos nos ensinamentos de algumas religiões, como por exemplo, a Espírita. Enquanto, para a Igreja Messiânica Mundial e a filosofia do Reiki, o sofrimento é distanciamento do caminho e deve ser banido de sua experiência enquanto Ser a caminho da evolução.

A religião trata com simbolismos intersubjetivos que atendem às questões de vida e de morte, de saúde e salvação, com o que ela cumpre função social de organização e sentido. Eliade reivindica o respeito à autonomia desse campo simbólico para se poder compreender o fenômeno religioso, sem o risco de cometer enganos com relação ao que chamou de sagrado. “Querer delimitar este fenômeno pela fisiologia, pela psicologia, pela sociologia e pela ciência econômica, pela linguística e pela arte, etc... é traí-lo, é deixar escapar precisamente aquilo que nele existe de único e irreduzível, ou seja, o seu caráter sagrado” (ELIADE, 1993, p.17).

Se o sagrado não se manifestasse e não se fizesse compreender, não teria nenhum significado para nós:

Para traduzir o ato de manifestação do sagrado nos propusemos o termo hierofania, que é cômodo, sobretudo por não implicar nenhuma precisão suplementar: ele somente exprime o que está implicado em seu conteúdo etimológico, a saber, que qualquer coisa de sagrado se mostra para nós. Poderia dizer que a história das religiões, desde as mais primitivas até as mais elaboradas, e construída por uma acumulação de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. Da mais elementar hierofania, por exemplo, a manifestação do sagrado em uma árvore, até a hierofania suprema que é, para o cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não

existe solução de continuidade. E sempre o mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de 'ordem diferente', de uma realidade que não pertence ao nosso mundo 'natural', 'profano' (ELIADE, 1993, p.17).

Cada religião apresenta elementos próprios, mesmo assim é possível estabelecer uma série de elementos comuns às várias religiões, podendo permitir uma melhor compreensão do fenômeno religioso. Encontramos, ao longo deste estudo, nas três Instituições que praticam a arte da cura pela imposição das mãos, e nas afirmativas de seus adeptos, sutis diferenças. Mas como suas raízes estão cravadas em bases orientais, encontramos uma plataforma mítica comum, que vem de escrituras antigas e distantes que lhes serviram de base, muitas vezes cristianizadas ao entrarem na bacia semântica da matriz religiosa brasileira.

Mas o cristianismo atribui as suas revelações aos profetas. É a inspiração sobrenatural com que Deus faz conhecer, em certas circunstâncias, seus mistérios e desígnios. Enquanto as novas religiões orientais entendem que uma revelação é a demonstração da verdade com a autoridade competente e empírica. Elas redescobrem a energia vital de que fala a cultura do oriente, e os seus discípulos ativam essa energia para a distribuição de mais saúde às pessoas: é uma vivência terapêutica, que não enfatiza a expectativa da fé ou a intervenção do além.

Da revelação dos espíritos originou-se o Espiritismo, para o qual não encontramos um ponto no tempo que marque claramente o seu surgimento: não se pode afirmar a data precisa de seu início. Para os adeptos messiânicos, apesar de estarem ainda em fase de construção doutrinária, existe uma data fixa para marcar o seu nascimento. Já para os praticantes do reiki, não é necessário que aceitem qualquer ideia de tempo, quanto ao seu surgimento ou redescoberta. “O mundo histórico, as sociedades e civilizações duramente construídas pelo esforço de milhares de gerações, tudo isso é ilusório, pois, no plano dos ritmos cósmicos, o mundo histórico dura o espaço de um instante” (ELIADE, 2002, p.64).

Poderíamos afirmar que as três tradições são possuidoras, em sua religiosidade, de uma compilação de religiões. Assim sendo, não podemos classificá-las em um sistema único de crenças. Ao admitirem seus adeptos que, nas doutrinas que professam, não existe nenhum impedimento para que pessoas de diferentes credos possam ser frequentadoras de seus cultos sem objeção, estão aceitando não apenas mais um fiel, mas também estão abraçando, em suas instituições, os diferentes deuses e diferentes crenças dos futuros adeptos. Nesse caso, a visão monoteísta admitida assume, de forma sutil e discreta, um politeísmo disfarçado. Essa união de crenças opostas poderíamos atribuir a um sincretismo religioso, fato comum e aceitável quando se trata de religião no Brasil.

Eliade defende a tese de que existe um espaço sagrado que permite ao homem um referencial para a sua existência, enquanto o espaço profano não se constitui como realidade ou orientação para a vida. Os tempos sagrados, envolvidos em preces e orações, servem como baliza para a organização dos ritmos da vida, como suspensão da existência ordinária e mergulho em uma experiência de absoluto que pode restaurar a vida – e a saúde. “Esse espaço tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo” (ELIADE, 1988, p.36).

Eliade divide também o homem em religioso e arreligioso. A experiência do não-religioso permanece privada e centrada nela mesma, o homem religioso acredita na sua realidade e na transcendência do mundo, santificando o real.

Isto se torna ainda mais evidente quando lembramos que a função de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento: a coincidência dos opostos, por exemplo, tão abundantemente e simplesmente expressada pelos símbolos, não é visível em nenhum lugar do Cosmos e não é acessível à experiência imediata do homem, nem ao pensamento discursivo. Entretanto, evitemos acreditar que o simbolismo se refere apenas às realidades “espirituais”. Para o pensamento arcaico, tal separação entre o “espiritual” e o “material” não tem sentido: os dois planos são complementares (ELIADE, 2002, p.177).

Nos centros espíritas, não encontramos espaços chamados pelos fiéis de espaços sagrados. Entretanto, mesmo aí, nas salas onde são aplicados os passes, locais onde se realiza a fluidificação da água e as reuniões mediúnicas, a pregação do palestrante baseada no Evangelho de Jesus à luz dos ensinamentos dos espíritos, guarda em si conteúdos onde são vivenciadas as experiências do sagrado. Os rituais da imposição de mãos, a prece de forma espontânea e improvisada, a leitura do evangelho também guardam um ato ritualístico. A negação de rituais é evidente, ao que se junta a ausência de uma organização eclesiástica e ausência de fins lucrativos. Isso torna o Espiritismo um movimento laico e aparentemente arreligioso.

Assim, comportam-se também os reikianos: consideram sua filosofia e doutrina arreligiosa. No entanto, são contraditórios em seus posicionamentos, ao recitarem as preces espontâneas e provisórias; a leitura de livros considerados sagrados; nos incensos e rituais de cura e na utilização de símbolos sagrados. Encontramos a negação do religioso mesmo sendo vivenciado e experienciado no dia – a – dia de cada reikiano:

Diferente das demais tradições religiosas que tendem igualmente a sacralizar determinados locais, não só o espiritismo como também o reiki, afirmam os seus adeptos, não

encontram em seus centros e/ou consultórios os motivos para essa sacralização. Podemos relacionar o fato com a origem dessas religiões, cujo aperfeiçoamento espiritual se realiza na passagem da vivência litúrgica e ritual para uma forma mais meditativa e filosófica de religiosidade: não é o rito que salva, mas a compreensão do seu sentido. Apesar dessas ênfases e matizações, verificamos, nos adeptos dos grupos estudados, as características da pessoa religiosa e do tempo-espaço religioso:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: e apresenta rupturas, quebras: há porções qualitativamente diferentes das outras. 'Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, descalça as sandálias; porque o lugar onde te encontras é uma terra santa'. (ÊXODO, III, 5). Há, portanto um espaço sagrado, e, por conseguinte forte, significativo, e há outros espaços, não consagrados, e, por conseguinte sem estrutura nem consistência, em suma: amorfos. Mais ainda: para o homem religioso, esta não homogeneidade espacial se traduz pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado, o único que é real, que existe e todo o resto, a extensão uniforme que o cerca (ELIADE, 1988, p.25).

Das instituições escolhidas para esse estudo a única que admite uma instituição religiosa é a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, cujo fundador Mokite Okada participa da obra dos deuses, construindo “solos sagrados”. Para seus adeptos, tais espaços devem - se tornar o ‘nosso mundo’, o qual deve ser ‘criado’ - e toda a criação tem um modelo exemplar (ELIADE, 1988, p. 45). Certamente, há aqui uma influência maior da religiosidade popular japonesa, que reverencia lugares e objetos sagrados, os Kami. Eliade comenta que, no Japão, a arte é uma via real de acesso à realidade absoluta. Não existe ruptura entre o Universo artístico e o religioso ou cósmico. A experiência de transcendência acontece com as coisas mais simples.

Inútil sublinhar o caráter atual de uma tal concepção (...) Jamais foi tão urgente quanto hoje o sentido e a carga trans-histórica que se escondem no seio de uma existência condensada a se desenrolar exclusivamente na banalidade imanente e opaca. Sua significação espiritual e religiosa, e, portanto, a mensagem ‘salvífica’ de toda experiência, se encontra camuflada no profano, fluxo das atividades cotidianas (ELIADE, 1998, p. 106).

Os ensinamentos doutrinários da Igreja Messiânica Mundial do Brasil não estão muito preocupados com o comportamento ético formal e exterior dos seus seguidores, como acontece com as religiões dos mundos judaico-cristãos e muçulmanos. A tese central do comportamento dos adeptos é de que tudo que orienta para a realização da alegria interior é lícito, tudo é válido quando orienta a liberdade humana para a construção do mundo paradisíaco.

Há dois aspectos na existência do homem: um previamente determinado, que não pode ser alterado nem substituído; outro, que ele pode modificar por decisão própria e por força de sua vontade. Apesar de limitado pelo tempo, pelo espaço, pelo seu sexo e pelas circunstâncias que o cercam, o ser humano tem a liberdade de escolher como viverá. Se observarmos a natureza que nos rodeia, notaremos que nem os animais nem os vegetais são dotados dessa liberdade. É exatamente nessa distinção que reside o valor do homem. Portanto, é unicamente da ação humana que depende o mundo, para transformar-se numa fonte de alegria ou de tristeza. Diante dessa escolha, parece-nos que o homem, obviamente, preferirá a alegria, isto é, um mundo paradisíaco (MEISHU - SAMA, 1950, p.126).

Não é exigida renúncia à religião que o adepto esteja seguindo. Ao passo que o espiritismo e o reiki obedecem a determinados princípios morais, princípios esses que não são rígidos ou punitivos. O livre arbítrio e a prática das boas ações, como o perdão e a tolerância, é o caminho acima de tudo, no sentido do desenvolvimento espiritual. Via de regra, acreditam essas tradições espirituais que a moral deve ser não uma imposição exterior, mas expressão de uma harmonia interior.

É nos rituais de imposição de mãos para a cura que encontramos realmente os pontos comuns que unem as três instituições. O que nos leva a supor que o gestual das mãos, esse ato quase involuntário em direção à dor, está vinculado às vivências terapêuticas dos primórdios da humanidade.

Para melhor compreensão, podemos recorrer à reflexão sobre as “técnicas corporais” que Mauss trouxe a público, pelas quais ampliou a compreensão de muitos de nossos gestos, movimentos e usos do corpo humano. Em rituais semelhantes aos da Idade Média cristã, os passes aproximam os espíritos bons e afastam os espíritos maus; o johrei, por exemplo, atrai os espíritos dos ancestrais, que se manifestam por intermédio de um médium para dar proteção à família, e os fiéis acreditam que expulsam os espíritos maus e contam para essa proteção o uso de amuletos. Recebem os messiânicos dons especiais e, através de orações e ofertas em forma de arranjos florais, podem afastar os maus espíritos causadores de infortúnios.

O rito mais importante de que se tem conhecimento é o da iniciação. Para algumas culturas, só por meio do ritual da iniciação é que se consegue, por exemplo, adquirir o dom de ser um curador. È por meio da iniciação que são formados os agentes de cura no reiki e no johrei.

Todo gesto ritual, geralmente, comporta uma frase, pois há sempre um mínimo de representação em que a natureza e a finalidade do rito se exprimem, pelo menos numa linguagem anterior. Eis por que dizemos que não há verdadeiramente ritos mudos, pois o silencio aparente não impede esse encantamento subentendido que é a consciência do desejo. Deste ponto de vista, o rito manual é apenas a tradução desse encantamento mudo; o

gesto é um signo e uma linguagem. Palavras e atos equivalem-se absolutamente; por isso vemos que enunciados de ritos manuais apresentam-se como encantamentos. Sem algum ato físico formal, só por sua voz, por seu sopro, ou mesmo por seu desejo, um mágico cria, destrói, dirige, expulsa - faz todas as coisas (MAUSS, 1974, p.86 e 87).

A maioria das religiões utiliza algum tipo de cerimônia de iniciação. Por meio de rituais, um novato é conduzido por um veterano à exposição de novos conhecimentos - inclusive a revelação de segredos é repassada para os novos membros. Ao ser iniciado, o adepto rompe o casulo que existia entre o desconhecimento das forças naturais e adquire, de forma espetacular, forças que utiliza em proveito próprio ou de seus pares. Uma nova consciência brota, por um átimo transformam-se em deuses e conseguem compreender poderes contidos no Universo e adquirir força para manipular essas energias existentes, adaptando a energia de seu corpo à energia do mundo natural a seu redor.

Encontramos os efeitos desse comportamento, que se poderia chamar de mágico, desde a aurora da humanidade: “os passes do cirurgião, são uma verdadeira tessitura de simbolismo, de simpatias, de homeopantias, de antipantias que, na realidade, são concebidas como mágicas. A eficácia dos ritos e da arte não é distinguida, e sim pensada juntamente” (MAUSS, 1974, p.48 e 49).

A linguagem religiosa, interpretada pelo ritual sagrado da imposição de mãos, traduz não só riqueza simbólica em seus movimentos, como também concretiza o gesto simbólico do manipular, numa demonstração de doação da energia cósmica, por meio de gestos e palavras, uma maneira não só de explicar o mundo – a ciência também faz isso –, mas um modo, para os seus adeptos, de habitar o mundo, de mapear e fundamentar a sua realidade enquanto curadores e recebedores:

Quem, portanto, disse que os milagres são incognoscíveis, querendo dizer com isso que eles se camuflam entre os acontecimentos de todos os dias, que eles são realizados, na aparência, por pessoas que se parecem conosco, (...) por pessoas comuns? (...) É muito verdadeiro. É isto mesmo. O que não pertence ao nosso mundo se assemelha ao resto do nosso mundo. Li, uma vez, que um príncipe encantado tinha sido incumbido de distinguir uma maçã de ouro maciço entre cem maçãs que eram apenas douradas. Se ele não conseguisse encontrar esta maçã de ouro, arriscaria-se ter sua cabeça cortada... (...) conosco acontece a mesma coisa. Se queremos sair do ventre da baleia, é preciso que nos encontremos, entre as milhares de coisas que pertencem a este mundo, esta coisa única que não pertence a ele, se bem que, ela não se diferencia em nada, aparentemente, das milhares de outras coisas que se lhe assemelham. Se não descobirmos, estaremos perdidos, cortam-nos a cabeça. Felizmente nos deixaram toda uma vida para descobri-la. Mas se, antes de nossa morte, não a encontramos, estamos perdidos (ELIADE, 1998, p.116 e 176).

Cabe ao homem moderno encontrar e descobrir, nas tradições do passe, do johrei e do reiki, a realidade camuflada existente nesses rituais. Talvez encontremos aí uma camuflagem da manifestação do sagrado, dentro do nosso mundo moderno que pensou poder separar e distinguir, dispensar a magia e a relação de participação na busca por equilíbrio e saúde.

Gestos aparentemente sem a menor importância são transmitidos de geração para geração “protegidos por sua própria insignificância, frequentemente testemunham muito mais do que jazidas arqueológicas ou monumentos figurados” (MAUSS, 1947, p. 5).

Nossa pesquisa, com o auxílio dos adeptos vem demonstrar, que as três religiões têm uma alma comum, uma voz que, apesar de modulações diferentes, expressa os mesmos sentimentos, dirige-se ao absoluto com invocações análogas, reconhece um “Senhor” e invoca o seu poder para refazer saúde e vida. Em outras palavras, há uma sinceridade na oração que deveria vencer as contestações entre as religiões: se as doutrinas podem dividir os homens, a oração os une sempre, pois, na oração, uma experiência está sendo vivida, com base em motivações locais, mas em ideais humanos universais.

Referências

Estudo sobre as religiões

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.
- _____. **Arte e sociedade**: São Paulo: EDUSP, 1971.
- CAMARGO, C.P.F de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.
- _____. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo : Cultrix, 1982.
- CASTELO BRANCO, Guilherme. **O olhar e o amor: a ontologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1995.
- CODDINGYON, Mary. **A Energia curativa**. São Paulo: RECORD, 1978.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma interpretação à fenomenologia da religião**: São Paulo: Paulinas, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CHANDU, Jack E. **Cura pelas mãos**. São Paulo: Hemus, 1983.
- CHOPRA, Deepak. **A cura quântica – o poder da mente e da consciência na busca da saúde integral**. São Paulo: Best Seller, 1989.
- DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DARNTON, R. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- DURKEHAIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa** (o sistema totêmico na Austrália), São Paulo: Paulus, 1989.
- EISNTEIN, Albert. **Como vejo o Mundo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano - a essência de religião**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FANTONI, Bruno A.L. **Magia e parapsicologia**. São Paulo: Loyola, 1981.
- FILORAMO, Giovanni. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989.
- GAARDER Jostein; HELLERN Hellerm; NOTAKER Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GERBER, Richard. **Medicina Vibracional – uma medicina para o futuro**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da antiguidade oriental**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GORDON, Richard. **A cura pelas mãos**. São Paulo: Pensamento, 1977.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Escala, 2005.
- HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas. Introdução à fenomenologia**. Porto-Portugal: RÈS- Editora, 1993.
- KUNG, Hans. **Religiões do mundo em busca dos pontos comuns**. São Paulo: Verus Editora, 2004.
- LACONIX, Pascoal. **O Espiritismo à luz da Razão**. São Paulo: Editora SCJ, 1940.
- MARCONI, Maria de Andrade. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MAUSS, Marcel. **Antropologia**/organizador da coletânea Roberto Cardoso de Oliveira: São Paulo: Ática, 1979.
- MANN, William Edward. **Orgônio, Riche e Eros: a teoria da energia vital de Wilhelm Reich/W**. Edward Mann: São Paulo: Summus editorial, 1989.

- NICOLESCU, Basarab. **Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso.** In: VVAA. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: Triom, 2002.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre razão e fé.** São Paulo: Paulinas. 2000.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado.** São Paulo: Edipucrs, 1993.
- OZAKI, André Masao. **As religiões japonesas no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ROCHEDIEU, Edmound. **Xintoísmo e novas religiões do Japão.** São Paulo: Editora Verbo, 1982.
- RIVIERE, R. Jean. **Oriente e Ocidente.** Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1980.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- ROHDEN, Cleide Scartelli. A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1988.
- SAMUEL, Albert. **As religiões hoje.** São Paulo: Paulus, 1997.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. **Fé e razão: uma questão atual?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1934),** Londrina : Eduel, 2005.
- TED Peters; GAYMON Bennett. **Construindo pontes entre a Ciência e a Religião.** São Paulo: Edições Loyola: Editora UNESP, 2003.
- TERRIN, Aldo Natale. **O Sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões:** São Paulo: Loyola: 1998.
- _____. **Introdução ao estudo comparado das religiões.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. **Antropologia e horizontes do sagrado.** São Paulo: Paulus, 2004.
- WASSERSTROM, Steven. **A religião além da religião.** São Paulo: Triom, 2003.
- ZITKOSKI, José Jaime. **O método Fenomenológico de Husserl,** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

Literatura das religiões

- ALBUQUEQUE, L.M.B. de. **Seicho-no-ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação.** São Paulo: Annablume / FAPESP, 1999. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- ANGELO, Jack. **A cura espiritual.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- ARAIA, E. **Espiritismo: doutrina de fé e ciência.** São Paulo: Ática, 1996.
- ARMOND, Edgard. **Passes e radiações, métodos espíritas de cura.** São Paulo: Editora Aliança, 1991.
- BRENNAN, Bárbara Ann. **Mãos de luz – um guia para cura através do campo de energia humana.** São Paulo: Editora Pensamento, 1999
- BÍBLIA. Português. Tradução de BELLOSO, J. M. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.
- GENTILE, Salvador. **O passe magnético. Seus fundamentos e sua aplicação.** São Paulo: Difusão Espírita, 1994.
- GREENFIELD, S. M. **Cirurgias do além: pesquisas antropológicas sobre curas espirituais.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- GRISA, Pedro A. ; BACK, FREI Hugolino. **A Cura Pela Imposição das Mãos.** Santa Catarina: Editora de Parapsicologia e Psicofônica, 1987.
- HANSON Virgínia, STEWART Rosemarie. **Karma A Lei Universal da Harmonia.** São Paulo: Pensamento, 1997.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno (ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo),** Araras: IDE, 1991.
- _____. **O Livro dos Espíritos,** São Paulo: Editora Ismael, 2005.
- _____. **O Livro dos Médiuns,** São Paulo: LAKE, 1999.
- LÜBECK, Walter. **Manual de reiki: um guia completo para a prática do reiki.** São Paulo: Ground, 1997.
- MAPLE, Eric. **A antiga arte de cura espiritual.** São Paulo: Hemus, 1979.
- MEEK W. George. **As Curas Paranormais.** São Paulo: Pensamento, 1995.
- MELO, Jacob. **O passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática.** Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.
- MIKAO, Usui. **Original reiki Handbook.** Lotus Press, 2003.
- MIRANDA, Manoel Filomeno. **Terapia pelos passes.** Bahia: LEAL, 1996.

OKADA, Mokiti. **Alicerce do Paraíso, Meishu-Sama e o Johrei v1** : São Paulo: Fundação Mokiti Okada,2002.

_____.**Alicerce do Paraíso**, v.2: São Paulo:Fundação Mokiti Okada,2002.

_____.**Alicerce do Paraíso, O homem, a saúde e a felicidade.v.3**: São Paulo: Fundação Mokiti Okada,2002.

_____.**Alicerce do Paraíso, O homem no cotidiano.v.4**: São Paulo: Fundação Mokiti Okada,2002.

_____.**Alicerce do Paraíso, Agricultura Natural, Arte e Sociedade,v 5**: São Paulo:Fundação Mokiti Okada,2002.

_____.**Luz do Oriente** Biografia de Mokiti Okada. 3.ed.,v.01.São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1999.

PETER, Frank Arjava.Reiki:**O legado do Dr. Usui:o documento original do dr. Mikao Usui,o** desenvolvimento do sistema por ele criado e sua dimensão no mundo atual.São Paulo: Editora Ground,2002.

RAMOS, Sonia S. **REIKI – o sistema Usui de cura natural**. São Paulo: Meca, 1995.

RAMM-BONWITT, I. **Mudras. As mãos como símbolo do Cosmo**. São Paulo: Pensamento, 1997.

STEIN, Diane. **Reiki Essencial: manual completo sobre uma antiga arte de cura**: São Paulo: Pensamento - Cultrix,1995.

SWEDENBORG, Emmanuel. **A Verdadeira Religião Cristã v.I** Rio de janeiro:Livraria Freitas Bastos S/A,1963.

_____.**A Verdadeira Religião Cristã v.II**, Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1963.

WANTUIL, Zêus. **As Mesas Girantes e o Espiritismo**, Rio de Janeiro: FEB, 1978.

ZWEIG, Stephan. **A cura pelo espírito**. Rio de Janeiro: Delta, 1956.

Auto-ajuda

De' CARLI, Johnny. **Reiki universal**. São Paulo: Madras, 2006.

_____. **Reiki sistema tradicional Japonês**. São Paulo: Madras, 2006.

_____. **Reiki:apostilas oficiais**.São Paulo: Mandras,2006.

_____.**Reiki Universal: Sistema Usui,Tibetano,Osho e Kahuma**.São Paulo:Mandras:2006.

_____.**Reik, amor, cura e transformação**. São Paulo: Mandras, 1998.

DENIS, Leon. **O porquê da vida**. São Paulo: Editora FEB, 2006.

_____. **A Nova Revelação**, Rio de Janeiro: FEB: 1918.

DIVALDO, Pereira Franco. **Loucura e Obsessão**. São Paulo: FEB, 2001.

Teses e Dissertações

GONÇALVES, H. R. Perfect Liberty: **O fascínio de uma religião japonesa no Brasil**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (tese), 1998.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O Cuidado dos mortos: os discursos e intervenções sobre o Espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Revistas

KARDEC, A. **Revista espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos: Ano 4, fevereiro/1861: Instituto de Difusão Espírita:1993. Disponível em <http://www.espirito.org.br> Acesso em 10 de abril de 2008.

_____.**Revista espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos: Ano 4, março/1858: Instituto de Difusão Espírita:1993. Disponível em <http://www.espirito.org.br> Acesso em 11 de junho de 2008.

Revista **Consultor Jurídico** 14 de July de 2007 disponível em http://www.osgefic.org/content/view/206/84/lang.brazilian_portuguese/ acesso em 30/09/2008.

HABERMAS, Jürgen. Os secularizados não devem negar potencial de verdade a visões de religiosa de mundo. <http://www.Unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158268041.12pdf.pdf>

PEREIRA, José Carlos Pereira. **A Igreja e o sincretismo religioso**. Revista Educação Espírita, n°. 5. Disponível em <http://www.panoramaespirita.com.br>. Acesso em 23 de setembro de 2008.

MELO, Jacob. **Magnetismo e Espiritismo**. Revista Espírita, 1858.

MENEZES, Bezerra. **Biografia**. Disponível em: <http://www.espiritismogi.com.br/biografias.htm>. Acesso em 15 de abril de 2008.

SABBATINI, Renato. Revista eletrônica de divulgação científica em neurociência artigo “**A descoberta da bioeletricidade**” publicado no n. 6 (ago/98) de Cérebro & Mente Disponível em <http://www.epub.org.br/cm/n06/historia/bioelectr.htm> Acesso em 12 de abril de 2008.

ALMEIDA, L. Ozório, Criação e destruição, em: Caderno Mais - Folha de São Paulo, julho 2001.

Dicionário

BUARQUE DE Aurélio Holanda Ferreira. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Básico)**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1988.

KÖNIG Franz; WALDENFELS Hans. **Léxico das religiões**. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

Jornal

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 02 de julho de 1853 disponíveis em <http://jornalcidade.uol.com.br/paginas.php?id=12772> acesso em 02 de setembro de 2008.

JORNAL MESSIÂNICO disponível em <http://www.messianica.org.br/jm/347/pag2.pdf> acesso em 29 /09/2008.

Luigi Galvani <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuigiGal.html> acesso em 10/04/08.

KARDEC, A. **A Viagem Espírita em 1862**, Matão: O Clarim, 1968 disponível em <http://www.geae.inf.br/pt/livros/cronologia/referencia.html> acesso em 10 de outubro de 2008.

NOBRE, Marlene. Folha Espírita, junho de 2004. Disponível em http://www.amebrasil.org.br/html/duv_nem.htm acesso em 02 de outubro de 2008.